



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA**  
**DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS**  
Curso Reconhecido pelo MEC, Portaria 485 de 14/05/2020, publicada no D.O.U 18/05/2020

**BENTO ORLANDO MUTOBA**

**A ESTRUTURA DOS CLÍTICOS PRONOMINAIS EM COMPLEXOS VERBAIS:  
UMA ANÁLISE SOCIOLINGÜÍSTICA DO PORTUGUÊS DE MOÇAMBIQUE**

Feira de Santana-BA

2025

**BENTO ORLANDO MUTOBA**

**A ESTRUTURA DOS CLÍTICOS PRONOMINAIS EM COMPLEXOS VERBAIS:  
UMA ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA DO PORTUGUÊS DE MOÇAMBIQUE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual de Feira de Santana, como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

**Orientadora:** Profa. Dra. Norma Lucia Fernandes de Almeida

Feira de Santana-BA

2025

**Ficha catalográfica - Biblioteca Central Julieta Carteadó - UEFS**

Mutoba, Bento Orlando  
M986e A estrutura dos clíticos pronominais em complexos verbais: uma  
análise sociolinguística do português de Moçambique / Bento Orlando  
Mutoba.- 2025.  
138f.: il.

Orientadora: Norma Lúcia Fernandes de Almeida

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Feira de Santana.  
Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, 2025.

1. Português moçambicano – Variedade. 2. Sociolinguística. 3.  
Colocação pronominal. 4. Português moçambicano – Norma oficial. 5.  
Complexos verbais. 6. Clíticos pronominais. I. Almeida, Norma Lúcia  
Fernandes de, orient. II. Universidade Estadual de Feira de Santana.  
Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos. III. Título.

CDU: 801:30

## **FOLHA DE APROVAÇÃO**

### **A ESTRUTURA DOS CLÍTICOS PRONOMINAIS EM COMPLEXOS VERBAIS: UMA ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA DO PORTUGUÊS DE MOÇAMBIQUE**

**BENTO ORLANDO MUTOBA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos - PPGEL, em 18 de fevereiro de 2025, nível de Mestrado, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Estudos Linguísticos, pela Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS, conforme avaliação da Banca Examinadora:



---

Profa. Dra. Norma Lucia Fernandes de Almeida - orientadora  
Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS  
Doutorado em Linguística  
Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP



---

Profa. Dra. Fernanda de Oliveira Cerqueira – membro externo  
Universidade Federal da Bahia - UFBA  
Doutorado em Língua e Cultura  
Universidade Federal da Bahia - UFBA



---

Prof. Dra. Silvana Silva de Farias Araújo – membro interno  
Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS  
Doutorado em Língua e Cultura  
Universidade Federal da Bahia - UFBA

## AGRADECIMENTOS

Antes de mais, elevo meu agradecimento a Deus, Uno e Trino, pela dádiva da vida, pelas oportunidades que me foram concedidas e pela presença em cada passo desta jornada. A ele devo a minha gratidão pelas pessoas certas que surgiram em meu caminho e que, de formas singulares, tornaram possível a realização desta dissertação.

Dirijo a minha mais profunda gratidão à minha orientadora, Profa. Dra. Norma Lucia Fernandes de Almeida, que, mais do que compartilhar o nome da minha mãe, foi para mim o reflexo do carinho, da atenção e da paz que só encontro na Dona Lúcia. Agradeço-lhe pela confiança inabalável, pelas oportunidades e pelo olhar aguçado, sagaz e experiente que conduziu a nossa pesquisa. Tenho ciência da minha insuficiência, mas, em sua atuação como professora, orientadora e, acima de tudo, mãe, encontrei a força para superar desafios encontrados. A ela devo tudo que marcou esta caminhada.

A minha gratidão se estende à Profa. Dra. Silvana Silva de Farias Araújo, cujas leituras atentas, críticas construtivas e valiosas contribuições foram fundamentais em momentos-chave, como durante a qualificação e as apresentações dos resultados parciais. Partilhou - juntamente com a Profa. Dra. Huda Silva Santiago, sempre gentil e generosa e a quem estendo a minha gratidão com igual intensidade - oportunidades, saberes, olhares críticos nas leituras dos meus trabalhos e convites a palestras, que muito enriqueceram o meu percurso acadêmico. Foram para mim pilares inestimáveis nesta jornada.

À Profa. Dra. Fernanda de Oliveira Cerqueira, agradeço pela leitura cuidadosa, sugestões e contribuições tão valiosas que moldaram significativamente esta dissertação. Sem elas, esta pesquisa não teria alcançado a qualidade que hoje apresenta.

Sou imensamente grato ao GCUB-Mob por me ter agraciado com a oportunidade de estudar no Brasil, bem como à CAPES, cujo financiamento tornou viável esta experiência transformadora. Ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da UEFS, meu sincero reconhecimento por tudo que me proporcionou: desde da formação às viagens acadêmicas, onde partilhei ideias e recebi olhares enriquecedores.

Agradeço ao NELP, no qual através do I Fórum de Estudos de Variedades de Português conheci a Profa. Dra. Willi Corôa, responsável pela partilha da primeira bibliografia que iluminou os caminhos desta pesquisa.

Aos meus pais, Orlando Alberto Mutoba e Lúcia Fulau Machire, aqueles a quem eu dedico essa e todas as minhas conquistas, com a certeza de que orgulhosamente vibram por

cada uma delas; aos meus irmãos, Elton, Mércia e Delux, pelo apoio, parceria e pela torcida sincera em cada sonho e realização minha.

Aos amigos, Arcedes, Lucas e Amosse, meu carinho eterno pelo conforto em momentos de desalentos, percalços e até devastações, pela parceria e convívio tanto social quanto acadêmico. Com Arcedes, aprendi a verdadeira arte de doação ao outro; com Lucas, aprendi que “a vida é uma questão de fé”; com Amosse, aprendi a ser tropa com olhos sempre abertos mirando o propósito sem distração. Meus amigos, com vocês tenho sido uma pessoa melhor.

Agradeço ao Me. Isaías Mucindo Mate, por desde muito ser o meu professor academicamente e na vida, pela convivência cordial e inspiradora e pelas lições de vida que moldam o meu crescimento em todas as facetas. Kxanimambo, Madala!

Ao Me. Lucério Sarmento Gundane, a minha influência e maior referência no mundo linguístico. E a todos os professores que mesmo não os referenciando, contribuíram demasiadamente em toda a minha formação.

Ao meu amigo, Manoel Crispiniano Alves da Silva, minha gratidão pela partilha de materiais fundamentais, pelos diálogos enriquecedores sobre o nosso objeto de pesquisa e pela luz que trouxe para o desenvolvimento desta dissertação.

Ao Rodrigo Rehem, agradeço pela escuta atenta, pelo cuidado e por me ajudar a reencontrar o essencial em momentos de dúvida e de pouco vislumbre da esperança. Seu contributo foi essencial para a conclusão deste trabalho.

À minha amiga, Yara Novais, meu agradecimento pelo afeto e pela gentileza que sempre acenderam o melhor em mim. À Fran Albano, por dividir, com a Profa. Norma, o cuidado maternal que tanto me fortaleceu. À Sirlene Bispo e à Feliciano Oliveira, pela disposição incansável em ajudar em tudo, mesmo antes de eu perceber o que precisava.

Agradeço também a minha estimada colega, Lara da Silva Cardoso, por me permitir estar confortável para pedir ajuda de tudo quanto julguei que ela pudesse ajudar e, que esteve presente desde as primeiras discussões, oferecendo apoio e partilhando saberes que foram além das minhas expectativas.

Aos meus colegas amigos, Jalmir Profeta pelos esclarecimentos e conversas elucidativas; Emanuelle Dantas, cuja atenção, generosidade e energia positiva tanto me motivaram; Matheus Azevedo, pela solícita ajuda em fornecer bibliografias de difícil acesso, porém, indispensáveis; e a outros que, com diversos sabres, gestos e palavras, foram parte desta jornada, enriquecendo-a de distintas maneiras, endereço a minha gratidão.

Aos bons conhecidos, meu mais sincero e profundo *kxanimambo*!

É tempo de "aceitar as sombras,  
enterrar os medos, largar o lastro,  
retomar o voo, destravar os tempos,  
arrumar os escombros e destapar o céu  
Viver a vida é aceitar o desafio,  
recuperar o riso, ensaiar o canto,  
baixar a guarda e estender as mãos.  
abrir as asas e tentar de novo,  
celebrar a vida e retomar os céus"

Mario Benedetti (s/d [1900-1939])

Por sorte e vigor da natureza, não desisti,  
Apenas me entreguei à consciência  
Fui como a língua que falamos  
que nunca desiste da própria existência  
Apenas se transforma e muda de forma  
E a isso não devemos propor resistência  
Tudo o que vive e desenvolve entre os Homens,  
tem que encerrar os sustos da própria evolução

## RESUMO

A ordenação dos clíticos em complexos verbais coloca a variedade moçambicana do Português rumo à própria autonomia, visto que não segue estritamente os padrões da norma-padrão, que se embasa no Português Europeu. Enquanto na norma-padrão, a variação da colocação pronominal ocorre em função de contextos morfossintáticos específicos, como a presença de elementos proclisadores, na variedade moçambicana, observa-se que o contexto linguístico exerce uma influência reduzida sobre o ordenamento clítico. Esse fenômeno variável desperta, uma vez mais, a necessidade do reconhecimento de uma norma oficial do Português falado em Moçambique. De acordo com Silva (2022), a colocação pronominal já foi amplamente investigada na variedade brasileira e portuguesa com dados de diferentes modalidades (oral e escrita) e sob diferentes perspectivas (diacrônica e sincrônica). Entretanto, na variedade moçambicana, ainda são escassas as pesquisas que abordam essa temática, principalmente, em complexos verbais, possivelmente devido à menor produtividade dessas estruturas em comparação com as estruturas simples, mais recorrentes na fala cotidiana (Vieira, 2013). Assim, a partir da proposta realística de discutir a variação do Português de Moçambique mediante a necessidade do reconhecimento de uma norma oficial, considerando a frequência e consistência das variantes em variação e, com embasamento da Teoria da Variação e Mudança (Weinreich; Labov; Herzog, 1968 [2006]), esta pesquisa busca analisar a colocação pronominal em complexos verbais na variedade moçambicana do Português. Considerando este objetivo, foi constituída uma amostra de 15 participantes a partir de falas de programas televisivos distribuídos pelas cidades de Maputo, Beira e Nampula, para análises quantitativas. Os resultados apontam um quadro variável da colocação pronominal em complexos verbais na variedade moçambicana, destacando-se a produtividade da variante intra-complexo verbal com próclise a V2; assim, a distribuição nas demais variantes depende ligeiramente de fatores linguísticos e socioculturais. Por exemplo, a variante pré-complexo verbal ocorre exclusivamente na presença de condicionadores, enquanto a variante intra-complexo verbal com ênclise a V1 é mais frequente em casos de inícios absolutos de oração e de hipercorreção. Além disso, a escolaridade se revelou como um fator relevante para a ocorrência de duas variantes (CL V1 V2 e V1-CL V2). Por outro lado, variáveis sociais como faixa etária, origem, profissão e sexo não apresentaram um impacto significativo. A alta produtividade da próclise a V2 revela uma inovação a ser interpretada como uma possível mudança em curso na variedade moçambicana do Português, caminhando na mesma direção que a variedade brasileira na qual essa variante é semi-categórica; e ao mesmo tempo corroborando com a hipótese de “*continuum* entre as variedades constituídas em contexto histórico de colonização e expansão da língua portuguesa” (Silva, 2022, p. 124), conforme defendido por Petter (2015) e Avelar e Galves (2014).

**Palavras-chave:** Variedade Moçambicana. Colocação Pronominal. Complexos Verbais. Proposta Inclusiva. Norma Oficial.

## ABSTRACT

The ordering of clitics in verbal complexes moves the Mozambican variety of Portuguese towards its own autonomy, since it does not strictly follow the patterns of the standard norm, which is based on European Portuguese. While in the standard norm, the variation in pronominal placement occurs according to specific morphosyntactic contexts, such as the presence of proclitic elements, in the Mozambican variety, the linguistic context has little influence on clitic ordering. This variable phenomenon once again arouses the need to recognize an official norm of Portuguese spoken in Mozambique. According to Silva (2022), pronominal placement has already been widely investigated in the Brazilian and Portuguese varieties with data from different modalities (oral and written) and from different perspectives (diachronic and synchronic). However, in the Mozambican variety, there is still little research on the same subject, especially on verbal complexes, possibly due to the lower productivity of these structures compared to simple structures, which are more recurrent in everyday speech (Vieira, 2013). Thus, based on the realistic proposal of discussing the variation of Mozambican Portuguese through the need to recognize an official standard, considering the frequency and consistency of the variants in variation and, with the foundation of the Theory of Variation and Change (Weinreich; Labov; Herzog, 1968 [2006]), this research seeks to analyze pronominal placement in verbal complexes in the Mozambican variety of Portuguese. With this objective, a sample of 15 participants was drawn from speeches from television programs in the cities of Maputo, Beira and Nampula, for quantitative analysis. The results point to a variation in pronominal placement in verbal complexes in the Mozambican variety, with the productivity of the intra-verbal complex variant with proclisis at V2; thus, the distribution in the other variants depends slightly on linguistic and sociocultural factors. For example, the pre-verbal complex variant occurs exclusively in the presence of conditionals, while the intra-verbal complex variant with V1 enclisis is more frequent in absolute sentence beginnings and cases of hypercorrection. In addition, schooling proved to be a relevant factor for the occurrence of both variants (CL V1 V2 and V1-CL V2). On the other hand, social variables such as age, origin, profession and gender did not have a significant impact. The high productivity of proclisis in V2 is an innovation that can be interpreted as a possible change underway in the Mozambican variety of Portuguese, moving in the same direction as the Brazilian variety in which this variant is semi-categorical; and at the same time corroborating the hypothesis of a “continuum between the varieties constituted in a historical context of colonization and expansion of the Portuguese language” (Silva, 2022, p. 124), as defended by Petter (2015) and Avelar and Galves (2014).

**Keywords:** Mozambican variety. Pronominal collocation. Verb complexes. Inclusive Proposal. Official Standard.

## LISTA DE TABELAS

|                                                                                                                                      |     |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| <b>Tabela 1</b> - Distribuição geral dos dados pela variável dependente.....                                                         | 92  |
| <b>Tabela 2</b> - Distribuição dos dados em função do número de verbos auxiliares .....                                              | 93  |
| <b>Tabela 3</b> - Distribuição dos dados em função da forma do VAux/semiauxiliar.....                                                | 101 |
| <b>Tabela 4</b> - Distribuição das ocorrências de acordo com o número das formas do VAux com VP<br>infinitivo .....                  | 103 |
| <b>Tabela 5</b> - Distribuição dos dados de acordo com a forma clítica.....                                                          | 104 |
| <b>Tabela 6</b> - Distribuição das ocorrências de acordo com o elemento antecedente ao CV .....                                      | 111 |
| <b>Tabela 7</b> - Distribuição dos dados em função da presença/ausência de elementos no interior do<br>CV.....                       | 113 |
| <b>Tabela 8</b> - Distribuição dos dados de acordo com a distância entre CV-Cl ou CL-CV e um<br>elemento antecedente ao verbo.....   | 115 |
| <b>Tabela 9</b> - Distribuição dos dados de acordo com a faixa etária .....                                                          | 117 |
| <b>Tabela 10</b> - Distribuição das ocorrências de acordo com o sexo.....                                                            | 118 |
| <b>Tabela 11</b> - Distribuição das ocorrências de acordo com o nível de escolaridade .....                                          | 118 |
| <b>Tabela 12</b> - Distribuição dos dados em função da origem dos participantes.....                                                 | 119 |
| <b>Tabela 13</b> - Distribuição das ocorrências de acordo com a profissão.....                                                       | 120 |
| <b>Tabela 14</b> - A ordem pronominal em complexos verbais nas variedades portuguesa, brasileira<br>e moçambicana do Português ..... | 125 |

## LISTA DE GRÁFICOS

|                    |                                                                                                          |     |
|--------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| <b>Gráfico 1 -</b> | Distribuição dos dados de acordo com a forma do VP                                                       | 95  |
| <b>Gráfico 2 -</b> | Distribuição da variante dependente de acordo com o VP gerundivo                                         | 96  |
| <b>Gráfico 3 -</b> | Distribuição da variável dependente em complexos com Particípio                                          | 98  |
| <b>Gráfico 4 -</b> | Distribuição das ocorrências pela variável dependente em complexos verbais com verbo temático infinitivo | 100 |

## LISTA DE FIGURAS

|                   |                                                                                           |    |
|-------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| <b>Figura 1 -</b> | Distribuição das línguas bantu pelo Mapa de Moçambique                                    | 26 |
| <b>Figura 2 -</b> | A Perspectiva Sociolinguística                                                            | 56 |
| <b>Figura 3 -</b> | Mapa de Moçambique com destaque das cidades consideradas para construção do <i>corpus</i> | 63 |
| <b>Figura 4 -</b> | Ilustração da imagem da página oficial do VB-CABLE                                        | 70 |
| <b>Figura 5 -</b> | Resultado da análise de alguns dados do <i>corpus</i> no Praat                            | 89 |
| <b>Figura 6 -</b> | Resultado da experimentação da análise acústica no Praat                                  | 90 |

## LISTA DE QUADROS

|                   |                                                                                   |    |
|-------------------|-----------------------------------------------------------------------------------|----|
| <b>Quadro 1 -</b> | Classificação das LB na Perspectiva de Guthrie (1967-71)                          | 27 |
| <b>Quadro 2 -</b> | Ilustração de alguns fenômenos existentes no PM                                   | 30 |
| <b>Quadro 3 -</b> | Síntese das contribuições atinentes às perspectivas a considerar no PM            | 37 |
| <b>Quadro 4 -</b> | Estratificação dos participantes considerados para a amostra da pesquisa          | 65 |
| <b>Quadro 5 -</b> | Quadro de codificação da variável dependente                                      | 71 |
| <b>Quadro 6 -</b> | Variáveis linguísticas consideradas na pesquisa                                   | 72 |
| <b>Quadro 7 -</b> | Estratificação da amostra de fala do Português de acordo com as variáveis sociais | 84 |

## LISTA DE SIGLAS

|          |                                          |
|----------|------------------------------------------|
| CL V1 V2 | Próclise ao Complexo Verbal              |
| CV       | Complexo Verbal                          |
| EVS      | Estruturas Verbais Simples               |
| FVS      | Forma Verbal Simples                     |
| L1       | Língua materna (primeira)                |
| L2       | Língua Segunda                           |
| LB       | Língua Bantu                             |
| LP       | Língua Portuguesa                        |
| Intra-CV | Posição Intra-complexo verbal            |
| MOZ      | Moçambique                               |
| PB       | Português Brasileiro                     |
| OD       | Objeto Direto                            |
| OI       | Objeto Indireto                          |
| PE       | Português Europeu                        |
| PM       | Português de Moçambique                  |
| Pré-CV   | Posição proclítica ao CV/a V1            |
| Pós-CV   | Posição enclítica ao CV/a V2             |
| SN       | Sintagma Nominal                         |
| SV       | Sintagma Verbal                          |
| TV       | Televisão                                |
| UEM      | Universidade Eduardo Mondlane            |
| V1       | Verbo Axiliar                            |
| V2       | Verbo Principal/Pleno                    |
| V1-CL V2 | Ênclise ao verbo auxiliar do CV          |
| V1 CL V2 | Próclise ao verbo principal/pleno do CV  |
| V1 V2-CL | Posição Pós-complexo verbal/ênclise a V2 |
| VAux     | Verbo Auxiliar                           |
| VP       | Verbo Principal                          |

## SUMÁRIO

|                |                                                                                     |           |
|----------------|-------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>1</b>       | <b>INTRODUÇÃO</b>                                                                   | <b>16</b> |
| <b>2</b>       | <b>REVISÃO DA LITERATURA</b>                                                        | <b>25</b> |
| <b>2.1</b>     | SITUAÇÃO LINGUÍSTICA DE MOÇAMBIQUE                                                  | 25        |
| <b>2.2</b>     | GRAMÁTICA DOS CLÍTICOS PRONOMINAIS EM COMPLEXOS VERBAIS                             | 41        |
| <b>2.2.1</b>   | ESTUDOS SOBRE A COLOCAÇÃO PRONOMINAL EM COMPLEXOS VERBAIS NA VARIEDADE DO PB E PM   | 49        |
| <b>3</b>       | <b>REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO</b>                                             | <b>55</b> |
| <b>3.1</b>     | SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA: PRESSUPOSTOS TEÓRICOS                               | 55        |
| <b>3.2</b>     | DESCRIÇÃO DO <i>CORPUS</i> E PARTICIPANTES DA PESQUISA                              | 62        |
| <b>3.3</b>     | ETAPAS DA PESQUISA                                                                  | 69        |
| <b>3.3.1</b>   | PROCEDIMENTOS DA TRANSCRIÇÃO DO <i>CORPUS</i>                                       | 69        |
| <b>3.4</b>     | VARIÁVEIS DA PESQUISA                                                               | 71        |
| <b>3.4.2</b>   | AS VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS                                                           | 72        |
| <b>3.4.2.2</b> | AS VARIÁVEIS SOCIAIS                                                                | 84        |
| <b>3.5</b>     | DESAFIOS E DECISÕES METODOLÓGICAS                                                   | 87        |
| <b>4</b>       | <b>APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS</b>                                             | <b>92</b> |
| <b>4.1</b>     | DISTRIBUIÇÃO GERAL DOS DADOS PELA VARIÁVEL DEPENDENTE                               | 92        |
| <b>4.2</b>     | Ordenação dos clíticos pronominais de acordo com a forma verbal principal Gerundiva | 96        |
| <b>4.3</b>     | Ordenação dos clíticos pronominais em Complexos com VP no Particípio                | 97        |
| <b>4.4</b>     | Ordenação Pronominal em Complexos Verbais com Verbo Temático Infinitivo             | 100       |

|              |                                                                                                                               |            |
|--------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| <b>4.5</b>   | <b>SISTEMATIZAÇÃO DOS RESULTADOS: FREQUÊNCIA E CONSISTÊNCIA DA ORDENAÇÃO CLÍTICA EM CV NO PM</b>                              | <b>121</b> |
| <b>4.5.1</b> | <b>Os Resultados dos Complexos Verbais com Infinitivo</b>                                                                     | <b>122</b> |
| <b>4.6</b>   | <b>SÍNTESE COMPARATIVA DOS PADRÕES DE ORDENAÇÃO PRONOMINAL EM COMPLEXOS VERBAIS NAS VARIEDADES DO PORTUGUÊS (PM, PE e PB)</b> | <b>125</b> |
| <b>5</b>     | <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>                                                                                                   | <b>128</b> |
|              | <b>REFERÊNCIAS</b>                                                                                                            | <b>131</b> |

Isso tem de ser visto do ponto de vista de que Moçambique percebia que o português de Portugal servia, mas não bastava. Nós precisávamos introduzir nesse português uma marca de mudança, de identidade própria. É muito complicado fazer na língua do outro uma afirmação de nós próprios.<sup>1</sup>

## 1 INTRODUÇÃO

Em Sociolinguística, reconhece-se a língua e a sociedade como indissociáveis e, com esta relação, a língua naturalmente fica suscetível à variação que se pode dar de comunidade em comunidade de fala (Labov, 2008 [1972]), isto é, em função de alguns fatores, tais como: gênero, escolaridade, idade e local de nascimento; a língua apresenta sempre um caráter dinâmico, adaptativo ao contexto social no qual é usada considerando a situação dos falantes da qual se apropriam.

E a este fato, o Português de Moçambique (adiante PM<sup>2</sup>) não é exceção, ou seja, ainda que se tenha a norma portuguesa europeia vigorando como modelo a ser seguido, o PM vem se nacionalizando através de moçambicanismos que refletem a realidade sociocultural e linguística dos moçambicanos (Firmino, 2008; Lopes, 2004, Ngunga 2012, Timbane 2016). O Português em Moçambique vem sofrendo o processo de nativização<sup>3</sup> por conta de vários fatores linguísticos e extralinguísticos em detrimento do Português Europeu (doravante, PE).

Desse modo, reconhecendo-se, porém, a existência de manifestações linguísticas significativas e que marcam a variedade moçambicana da língua portuguesa (LP), os moçambicanos as tratam como fenômenos que têm/que devam ter espaço apenas em contextos informais, no entanto, inaceitáveis em contextos formais onde a norma-padrão<sup>4</sup> da variedade europeia é rigidamente privilegiada; daí a necessidade do reconhecimento de uma normal local oficial para que sejam reconhecidas e aceitas formalmente, enquanto parte da realidade linguística moçambicana.

---

<sup>1</sup> Afirmação de Mia Couto na entrevista: “*O grande crime do racismo é que anula, em nome da raça, o indivíduo*”, conduzida por Letícia Duarte para o jornal, *Zero Hora*, Porto Alegre, Brasil, 07.09.2014, e retirada do texto de Mikołajczak (2019, p. 118)

<sup>2</sup>PM – Usa-se esta sigla para se traduzir a expressão “Português de Moçambique”, uma nomenclatura também adotada por Mendes (2010), às vezes por Gonçalves (2005, 2012).

<sup>3</sup>Nativização – termo usado por linguistas moçambicanos para se referir ao processo de aculturação através do qual uma língua ex-colonial se aproxima do contexto sociocultural de um país pós-colonial.

<sup>4</sup> Por norma-padrão entendemos como aquela referente as prescrições da gramática normativa ou correspondente ao que Lucchesi (2015) chamou de norma institucionalizada.

Sobre esta adaptabilidade do Português ao contexto moçambicano, linguistas moçambicanos (Gonçalves, 2005, 2010; Mendes, 2010; Firmino, 2017; Nhatuve, 2017; Timbane, 2017) discutem a necessidade da normatização<sup>5</sup> dos traços que marcam a variedade moçambicana. Isto é, Gonçalves (2010) ressalta a necessidade de produzir informações que suportem adequadamente futuras decisões sobre a escolha de uma norma<sup>6</sup> local, através de pesquisas, envolvendo todas as áreas gramaticais, inclusive as quase inexploradas, como é o caso dos aspectos fônicos. Dessa forma, Gonçalves (2005) explica que:

As poucas declarações públicas oficiais sobre estas questões são assim unânimes relativamente à necessidade de adaptação do português à nova realidade moçambicana. Esta abertura à transformação do Português chega mesmo a aparecer associada a uma preocupação com a sua normatização (Gonçalves, 2005, p. 187)

Por seu turno, Firmino (2015), considerando a diversidade linguística em África que, consequentemente, propicia mudanças significativas nas línguas implantadas sob o processo de colonização – processo que se deu pela imposição da LP e, consequente, marginalização das línguas Bantu (LB), levando, em efeito, a todos a acreditarem na supremacia do português, o que até hoje se reverbera nas crenças e atitudes dos moçambicanos - sugere que cada país legitime uma norma própria ou que leve em consideração a realidade local mediante os traços de nativização que, por exemplo, em Moçambique, a LP vem ganhando.

Essa necessidade chega a se associar à busca pela autonomia linguística das ex-colônias portuguesas em função da realidade de cada comunidade linguística (Firmino, 2017) e pelo

---

<sup>5</sup> O conceito de normatização aqui recorrido não se define como processo de imposição de uma norma linguística para servir de padrão, mas sim, como processo de reconhecimento e aceitação dos usos reais e comuns da língua dentro de uma comunidade de fala. Tendo equivalência ao conceito que segundo Lucchesi (2015) é denominado por Milroy e Milroy de normatização vernacular referente a norma real de um grupo, muitas vezes subalternizada pelos grupos sociais que detêm o poder e que vão impondo as normas linguísticas. Um conceito que se opõe ao que Lucchesi (2015) chamou de normatização institucional, pois pressupõe inclusive o reforço, no comportamento linguístico desses grupos, de formas linguísticas que são condenadas pela normatização institucional.

<sup>6</sup> Apropriamo-nos do conceito da norma com base no instrumental teórico da Sociolinguística, na qual a norma é reconhecida como um conjunto de práticas linguísticas que são aceitas e compartilhadas dentro de uma determinada comunidade de fala. Lucchesi (2015) vai chamá-la de norma sociolinguística e explica que circunscreve um grupo social dentro de uma comunidade de fala, em função da maior semelhança no comportamento linguístico dos seus membros, já que a frequência média de uso das variantes linguísticas é diferente consoante o grupo social considerado. Ademais, ela se constitui a partir da avaliação particular que esse grupo faz da variação linguística, que é distinta dos demais grupos sociais e define um grupo de falantes pela convergência na direção dos processos de mudança que se observam nesse grupo (Lucchesi, 2015, p. 75). Portanto, segundo Lucchesi (2025, p. 75), a norma sociolinguística assenta-se nesses três parâmetros: (i) a frequência relativa de uso das variantes linguísticas entre os membros de cada grupo social; (ii) a avaliação subjetiva das variantes linguísticas comum aos membros de cada grupo; (iii) as tendências de mudança em curso em cada grupo social.

reconhecimento do construto linguístico social da língua enquanto instrumento dinâmico e caracterizado pela elasticidade.

Na mesma ordem, Nhatuve (2017) salienta que:

A normatização do falar comum de um povo – legitimação das realizações linguísticas que caracterizam os moçambicanos acabará com todas as interpretações negativas do modo de falar tipicamente moçambicano e promoverá a auto-estima linguística dos falantes. Para além disto, a normatização do PM legitimará os falares que têm espaço no país, o que inequivocamente, facilitará seu estudo. Mais do que isso, contrariamente ao que se pode pensar, constituirá o reconhecimento do carácter dinâmico e da evolução do Português (Nhatuve, 2017, p. 11).

Entretanto, mesmo evidente o espírito unânime dos linguistas sobre a necessidade da normatização da variedade do PM, vários são ainda os desafios que vedam a efetivação desse processo, dentre eles: considerando Moçambique um país de carácter multicultural e multilíngue (Ngunga, 2012; Nhampoca, 2015; Gundane, 2019), o PM não se constitui como uma variedade homogênea “devido ao contexto sociolinguístico marcado pelo uso do Português como língua franca e de instrução” (Nhatuve, 2017, p. 2), pelo seu encontro com outras línguas moçambicanas de grupo Bantu (Ngunga, 2012) e por realidades socioculturais heterogêneas, dando espaço aos fenômenos de transferência (Cardoso, 2007) e interferência linguísticas (Ngunga, 2009), ganha traços peculiares a nível nacional.

Assim, embora certos linguistas elucidem a necessidade da normatização da variedade do PM tendo como pano de fundo motivacional o seu distanciamento da norma europeia, como se a mesma se apropriasse ao contexto nacional de maneira homogênea, e consequentemente, empreendendo-se esforços escassos nas discussões referentes às subvariedades<sup>7</sup> existentes no contexto moçambicano, quando é possível, à guisa de exemplo, identificar a origem regional de um falante em função do seu modo de articulação dos sons da fala. O fato é que a variedade do PM apresenta subvariedades que merecem um olhar epistemológico para que possam ser reconhecidas como legítimas e, até parte, em um futuro próximo, da norma oficial do PM.

A normatização é um processo que permite a descrição de um modelo representativo e comum mediante a diversidade linguística dentro de uma comunidade de fala. Por isso, não deve estar distanciado do falar do povo, embora possa haver sempre algumas diferenças dialetais. E diante das diversas subvariedades existentes no PM, é certo que a questão de normatização, ainda que movida por razões consensuais, possa constituir um fator de exclusão

---

<sup>7</sup>Entendemos por subvariedades as diferentes manifestações linguísticas apresentadas pelos falantes de diferentes realidades dentro da variedade moçambicana, ou seja, as heterogeneidades da variedade moçambicana.

e minimização para alguns falantes, considerando a tendência, que vigora desde muito, da preferência da subvariedade dominante e/ou social e politicamente prestigiada como candidata a normatização.

Com base em nossa pesquisa de graduação, na qual discutimos perspectivas sobre a normatização do Português de Moçambique (PM) e problematizamos o que deveria ser normatizado diante das diversas subvariedades existentes, concluímos que muitos linguistas que já se dedicaram à questão da ‘seleção da norma’ tendem a preferir a subvariedade falada pela classe escolarizada como base para uma futura norma oficial moçambicana. No entanto, não fomos totalmente apologistas dessa escolha, pois defendemos que a norma legitimada não deve se distanciar da fala real dos seus usuários. Isso porque, mais do que a busca por uma norma idealizada, o processo de normatização em Moçambique deve considerar uma norma as realidade social, fundamentada na modalidade falada da língua.

Nesse viés, propomos, em consonância com Nhatuve (2017), a harmonização/integração dos traços frequentes ou comuns entre os falantes do PM na futura norma oficial da variedade moçambicana, aqueles que independentemente do grau de escolaridade permanecem típicos do PM. Devendo-se, através de comparação de usos, isolar os aspectos comuns (verdadeiras marcas do PM) entre os diferentes grupos e classes sociais existentes no país e descrevê-los.

Assim, nesta pesquisa, buscamos discutir a problemática da estrutura dos clíticos pronominais em complexos verbais na variedade do PM, com vista a responder/testar um dos pontos aberto a investigação (frequência<sup>8</sup> e consistência<sup>9</sup> dos fenômenos comuns) mediante a apropriação da perspectiva inclusiva no processo da normatização da variedade do PM face a sua postura heterogênea no contexto nacional.

Realmente, enquanto falante da mesma variedade e que experiencia as suas manifestações, um dos fenômenos que sobressai ou que se tem mostrado crescente no PM tem que ver com a variação da ordem dos clíticos pronominais, apesar de Moçambique ser um país em que há preocupação em se ajustar a norma europeia, a suposta norma de referência, sendo até no concernente ao uso dos clíticos pronominais incutida aos falantes a preferência pela variante pós-verbal – que a aproxima a variedade europeia, verificamos, no entanto, que a

---

<sup>8</sup> A frequência traduz a maneira com que uma variante se apresenta estatisticamente em cada um dos fatores linguísticos e sociais considerados numa pesquisa sociolinguística, podendo, por isso, ser um indicativo importante de tendências linguísticas ou de prestígio linguístico dentro de uma comunidade de fala.

<sup>9</sup> Com a consistência queremos compreender a regularidade de uma variante em todos fatores linguísticos e sociais, sendo que pode nos ajudar a avaliar a estabilidade de variantes linguísticas em diferentes contextos ou dentro de um grupo social.

tendência à colocação do clítico na posição intra-CV com próclise ao verbo temático é bastante parcial, mesmo na ausência de itens com função proclisadora no interior do grupo verbal. Ou seja, têm sido comum na materialização da LP por parte dos falantes moçambicanos construções abaixo referenciadas:

(1) *Eu definitivamente, definitivamente, eu **vou lhes dizer** uma coisa, eu me vejo muito nos seus comentários, porque aqui nós não estamos a discutir Partidos, não estamos a discutir nenhuma [...], estamos a discutir propostas.* (Fi, P-DM<sup>10</sup>)

(2) *Se eu fosse deputado, aquilo que eu estou a fazer aqui ia fazer na assembleia (está a perceber), e **não iam me pagar** para dormir lá, porque eu não ia dormir., eu ia falar [...]* (Fii, P-CM)

(3) *Eu não sou de Afeganistão, não sou de outro país, se **tiverem que me prenderem, vão me prender** aqui, e eu estou preparado para me prenderem aqui.* (Fii, P-CM)

Nas construções acima dos falantes do PM, há ocorrência de clíticos pronominais em contextos excluídos pela norma europeia: em (1) temos o clítico pronominal no interior do complexo verbal (CV), com próclise ao verbo infinitivo temático; quase de igual modo, em (2) temos na oração aditiva um advérbio de negação na posição pré-CV e clítico pronominal na posição intra-CV, com próclise ao verbo pleno/principal (VP). E em (3) temos na oração condicional um complexo verbal no qual o clítico ocorre na posição intra-CV, com próclise ao VP, sendo antecedido por um elemento proclisador, e na oração subsequente, ocorrendo na mesma posição, porém, sem elemento frásico que determine a próclise.

Ao contrário, desta tendência da ocorrência da próclise no VP aparentemente em todos contextos frásicos/morfossintáticos, no PE, variedade que nos serve de motriz para as nossas análises uma vez ainda dada o estatuto de norma-padrão do PM, a próclise depende de fatores internos, isto é, “não havendo elemento proclisador, a ênclise a V1 ou V2 constitui uma opção natural” (eu *vou-te dar* ou eu *vou dar-te*). E, de acordo com Vieira e Vieira (2018, p. 284), havendo elemento proclisador, a próclise ao complexo com infinitivo (*Não te vou largar*) é

<sup>10</sup> Este código oferece-nos algumas informações do participante, isto é, na ordem, temos a faixa etária (Faixa II-31-42), o P que significa Participante, o D que se refere ao código de identificação do participante em substituição do nome (Participante D) e o M correspondente a inicial da cidade de origem do participante (M = Maputo).

quase categórica, sendo “a V2 restrita a complexos *ter que/de*” (ex: *ter que me ensinar* ou *ter de me ensinar*) e admitida a opção de ênclise a V2, infinitivo temático, (*Não vou largar-te*).

Nesse prisma, com esta pesquisa buscamos atender, em forma de questão, o seguinte problema: Quais padrões de colocação dos clíticos pronominais em complexos verbais caracterizam o PM, considerando as manifestações linguísticas de falantes de diferentes grupos sociais e geográficos em Moçambique?

Numa tentativa de refletir sobre esta questão, temos como hipóteses as ideias de que: (1) a próclise, com ou sem antecedência de alguma categoria proclisadora, ao verbo temático infinitivo em CV tende a mostrar uma frequência e consistência quase categórica no PM; Em outros termos, a próclise ao núcleo do sintagma verbal (SV) complexo apresenta maior frequência e consistência na variedade moçambicana; (2) A variação da colocação clítica pronominal concorre com os padrões da norma-padrão, todavia, mostra maior frequência e consistência em relação às variantes admitidas pela norma-padrão europeia que vigora em Moçambique, em diferentes contextos sintáticos e sociais.

Assim, constituem objetivos desta pesquisa:

### **Geral**

- a) Analisar a colocação pronominal em CV na variedade do PM, considerando a frequência e a consistência da sua variação em Moçambique.

### **Específicos**

- i) Descrever a ordem dos clíticos pronominais em CV na variedade do PM em diferentes grupos sociolinguísticos;
- ii) Identificar a frequência e consistência, entre os falantes de diferentes grupos, da ordem dos clíticos pronominais que marca o PM em CV;
- iii) Buscar paralelo entre a variedade moçambicana com a variedade europeia enquanto norma-padrão e a variedade brasileira enquanto resultado, por parte, de também contato das línguas bantu.

Importante desde já ressaltar que em estruturas complexas é desafiador identificar a posição exata do clítico quando ocorre no interior do CV<sup>11</sup>, à medida que ele pode estar hospedado na posição enclítica do V1 ou proclítica do V2. Em torno disso, observamos alguns pontos que fundamentam a nossa percepção sobre a ordem do clítico no interior do CV,

---

<sup>11</sup> A flexão em número dessa sigla nesta pesquisa é determinada pela concordância com o elemento gramatical imediatamente próximo a ela, seja à esquerda (antes) ou à direita (depois).

posteriormente enfatizados na seção de metodologia desta pesquisa, neste caso, correspondentes a parâmetros acústicos (duração, intensidade), o modo da apresentação dos constituintes morfossintáticos, a posição dos elementos intervenientes no interior do CV.

Relativamente aos nossos interesses e motivações para com a realização desta pesquisa, começamos por recordar, como já avançamos, que o PM se caracteriza pelas sucessivas variações motivadas pelo caráter dinâmico, elástico e/ou adaptativo aos contextos do seu uso, como qualquer língua natural ou variedade do Português de cada comunidade de expressão portuguesa, tal como se confirma, por exemplo, no artigo de Firmino (2008) publicado na Revista Interacional da Língua Portuguesa produzida pela Associação das Universidades da Língua Portuguesa (AULP) sob título “África em Língua Portuguesa: variação no português africano e expressões literárias” ou mesmo em alguns estudos contrastivos entre PE e Português Brasileiro (adiante PB) como de Mateus (2001), Duarte e Matos (2005), Matos (2003), Coelho (2008), entre outros.

Em torno desta realidade, lemos em alguns trabalhos de linguistas moçambicanos debates atinentes à necessidade da descrição duma norma da variedade do PM em busca da sua autonomia e do reconhecimento da sua nativização ao território nacional. Justificando-se com a ideia de que o reconhecimento e a consideração das manifestações do PM constitui um aspecto prioritário e pertinente para a realização de qualquer trabalho relacionado com a gramática descritiva do PM (Nhatsuve, 2017) e que seja indispensável que se estabeleça uma norma oficial para o PM, pois a definição, necessariamente flexível, servirá, por um lado, para evitar uma fragmentação eventual, sem, no entanto, bloquear as transformações naturais que se vão verificando (Gonçalves, 2005).

Desta feita, a escolha do tema centra-se na necessidade de fomentar debates profundos e contínuos relativamente à situação do PM com vista a apoiar a necessidade da normatização da variedade que representa o falar do povo moçambicano e reconhecida como parâmetro no ensino da língua portuguesa nas escolas moçambicanas e, quiçá, o seu uso em textos oficiais; como também, elucidar sobre a variedade do PM, mediante a necessidade da sua normatização em busca de libertação convencional da norma europeia, que também é caracterizada por subvariedades manifestadas por diferentes moçambicanos, devendo, por isso, pautar-se por uma perspectiva inclusiva visando evitar situações de subalternização e/ou equívocos linguísticos referentes aos fenômenos que caracterizam a mesma variedade, um processo que pensamos que se deve dar considerando a consistência e a frequência da variação do PM.

Em termos de relevância, esperamos que a pesquisa contribua com linhas reflexivas pertinentes para o processo da normatização do PM sem sobressaltos considerando o seu caráter

heterogêneo e que, sobretudo, os resultados, aliados à proposta linguística inclusiva, mostrem a ordem dos clíticos pronominais comum e consistente da variante do PM em diferentes grupos em Moçambique, como aquela que deva ser considerada na futura norma oficial partindo da descrição do uso real.

A problemática da ordem dos clíticos pronominais já vem sendo discutida há décadas em diversas variedades, cita-se por exemplo Vieira (2011; 2016), Vieira e Vieira (2018) que estudou a colocação dos clíticos pronominais nas variedades africanas em comparação com a variedade portuguesa e brasileira. Em Moçambique, porém, constata-se que a maior parte dos estudos que abordam a temática e outros fenômenos destacados na variedade do PM foram desenvolvidos com base nos dados produzidos na zona sul do país, com maior enfoque na capital do país. Situação que nos faz pensar que há, portanto, muito ainda a desenvolver a respeito do tema com base numa perspectiva sociolinguística, para que seja possível uma abordagem comparativa criteriosa e estatisticamente fundamentada de dados das subvariedades existentes no país.

A nível da teoria linguística, esperamos que, para além de trazer à luz esta problemática aos olhos dos pesquisadores na área de Linguística sobre a descrição dos fenômenos ao mínimo detalhe e minúcia como contributo para o processo de normatização do PM, incite ou acautele sobre a necessidade de se desenvolver o processo de normatização tendo em vista as subvariedades imanentes na variante do PM a nível nacional, com vista a pensar-se sobre como e o que normatizar de forma justa com fundamentos consensualmente lógicos e que não subalternizem alguns a favor duma subvariedade exclusiva falada por outros: uma perspectiva que se configura nos pressupostos de uma proposta inclusiva de normatização.

A nível social esperamos que os resultados possam harmonizar a vontade e realidade social com a perspectiva inclusiva, a qual propomos que guie o processo de descrição e posterior normatização da LP em Moçambique, sendo que a preocupação não nasce da necessidade de constituição duma norma ideal, mas sim duma norma real, que toma como base a modalidade falada da língua (consideração dos traços que constituem os reais falares do povo moçambicano no geral) em detrimento da hipótese de se considerar uma exclusiva subvariedade como referência, com prestígio a subvariedade da classe escolarizada do sul tendente a apropriação quase taxativa dos modelos da norma europeia, sem se levar em consideração que a escolha duma subvariedade específica constitui uma forma de silenciamento das demais existentes.

Esta dissertação está organizada em cinco seções. Após esta introdução, a segunda seção apresenta a revisão da literatura, estruturada em três grandes subseções, referentes: (i) a situação linguística de Moçambique e as perspectivas de normatização do PM; (ii) a gramática dos

clíticos pronominais em complexos verbais, com base na variedade europeia do Português (PE); e (iii) a apresentação dos resultados de estudos sobre a colocação pronominal em complexos verbais na modalidade oral do PB e do PM.

A terceira seção trata dos fundamentos teórico-metodológicos e está dividida em seis subseções, que trazem sobre: (i) os pressupostos teóricos da sociolinguística variacionista; (ii) a descrição do *corpus* e dos participantes da pesquisa; (iii) as etapas da pesquisa; (iv) os procedimentos adotados para a transcrição do *corpus*; (v) as variáveis analisadas; e (vi) os desafios e decisões metodológicas enfrentados ao longo da pesquisa.

Na quarta seção, são discutidos os resultados da apresentação e análise dos dados da pesquisa, organizados em três subseções, que apresentam: (i) a distribuição geral dos dados segundo a variável dependente, considerando as três formas do verbo principal/pleno do complexo verbal (gerúndio, particípio e infinitivo); (ii) a sistematização dos resultados, com foco na frequência e consistência da variação na colocação pronominal em complexos verbais; e (iii) uma síntese comparativa dos padrões de ordenação pronominal em complexos verbais nas variedades do PM, PE e PB.

Por fim, a dissertação se encerra com as considerações finais e a lista de referências utilizadas para a prossecução desta pesquisa.

## 2 REVISÃO DA LITERATURA

Esta seção é reservada a constituição do estado da arte relativamente aos pontos do tema abordado, isto é, irá ser apresentada uma reflexão sobre o que já existe acerca do tema com vista a construir-se bases sólidas para o embasamento nas análises dos pontos que são considerados nesta pesquisa. A começar pela situação linguística de Moçambique, fenômenos da variedade do PM, perspectivas de proposição de uma norma oficial da variedade do PM face à sua nativização e heterogeneidade.

### 2.1 SITUAÇÃO LINGUÍSTICA DE MOÇAMBIQUE

Desenvolver uma pesquisa linguística em um país africano frequentemente implica considerar o plurilinguismo presente, pois muitos fenômenos linguísticos encontrados podem ser explicados pelo contato entre as línguas coabitantes. E Moçambique, com mais de 20 línguas faladas, exemplifica bem os fenômenos resultantes desse contato linguístico. Em torno disso, Pissurno (2018, p. 75) argumenta que para que se realize “um estudo minimamente fiel da variedade de Português falada em Moçambique, faz-se necessário o conhecimento da realidade linguística do país, que difere, e muito, da brasileira e da europeia”.

Moçambique localiza-se no sudeste do continente africano, concretamente na África Austral/África meridional, “com extensão territorial de 801.537km<sup>2</sup>, dividido em 11 províncias: Niassa, Cabo Delgado, Nampula, Zambézia, Tete, Manica, Sofala, Inhambane, Gaza, Maputo e a cidade de Maputo, capital do país” (Pissurno, 2018, p. 75).

O país é cercado pelo oceano Índico na sua costa oriental e faz fronteira com a Tanzânia ao norte; Malawi e Zâmbia a noroeste; Zimbabwe a oeste e Essuatíni e África do Sul a sudoeste; E hoje é um dos países africanos de expressão portuguesa “tal como Cabo Verde, Angola, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, devido à presença dos portugueses nos seus territórios, que resultou na colonização, uma colonização que se refletiu tanto a nível sociocultural, ideológico, assim como linguístico” (Mutoba e Almeida, 2024, p. 879). É sobre este último que nos dedicamos a tecer algumas considerações.

Assim, linguisticamente, compreende-se que Moçambique é um país plurilíngue ou de um enorme mosaico linguístico, típico de um país africano. Isto é, são cerca de 20 línguas originariamente moçambicanas, conforme se observa no mapa abaixo:

**Figura 1:** Distribuição das línguas bantu pelo Mapa de Moçambique.



**Fonte:** <https://www.marquesmungakha.blogspot.com/2011/11/tribos-mocambicanas.html>

E a LP junta-se a este universo com a evasão dos portugueses (1498) que para responderem os seus interesses coloniais, viram-se na necessidade de disseminação da LP por meio da evangelização e por imposição do uso do português em diferentes contextos sociais, um processo que, de acordo com Fanon (1961) em “Os condenados da Terra”, não apenas subjuga economicamente e politicamente, mas também aliena os colonizados de sua própria cultura e identidade, criando um complexo de inferioridade e um desejo de assimilação aos valores do colonizador. Entretanto, diferentemente do Brasil, em que maior parte das suas línguas locais<sup>12</sup> basicamente foram extintas por conta da forte imposição e pela “maior proporção da população dominante”, conforme se lê em Lucchesi (2008, p. 62); as línguas bantu (LB) resistiram e continuam a deter o maior número de falantes no país em relação ao Português.

Destarte, hoje a LP convive com as línguas africanas niger-congolês da décima-primeira subfamília chamada bantóide, neste caso, as línguas do grupo bantu, conhecidas como aquelas que partilham um número significativo de características similares ou comuns, particularmente o sistema de concordância e o sistema de classes nominais.

<sup>12</sup> Regista-se cerca de 170 línguas indígenas faladas por um pequeno número de falantes em comunidades bem localizadas.

Guthrie tem o mérito de ter feito uma classificação mais detalhada e tipológica destas línguas e, sobretudo, a classificação das línguas moçambicanas, tendo distribuído-as por quatro zonas, nomeadamente: G, P, N e S (de Norte a Sul); e nestas zonas estão subdivididas em grupos.

**Quadro 1:** Classificação das LB na Perspectiva de Guthrie (1967-71)

| <b>Zona</b> | <b>Grupo</b>  | <b>Línguas</b>                                                                                       |
|-------------|---------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 1. Zona G   | Swahili       | G.42: Kiswahili; G. 43: Kimwani                                                                      |
| 2. Zona P   | Yao           | P.21: Ciyao, P. 23: Shimakonde, P. 25: Shimaviha, P. 26: Cimahwe                                     |
|             | Makhwua Lomwe | P. 31: Emakhuwana, Exirima, P. 32: Elomwe                                                            |
| 3. Zona N   | Nyanja        | Cinyanja, Cicewa, Cimag'anja                                                                         |
|             | Nsenga-Sena   | Cinsenga, N.42:Cikunda, N.43:Cinyungwe, N.41:Cisena, N.45: Ciruwe, N.46:Cipodzo                      |
| 4. Zona S   | Shona         | S. 11: Korekore, S.12: Zezuru, S.13 a: Cimonyika, S.13 b: Ciwutewe, S.15 a: Cindau, S.15 b: Cindanda |
|             | Tswa-Ronga    | S.51: Xitswa; S.52: Xigwamba; S.53: Xichangana; S.54: Xironga; S.55: Xihlengwe                       |
|             | Copi          | Cicopi, S61. Cicopi (Cilenge); S.62.Gitonga                                                          |

**Fonte:** dados da pesquisa adaptados de Ngunga (2004).

Gundane (2019, p. 5) avança que “a língua portuguesa coexiste com línguas pertencentes ao grupo Bantu, maioritariamente faladas pela população”.

Vale destacar que o Quadro 1 organiza de maneira sistemática a vasta gama de línguas moçambicanas existentes que coabitam com o Português, língua que detém o estatuto de língua oficial, de ensino e de unidade nacional a partir da independência de 1975.

Ademais, no Quadro 1 apenas apresentamos as línguas codificadas por Guthrie (1967-71). No entanto, é possível notar-se a falta de algumas línguas, o que é até normal, pois relativamente ao número e línguas de grupo Bantu faladas em Moçambique, não há dados consensuais, visto que alguns linguistas vão tendo dificuldades ou fazendo confusão em diferenciar as verdadeiras línguas e os dialetos.

Em Gundane (2019), lemos que existe literatura que considera cerca de 40 línguas e outra que considera 20 línguas, como é o caso da Seção de Línguas Bantu da UEM<sup>13</sup>. Portanto, em termos numéricos há em Moçambique esta indefinição das LB faladas, porém, a única grande certeza é que constituem um grande mosaico linguístico.

Para além destas línguas, Nhampoca (2005) apud Gundane (2019, p. 5) destaca que são faladas, no território nacional, “línguas de origem europeia (Francês, Espanhol, Inglês e Alemão), de origem asiática e línguas do Médio Oriente (Mandarim, Urdu, Gujarati), de origem africana (swahili, sizulo) e línguas de sinais [...]”. Por sua vez, Timbane (2017, p. 21) refere que existem línguas fronteiriças faladas em Moçambique em países vizinhos tais como o nindi (da Tanzânia), o nsenga (da Zâmbia), o shona e o kunda (do Zimbabué).

Após o alcance da independência nacional em 1975, ideologicamente por conta da diversidade linguística em Moçambique, o português passou a ter o estatuto de língua oficial e de unidade nacional. No artigo 10 da Constituição da República de Moçambique, lê-se: “Na República de Moçambique a LP é a língua oficial”. Por isso, o seu domínio e uso mostram-se pontuais no contexto moçambicano, no qual também coabitam línguas nacionais reconhecidas pelo artigo 9 do mesmo documento normativo “[...] como património cultural e educacional [...]”. Um fato curioso, porém, é que a LP até os dias de hoje em Moçambique detém o menor número de falantes, principalmente como L1, em relação às LB’s.

Vale salientar que, normalmente, nas zonas rurais, as línguas bantu são línguas maternas (L1). A LP apresenta um *status* de língua estrangeira (LE) para moçambicanos dessas zonas, ou seja, é “utilizada em situações bastante artificiais, especialmente instrucionais, já que só é aprendida em contextos de educação formal”, enquanto em casa estes utilizam suas línguas maternas (LB) para comunicação diária. (Pissurno, 2018, p. 77)

Já nas zonas urbanas, de acordo com o mesmo autor, tem sido comum a LP funcionar como uma segunda língua (L2), ou seja, a exposição à LP não se faz apenas em contexto escolar, mas é exigida em praticamente todos os ambientes nos quais os indivíduos estabelecem comunicação, já que, mesmo que dentro de casa eles falem sua língua materna, fora dela é normalmente necessário comunicarem-se em LP, embora também nesses contextos seja possível encontrar falantes da LP que a tenha como L1 (língua materna).

Nesse sentido, grande parte dos falantes de Português hoje o tem como uma L2 (nas zonas urbanas) ou uma LE (nas zonas rurais), o que, consequentemente, gera “variabilidade das

---

<sup>13</sup>UEM – Universidade Eduardo Mondlane.

regras e traços gramaticais específicos” (Gonçalves, 2010, p. 37) devido a processos de aquisição e/ou aprendizagem diferentes.

Desta feita, em Moçambique é possível observar várias realidades que refletem a diversidade linguística presente no país que, portanto, de igual modo, traduz uma “situação sociolinguística típica de muitos países africanos” (Gundane, 2019, p. 6), que abre espaço para uma discussão gigante sobre várias questões linguísticas que se mostram pontuais para um país em harmonia com o seu povo e cultura.

De referir que o processo de colonização em Moçambique não se limitou à dominação territorial e econômica, mas também impôs a Língua Portuguesa como idioma de prestígio, relegando as línguas indígenas à marginalização. Essa política linguística colonial, sustentada por um sistema de exclusão e subjugação cultural, consolidou uma hierarquia linguística que persiste até os dias de hoje, influenciando profundamente as crenças e atitudes dos falantes moçambicanos (Firmino, 2001; Gonçalves, 2015).

### 2.1.1 Variação do Português de Moçambique

O Português falado e até escrito em Moçambique, ainda que esforços de replicação da norma europeia não faltem por parte dos falantes moçambicanos, tem vindo a ganhar uma dinâmica própria, ou seja, estudos anteriores (Gonçalves, 2005, 2010; Mendes, 2010; Ngunga, 2012; Firmino, 2010; Nhatuve, 2017; Timbane, 2017) permitem-nos compreender que o PE está sendo nacionalizado em decorrência da sua apropriação linguístico-cultural e simbólico-ideológica pelos moçambicanos, daí o surgimento de outra LP no país. O que se mostra como normal, considerando o caráter dinâmico que caracteriza uma língua natural e com a devida função social, comunicação.

A formação da variedade moçambicana do Português resulta, em grande parte, da interação com uma ampla diversidade de línguas presentes no país, predominantemente de origem bantu. Além disso, o contato com o inglês, especialmente por meio da vizinha África do Sul - um importante destino de migração laboral para muitos moçambicanos - também exerce influência sobre essa variedade em desenvolvimento.

Em termos de uso destas línguas que convivem com o Português em Moçambique, compreende-se que se fragmentam em regiões, províncias (estados) e distritos diferentes, ou seja, são faladas em geografias moçambicanas línguas nacionais<sup>14</sup> diferentes. E esta diversidade

---

<sup>14</sup>Línguas Nacionais – uma função que a constituição da República de Moçambique atribui às línguas bantu faladas no território nacional.

linguística que caracteriza Moçambique dificulta a unidade nacional, e consequentemente coloca o Português na posição de única língua em Moçambique capaz de desempenhar a função de unidade nacional, uma função que fez da LP em Moçambique deixar de responder aos interesses coloniais e passar a atender necessidades próprias dos moçambicanos, língua oficial e de unidade nacional.

Entretanto, o que convém ressaltar desta diversidade linguística, neste estudo, é o fato de estas línguas estarem a contribuir significativamente, cada uma a sua maneira, na mudança do sistema gramatical do Português falado em Moçambique, tornando-o numa variedade nativa e longe de espelhar a tão “prestigiada” norma europeia.

O contato entre línguas é, sem dúvidas, uma razão suficiente para o advento de dialetos numa sociedade plurilíngue; e é também através destes contatos que processos como a criouliização ocorrem, fenômeno que no contexto moçambicano não ocorreu, entre outros fatores possam ter existido, devido à possibilidades e insistência no uso das línguas Bantu por parte dos moçambicanos durante o processo da implantação do Português no país.

Todavia, destes contatos são inevitáveis os processos de interferências, fenômenos que ocorrem mutuamente entre o português e as línguas nacionais. E no contexto científico existem estudos significativos que permitem observar alguns fenômenos da variedade do PM que tem explicação no contato entre as línguas em Moçambique, tal é o caso dos estudos de Firmino (2008), Gonçalves (2010), Ngunga (2012), Timbane (2017), Gundane (2022), que contribuíram na descrição ou revelação de aspectos de nacionalização do PM, muitos deles oriundos do contato com as LB, e que nos possibilitaram ter a familiarização com os traços julgados como sendo salientes e frequentes na variedade do PM, conforme o Quadro 2 ilustra alguns exemplos.

**Quadro 2:** Ilustração de alguns fenômenos existentes no PM

| Níveis Gramaticais  | Alguns fenômenos de variação do PM                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |
|---------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Fonético-fonológico | <p>Verifica-se obviamente que a variação ocorre em função de cada língua local (Chalucwane, 2017), isto é:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Assinala-se como marca do PM o desvozeamento dos sons consonânticos para falantes do Emakhuwa como língua materna (Ngunga, 2012, p.11).<br/> kasa*/‘caça’, kasa*/‘casa’, kasa*/‘Gaza’.<br/> teto*/ ‘dedo’</li> <li>- Verifica-se a inserção de uma nasal entre consoantes em falantes das línguas Tswa-Ronga (Ngunga, 2012).</li> </ul> |

|         |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |
|---------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|         | <p>Ex: convinte* / ‘convite’;<br/> Enkonomiya* / ‘economia’;<br/> Enzame*/‘exame’).</p> <p>Entretanto, parece haver unanimidade em alguns contextos, o que justifica a aproximação entre as línguas bantu, isto é:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Faz-se a inserção de uma vogal em sílabas que começam com consoantes duplas não-homorgânicas, em réplica da estrutura silábica das línguas bantu “CV”.</li> </ul> <p>Ex: problema – PE: [prublema]&gt; PM: [purubelema]; subsídio – PE: [subsidiu] &gt; PM: [subisidiu]);</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Faz-se, igualmente, a inserção da vogal [+alt, -rec] no fim de uma palavra que termina com consoante (Gonçalves, 2010).</li> </ul> <p>Fazer - [fazeri];<br/> Lavar -[lavari];<br/> Papel - [papel].</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |
| Lexical | <p>De acordo com Nhatuve (2017) e Timbane (2016), verifica-se a tendência a verbalizar certas categorias lexicais através da unificação de um radical oriundo de uma língua local com a terminação sufixal dos verbos da primeira conjugação do Português “ar”, resultando em unidades estruturalmente híbridas.</p> <p>Ex: <i>khenhar</i> = machucar;<br/> <i>Phandar</i> = arranjar-se/dar um jeito ou correr atrás dos sonhos;</p> <p>Já Firmino (2008) faz referência da transposição, por falantes do grupo Tswa-Ronga, da expressão “<i>kudlaya/d’ayanyocana!</i> (matar o bicho!) que refere à primeira refeição do dia que ocorre antes das 12h para o contexto do PM, ficando “mata-bicho” que, no PE e PB, significa, respectivamente, pequeno-almoço e café da manhã.</p> <p>Há também empréstimos das línguas autóctones (ex: <i>khanimambo</i>, oriundo do Xichangana (S. 53) e Xirhonga (S. 54) e significando em Português: obrigado).</p> <p>Por seu turno, Timbane (2017) e Firmino (2010) explicam que há também expressões que fazem parte da cultura moçambicana, tais como: sograria (casa dos sogros), cortar o ano (réveillon), falar-alto</p> |

|           |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
|-----------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|           | <p>(subornar/corromper), wasso-wasso (feitiçaria para amar alguém), tchapo-tchapo (rápido), pasta (mochila), machamba (horta, roça), madala/madalas (idoso, idosos), baraca (lanchonete), timbila/timbilas (xilofone/xilofones), pala-pala/pala-palas (chifre/chifres de antílope), capulana/capulanas (tecido de algodão com estampas que as mulheres usam como adorno amarrado à volta da cintura), tchova/tchovas (carrinho/carrinhos de mão), mamana/mamanas (mãe/mães), molwene/molwenes (marginal/marginais), mufana/mufanas (rapaz/rapazes), machimbombo (autocarro), maningue (equivalente a muito), quinhenta (cinquenta centavos).</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
| Sintático | <p>- Transitivização do verbo “nascer”, que no PE é totalmente intransitivo do tipo inacusativo.</p> <p>Ex: PM: *Ihe nasceram sem braços = PE: Foi dado à luz sem braços.</p> <p>Considera-se como fator condicionadora a influência das línguas locais, pois nessas línguas é gramatical dizer “vamupshwalile angahina mawoku”, significa que esse verbo nas LB, normalmente funciona como verbo de dois lugares quanto à valência, isto é, seleciona um argumento externo com função gramatical de SU e subcategoriza um argumento interno com função gramatical de OD;</p> <p>- Ocorrência de duplo objeto no PM (Sitoe, 2015).</p> <p>Ex: PM: A mãe deu <i>pão o filho</i> = PE: A mãe deu pão <i>ao filho</i>) equivalente a construção “a mamani hinyikile pawa mwana” na língua <i>cithswa</i> falada no estado de Inhambane, do sul de Moçambique;</p> <p>- A posposição do SU em construções inacusativas de alternância causativa.</p> <p>Ex: PM: acabou a energia na minha casa. = PE: A energia acabou na minha casa.</p> <p>Segundo Gonçalves (2010), verifica-se, igualmente:</p> <p>- A tendência a adotar a ênclise como padrão de ordem dos pronomes pessoais em orações subordinadas.</p> <p>Ex: Quando casou-se (PM) vs Quando se casou (PE);</p> |

|                 |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |
|-----------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|                 | <p>- Orações relativas com uma estrutura desviante relativamente ao padrão europeu, que decorrem da estratégia resumptiva,</p> <p>Ex: PM: o professor que me refiro... vs PE: o professor a que me refiro) ou da estratégia cortadora.</p> <p>Ex: PM: A pessoa que viajei com ela... vs PE: a pessoa com quem viajei.</p> <p>- E o mecanismo de encaixe do discurso citado, que é introduzido pela conjunção que é usada no PE como introdutora do discurso citado.</p> <p>Ex: PM: declarou que estou muito cansado. Vs PE: declarou que estava muito cansado ou declarou: “estou muito cansado”.</p> |
| Morfossintático | <p>Segundo Gonçalves (2005, 2010 e 2013) e Firmino (2010), sobressai:</p> <p>- O uso do pronome dativo associado à posição de OD.</p> <p>Ex: PM: encontrei-lhe na praia = PE: encontrei-o na praia);</p> <p>- O uso do infinitivo flexionado em estruturas que, de acordo com a norma europeia, não requer a sua flexão.</p> <p>Ex: PM: propomos falarmos com ele vs. PE: propomos falar com ele.</p> <p>- Co-ocorrência da forma de tratamento “você” com pronomes pessoais e possessivos da 2ª pessoa [+sing.]/tu.</p> <p>Ex: PM: você terá a tua recompensa também. PE: a sua recompensa.</p>      |

**Fonte:** Elaboração própria.

Conforme já anunciado, no Quadro 2 estão apresentados alguns dos fenômenos que caracterizam a variedade do PM e que, por conseguinte, o seu reconhecimento por parte dos pesquisadores moçambicanos levanta a necessidade da sua oficialização para que, alguns deles, tenham autonomia até mesmo em contextos formais onde há privilégio e utópica exclusividade da norma-padrão europeia, evitando, desta maneira, atitudes de preconceito linguístico que assolam a comunicação dos moçambicanos.

Além destas áreas gramáticas, discute-se também a necessidade de abordar áreas que refletem estratégias retórico-discursivas, “dispositivos discursivos por meio dos quais os atores sociais concebem e interpretam os significados referenciais e sociais” (Firmino, 2013), ou seja, são manifestações linguísticas que só ganham sentido dentro dum contexto social, cumprindo, desta feita, funções simbólicas que dão identidade aos grupos sociais, traduzindo-se na noção de metafunções (Haliday, 1994).

E nesta área, ainda que estudos sejam insignificantes, Firmino (2010) exemplifica os seguintes traços típicos do PM: «o *cabrito* come onde está amarrado» referindo a ideia de que o corrupto tira partido das oportunidades que estão à sua volta; um, digamos, provérbio que só é interpretado por quem tem o conhecimento prático do contexto social moçambicano; há também aqueles que fazem tradução direta dos termos “nguluve/tinguluve” dizendo porcos para referirem aos «antepassados mortos» e «porco».

### 2.1.2 A Necessidade da Normatização do PM

Antes de qualquer avanço sobre o conteúdo do título dessa subseção, importa recordar que nesta pesquisa colocamos a ideia de normatização atrelada ao conteúdo teórico da norma que Lucchesi (2015) chamou de norma sociolinguística, que segundo o autor:

Circunscreve um grupo social dentro de uma comunidade de fala, em função da maior semelhança no comportamento linguístico dos seus membros, já que a frequência média de uso das variantes linguísticas é diferente consoante o grupo social considerado. Ademais, ela se constitui a partir da avaliação particular que esse grupo faz da variação linguística, que é distinta dos demais grupos sociais e define um grupo de falantes pela convergência na direção dos processos de mudança que se observam nesse grupo (Lucchesi, 2015, p. 75).

Nesta senda, trabalhamos uma perspectiva de normatização que considera o real falar da população moçambicana que é, no nosso entendimento, equivalente a ideia de normatização vernacular (Milroy e Milroy) apud (Lucchesi, 2015), e que se difere da normatização institucional (Lucchesi, 2015, p. 71).

De acordo com Lucchesi (2015, p. 71), a norma sociolinguística assenta-se nesses três parâmetros: (i) a frequência relativa de uso das variantes linguísticas entre os membros de cada grupo social; (ii) a avaliação subjetiva das variantes linguísticas comuns aos membros de cada grupo; (iii) as tendências de mudança em curso em cada grupo social. Nesse sentido, o processo de normatização deve se dar considerando esses parâmetros, mediante a necessidade de uma norma que reflète boa parte da realidade moçambicana em Português.

Assim, diante do entendimento da clara variação por parte dos moçambicanos, conforme acima exemplificado, nascem debates que marcam a necessidade e a possibilidade de normatização da variedade do PM nos termos sociolinguísticos; e que embora já com um tempo, continuam atualíssimas. Em Nhaturve (2017), entendemos que se envolvem na discussão linguistas, professores, cidadãos comuns e, timidamente, políticos, mas nenhuma das contribuições conduziu a uma prática objetiva para a normatização do PM, pois há, ainda,

inúmeras questões por responder para a efetivação de tal processo, dentre elas, a existência de um *Continuum* de variação de PM que torna mais complexa a escolha de seus traços mais representativos, como a discussão de perspectivas a considerar mediante a necessidade de uma norma oficial.

Por seu turno, Gonçalves (2005) sustenta que, embora o padrão europeu constitua a norma oficialmente tomada como referência, desde os primeiros anos da pós-independência, as poucas declarações públicas oficiais sobre esta questão são assim unânimes relativamente à necessidade de adaptação do Português à nova realidade moçambicana.

Já no seu livro intitulado *A génese do Português de Moçambique*, Gonçalves (2010) faz uma pequena resenha sobre a situação do PM, no qual a súmula é a convergência de vários autores para a normatização do PM, partindo dos seus aspectos salientes e estudados, entretanto, reconhecendo a escassez de estudos feitos em todas as áreas, à guisa de exemplo, nas áreas da fonética, da fonologia, da semântica e de estratégias retórico-discursivas que marcam o PM, de modo a avançar-se com a normatização sem sobressaltos, embora, para outros, a variedade moçambicana já apresente características próprias suficientes para o início do processo da normatização, que depende anteriormente da descrição.

Por seu turno, Nhatuve (2017) acredita que a normatização vai dirimir as inconveniências de se estudar o PM com base no PE, estudos que acabam sendo apenas de carácter contrastivo (gramatical e agramatical) ou focalizando-se na ideia do tradicionalismo linguístico, baseado no mito da homogeneidade linguística, que se traduz na noção do certo e errado. Não só, o autor acredita também que a normatização vai promover a autoestima dos falantes e facilitar o estudo desta variante. Um posicionamento que no fundo julgamos que corrobora com o argumento de Santos (2018), segundo o qual:

A norma oficial constitui um meio de unificação entre falas de grupos sociais ou linguísticos diversos numa sociedade linguística ou nação e vangloria ou legitima a sua identidade. Constitui, também, instrumento que possibilita estruturar práticas sociocomunicativas nos mais diversos campos da atividade humana, desde as mais tradicionais às mais modernas (Santos, 2018, p. 694).

Com esse posicionamento que a autora nos coloca, fica claramente nítida a vontade da normalização do português em Moçambique. Porém, este processo não deve ser pensado exclusivamente com ideologia da nativização ou autonomia da variedade moçambicana em detrimento da norma europeia. Tem que também estar a vista o fato de que dentro do território nacional, esta variedade não se materializa de maneira homogênea e que apresenta metamorfoses regionais e sociais, isto é, há advento de diferentes subvariedades na variedade

do PM, isto significa que mesmo a nível nacional os moçambicanos não apresentam a mesma norma de fala.

Sobre esse fato, Nhatuve (2017), para além de demonstrar a impossibilidade de os moçambicanos falarem o PE, reconhece que:

O PM, devido ao contexto sociolinguístico marcado pelo uso do Português como língua franca e de instrução, pelo seu encontro com outras línguas moçambicanas de origem bantu e por realidades socioculturais heterogêneas – dando lugar aos fenômenos de transferência e interferência linguísticas – adquiriu formas sintáticas, morfológicas, lexicais, fonéticas e fonológicas próprias, distanciando-se sobremaneira do PE oficialmente ensinado na escola (Nhatuve, 2017, p. 2).

O mesmo autor argumenta que este distanciamento, entretanto, resulta de um processo sociolinguístico de apropriação do Português pelos nacionais de Moçambique, processo ao qual autores como Firmino (2008) designam de nativização do Português. E a sua aquisição, para a maioria dos moçambicanos, depende do processo formal de ensino e aprendizagem.

Sobre esse ponto, Gonçalves (2005) acredita que o estabelecimento de uma norma servirá, de uma certa forma, para evitar uma eventual fragmentação, sem, no entanto, bloquear as transformações naturais que se vão verificando.

Diante desta problemática de heterogeneidade em Moçambique fica, assim, pontual refletir sobre os traços a considerar na descrição da norma que possa representar os moçambicanos, sendo que o que os move ao processo de normatização não é uma norma ideal, mas sim, uma norma real, que toma como base a modalidade falada da língua. Isto é, em Moçambique existem várias subvariedades do Português, e, de acordo com Santos (2018), o critério de normatização funde-se na ideia da consideração duma norma que reflete o contexto social dos moçambicanos, não uma norma idealizada, artificial e abstrata, por não ser a língua natural dos falantes.

Diante disso, são levantadas, por autores como Lopes (1997); Stroud (1997); Firmino (2001); Dias (2002); Gonçalves (2010), algumas perspectivas a considerar mediante a necessidade da normatização, a seguir passamos a refletir acerca delas, com vista a apresentarmos a proposta que guia a nossa perspectiva de análise.

#### 2.1.4 Perspectivas de normatização do PM

Nesta seção, refletimos em torno das perspectivas apresentadas por alguns linguistas moçambicanos que se propuseram a debater a questão da normatização da variedade moçambicana; com intuito de mostrarmos a linha construtiva da proposta inclusiva que

julgamos ser necessária considerar em prol da tentativa de satisfação de tal questão. Assim, apresentamos no Quadro 3 uma síntese de algumas perspectivas avançadas pelos autores referenciados no último parágrafo da subseção antecedente.

**Quadro 3:** Síntese das contribuições atinentes às perspectivas a considerar no PM

| <b>Autores</b>                                         | <b>Argumentos sobre “seleção da norma” na variedade do PM</b>                                                           |
|--------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Lopes (1997); Stroud (1997), Stroud e Gonçalves (1997) | <b>A1.</b> Normatização da subvariedade dos falantes do “bom Português” ou da classe escolarizada (estável e adequada). |
| Lopes (1997); Gonçalves (2010)                         | <b>A2.</b> O processo de normatização depende da descrição exhaustiva do PM.                                            |
| Dias (2002); Gonçalves (2010)                          | <b>A3.</b> Normatização com base nos aspectos evidentes do PM.                                                          |
| Firmino (2001)                                         | <b>A4.</b> Normatização dos traços consistentes na variedade moçambicana.                                               |

**Fonte:** Elaboração própria.

Conforme evidente no Quadro 3, Lopes (1997) e Stroud (1997) avançam a ideia de normatização da subvariedade dos falantes do “bom Português” ou da classe escolarizada, por esta ser relativamente estável e adequada, ou justificando por razões de ordem linguística (muda mais lentamente do que os outros dialetos) e sócio-política (cria harmonia entre áreas profissionais e serve para interação internacional) e comunicativa, isto é, segundo os autores as instituições precisam de se dirigir a um público para além das várias comunidades dialectais.

Relativamente à justificação de se adotar a variedade da classe escolarizada para permitir a interação internacional, Firmino (2001) opina que não passa de uma visão elitista enraizada nas práticas coloniais. Uma opinião com a qual somos apologistas, pois o mundo precisa nos entender como somos e como falamos, ou seja, para sermos compreendidos não precisamos falar como o outro fala. Ademais, a diversidade linguística deve ser olhada como um aspecto da identidade nacional e cultural moçambicana; como também, de ruptura com a dinâmica colonialista reafirmada pelas dinâmicas de classe. O que nos permite evitar a continuidade com o colonialismo que reside nas dinâmicas sociais que privilegiam as elites que socialmente deixam os demais condenados a subalternização (Fanon, 1961; Mbembe, 2013) ou aqueles com maior capital, resultado do processo de escolarização.

Ademais, entendemos que esta subvariedade é bem contextualizada, e não reflete a naturalidade de maior parte dos moçambicanos, pois decorre de um certo policiamento linguístico. Outro dado não menos importante é que vários estudos que se empenharam a descrever os traços que marcam o PM foram desenvolvidos com base nos dados extraídos na zona sul do país, o que não descarta a possibilidade de se estar a tomar essa região como referência de fala de “bom Português”, um conceito até defendido por Dias (2002), deixando-se de lado a heterogeneidade presente no território nacional, como também se coloca “os locutores desprovidos de competência legítima excluídos dos universos sociais onde ela é exigida, ou então, condenados ao silêncio” (Santos, 2018) e as suas subvariedades num estado de vida latente.

Na mesma ordem, indagamos se com esta perspectiva avançada por Lopes (1997) e Stroud (1997) não estaríamos a cair em uma tendência segregacionista e de subalternização das demais subvariedades existentes no país? Ao hierarquizar no topo uma variedade não falada pela maior parte dos moçambicanos e, conseqüentemente, acabando por não dar conta dos anseios e aspirações legítimas da população moçambicana. O que naturalmente contradiz a ideia de Nhатуе (2017), segundo a qual a normatização da variedade do PM irá promover a autoestima dos falantes moçambicanos colocados a margem pela elite escolarizada.

Outrossim, o que sucede é que os falantes da classe escolarizada têm a obsessão de falar como portugueses, ou seja, tendem forçosamente a ajustar o seu discurso aos níveis de reconhecimento pela gramática prescritiva europeia. O que nos faz duvidar se esta subvariedade reflete fidedignamente a variedade moçambicana.

Já Lopes (1997); Gonçalves (2010) argumentam que a normatização depende da descrição exaustiva do PM, assim como autores como Brito (2002); Firmino (2008); Nhатуе e Fonseca (2013) concordam como sendo um dos passos mais importantes para a efetivação desse processo, até porque toda norma é captada por todo esse processo de descrição. No entanto, abraçar somente a ideia de que “questões relacionadas com a normatização só podem ser satisfeitas quando for feita uma descrição exaustiva e total”, parece-nos um ultimato ao processo de normatização, pois a língua está em constante evolução, pelo que naturalmente vai sempre apresentando sucessivas mudanças.

Sendo assim, corroboramos com a ideia de Nhатуе (2017), segundo a qual a normatização deva ser um processo contínuo até que se atinja um nível estável em que estejam previstos aspectos que particularizem o PM em todos os níveis gramaticais.

Em A3, do Quadro 3, temos com Dias (2002) e Gonçalves (2010) a ideia de que a normatização deve ser com base nos aspectos evidentes do PM. Concordamos que são, pois, os

aspectos evidentes a serem levados em conta, até porque nós alinhamos com a ideia de oficialização de uma norma real e não artificial/abstrata.

No entanto, considerar todos os aspectos evidentes, pode nos conduzir a certos equívocos, isso porque se trata de uma variedade heterogênea e com muita fluidez, pelo que é normal que haja alguns aspectos a censurar. Até porque Moçambique é o país de língua oficial Portuguesa com menor número de falantes que têm a LP como língua materna (16,6%, INE, 2017), e maior parte vai fazendo a sua aquisição e aprendizagem depois de uma certa idade, e assim, alguns fenômenos são transitórios e refletem apenas alguns estágios pelos quais o falante vai passando durante a aquisição e aprendizagem da língua.

Nesse sentido, Gonçalves (2005) alerta para decisões normativas que não tomem em consideração que há propriedades do PM que são transitórias, visto que resultam da não exposição dos aprendentes a dados suficientemente robustos. No caso de esses dados serem providenciados, tais propriedades podem desaparecer, tornando assim inválida a sua escolha como parte da norma do PM.

Portanto, é necessário distinguir as formas de linguagem consistentes, estilisticamente criativas e daquelas que são transitórias e que tendem a desaparecer à medida que o falante vai sendo exposto a contextos de socialização com a LP.

Por sua vez, Firmino (2001) sugere a normatização dos traços consistentes na variedade moçambicana. Concordamos, realmente, que sejam os traços consistentes que devem ser levados em consideração. Ademais, para além de serem consistentes, entendemos que devem também ser abrangentes ou frequentes em diferentes grupos sociais e geográficos.

Mediante a essas perspectivas que a nossa pesquisa nos possibilitou compreender e refletir criticamente, tecemos considerações em consonância com a ideia de Santos (2018), segundo a qual o critério de normatização funde-se na ideia de considerar uma norma que reflete o contexto social da maioria dos moçambicanos. Como Nhaturve (2017) afirma, os aspectos principais que faltam para o início da normatização do PM são “o trabalho de linguistas e uma proposta favorável ao Português falado por moçambicanos”, e nós entendemos que esteja sendo feito, embora algumas questões precisem ser repensadas, tal é o caso das perspectivas a considerar para oficialização da variedade do PM.

Nesses moldes, corroboramos com Paula e Quiraque (2016) que defendem a necessidade de se pautar por propostas linguísticas inclusivas, aliando-se ao princípio de Timbane (2017), segundo o qual toda a comunidade linguística deve-se comunicar através da sua própria norma linguística. A norma não é apenas ou simplesmente um conjunto de formas

linguísticas pré-estabelecidas, mas também é “um agregado de valores socioculturais usados por uma comunidade linguística”.

Ainda, Nhaturve (2017) assevera que uma norma não deve ser alheia à fala dos seus usuários. Por isso, chama-se a atenção de se criar mecanismos (propostas inclusivas) para que todos moçambicanos com diferentes subvariedades do PM se sintam parte da norma oficial. Uma proposta que se pode efetivar através da harmonização ou da integração dos traços representativos na futura norma oficial do Português de Moçambique.

Conforme lemos no Artigo 10.º da declaração dos direitos linguísticos, “todas comunidades linguísticas são iguais em direito”. Aliando-nos a ele, no processo de normatização do PM, condenamos a efetivação desse processo baseada exclusivamente em critérios como grau de soberania política, situação social, econômica e/ou o nível de codificação, atualização ou modernização alcançado pelas subvariedades. Portanto, é preciso estabelecer os princípios que garantam uma paz linguística planetária justa e equitativa, como fator fundamental da convivência social.

Portanto, alinhamos com uma proposta inclusiva de se pensar a efetivação do processo de normatização. Uma proposta que se dá da harmonização/integração dos traços consistentes, frequentes ou comuns entre os falantes do PM na futura norma oficial da variedade moçambicana, aqueles que independentemente do grau de escolaridade permanecem típicos do PM. Devendo-se, através de comparação de usos, isolar os aspectos comuns (verdadeiras marcas do PM) entre os diferentes grupos e classes existentes no país, descrevê-los, para a possível oficialização em até contextos formais onde atualmente vigora exclusivamente a norma-padrão europeia.

Nesse sentido, mediante o consenso da necessidade da normatização do PM articulando com a proposta inclusiva que constitui espinha dorsal das nossas elucubrações no âmbito de se pensar a normatização do PM, sublinhamos como estudos abertos a investigação com vista a dar em diante o desenvolvimento deste processo enquanto contínuo:

- A continuidade com a descrição dos fenômenos do PM em todas as áreas gramaticais;
- O desenvolvimento de estudos em todas regiões do país com vista a avaliar a totalidade e a abrangência dos traços que tipificam a variedade do PM;
- O apuramento das características comuns, consistentes e frequentes da variedade do PM entre os falantes de diferentes regiões e classes sociais;

- A realização de estudos destinados à investigação no campo das atitudes linguísticas dos falantes em relação à oficialização da norma do PM.

Em consideração desses pontos que configuram a nossa proposta, nesta pesquisa buscamos analisar a frequência e a consistência da ordem pronominal em complexos verbais na variedade moçambicana. Por esta via, passamos a seguir a apresentar o comportamento dos clíticos pronominais em complexos verbais a partir de gramáticas, principalmente, descritivas e pesquisas de cunho descritivo da variedade do PE, fazendo correlação com a variedade do PB, enquanto duas variedades independentemente reconhecidas.

## 2.2 GRAMÁTICA DOS CLÍTICOS PRONOMINAIS EM COMPLEXOS VERBAIS

Nesta seção, apresentamos os padrões da colocação dos clíticos pronominais em complexos verbais com base nos compêndios gramaticais da variedade europeia, norma-padrão do Português em Moçambique e que nos serve de matriz para as nossas análises ao discutir a variedade do PM; igualmente, apresentamos resultados de pesquisas que discutem sobre a colocação pronominal em complexos verbais na variedade europeia com base nos dados de fala (embora também sejam consideradas algumas pesquisas com outro tipo de *corpus* devido a alguns aspectos relevantes que trazem), confrontando com resultados de pesquisas da variedade brasileira sobre o mesmo fenômeno e mesmo tipo de dados, enquanto, duas normas reconhecidas e autônomas.

Por fim, serão apresentadas considerações de estudos existentes sobre a variedade moçambicana quanto à colocação pronominal em complexos verbais, a fim de construir um embasamento sólido que sustenta as observações feitas sobre os dados da pesquisa.

### 2.2.1 Gramática de colocação dos clíticos pronominais na variedade europeia

Os clíticos fazem parte do bojo de vários elementos gramaticais designados pronomes, porém, sob a classificação de clíticos especiais ou pronomes pessoais oblíquos átonos. Por definição, podem ser compreendidos, segundo Martins (2013, p. 21), como unidades lexicais que não possuem acento prosódico (semelhantes aos afixos e diferentes das palavras plenas) e que, por isso, dependem de um hospedeiro (forma verbal) para ocorrerem. Diferentemente dos afixos tradicionais, que mantêm uma posição fixa em relação ao seu hospedeiro, os clíticos apresentam maior liberdade posicional, podendo surgir procliticamente ou encliticamente. Nesse sentido, são afixos afixados à frase, diferente dos afixos tradicionais afixados às palavras (Anderson, 1992).

Relativamente a sua hospedagem em complexos verbais, compreendemos que o entendimento dos padrões da sua ordenação nessas estruturas, implica, no mínimo, ter o entendimento geral sobre a sua colocação em estruturas verbais simples.

Deita feita, julgamos pontual nessa subseção da dissertação começarmos por apresentar e compreender as considerações gerais sobre a ordem pronominal em simples verbais, visto até que, as propriedades que explicam os padrões em uso da colocação pronominal em simples verbais à luz da norma-padrão do PE, são as mesmas que quando há subida de clítico<sup>15</sup> em complexos verbais explicam a sua hospedagem em verbos auxiliares segundo a norma-padrão europeia, isto é, tanto em simples verbais, quanto em verbos auxiliares nos grupos verbais a ênclise é regra geral ou é a “opção normal e lógica” considerando que pronomes átonos funcionam como objeto direto (OD) ou objeto indireto (OI) do verbo (Vieira, 2011, p. 21), e a próclise depende de determinados elementos com função de atrator do clítico da posição posposta ao verbo para a posição pré-verbal.

Segundo Brito, Duarte e Mattos (2003), os pronomes clíticos têm um comportamento uniforme quanto aos padrões de colocação, isto é, todos eles exigem um hospedeiro verbal, “o que se traduz numa vizinhança entre o clítico e uma forma verbal, finita ou não finita” (Brito; Duarte e Mattos 2003, p. 847). Podem ocorrer à direita ou à esquerda do hospedeiro, no entanto, essas posições não se encontram, necessariamente, em variação independente ou livre, isto é, a sua variação depende de determinados contextos frásicos e/ou da natureza de determinados constituintes que se podem fazer presentes na sentença.

Os estudos gramaticais que encontramos desde da década 90 até 2000 (Said Ali, 1908; Epiphany da Silva Dias, 1918; Duarte, Matos e Faria. 1994) apud Costa (2014) e Brito; Duarte; Mattos, 2003) apresentam unanimidade sobre a colocação dos pronomes clíticos<sup>16</sup> ao entenderem que a “ênclise é o padrão básico no PE, e a posição proclítica é induzida por fatores de natureza sintático-semântica ou prosódica” (Brito; Duarte e Mattos, 2003, p. 849-850).

Assim, os estudos como de Epiphany (1918), Duarte (1983), Martins (1994), Duarte e Matos (2000) referenciados por Costa (2014) e que adoptam uma perspectiva sintático-semântica, pontuam que a posição proclítica só pode ocorrer quando “o padrão enclítico for

---

<sup>15</sup> Consiste na seleção de um verbo do qual o pronome clítico não é dependente para hospedeiro verbal (Brito; Duarte, 2003, p. 857), ou seja, quando o clítico hospede-se no verbo auxiliar, tanto posição enclítica, quanto na proclítica.

<sup>16</sup> Os pronomes clíticos, também designados de pronomes átonos ou clíticos especiais, “correspondem às formas átonas do pronome pessoal que ocorrem associados à posição dos complementos dos verbos” (Brito; Duarte; Mattos, 2003, p. 826-827). Caracterizando-se, principalmente, de acordo com Mateus et al. (2003, p. 831), por não ter uma posição fixa relativamente ao seu hospedeiro, podendo precedê-lo (próclise), segui-lo (ênclise) ou ocorrer no seu interior (mesóclise).

proibido por condições específicas tais como: depois de advérbios e de frases introduzidas por alguns pronomes, ou seja, pela presença dos atratores de próclise ou proclisadores” (Mapasse, 2005, p. 29).

Nessa mesma linha, autores como Vieira (2011), Martins (2016), Carneiro (2016), Vieira (2016), Vieira e Vieira (2018), ao comentarem sobre os padrões da gramática descritiva do português europeu, permitem compreender que a ênclise em simples verbais sempre é possível em contextos sem nenhuma categoria proclisadora, ainda que haja antecendência de algumas categorias sintagmáticas, como SN, seja em oração principal (*Sim, **pedi-lhe** que fizesse*) ou coordenada (*O crime é inextirpável, mas o combate **dissuade-o e pune-o***).

O português europeu contemporâneo, nas frases finitas, segundo Martins (2016), apresenta próclise e ênclise com as duas ordens em distribuição complementar, todavia, em variação livre em alguns tipos de orações infinitivas.

Assim, normalmente nas frases finitas a ênclise é produtiva, exceto em determinados contextos morfossintáticos ou frásicos, em que a próclise na variedade do PE é a opção única devido a ocorrência de algumas categorias funcionando como atratores, tal é o caso de conjunções em orações subordinadas finitas, pois Martins (2016) explica que se o clítico ocorrer dentro de uma oração subordinada fica na posição proclítica (*Eu percebi **que se tratava de problemas conjugais***), e ocorre na posição enclítica se pertencer a uma oração principal (***explico-te melhor** quando chegar a hora de termos que debater sobre isso*).

Também constituem operadores da próclise, segundo Martins (2016):

As categorias negativas (não, nunca, jamais);

(4) ***Não se pode falar** escolher apenas algumas pessoas para serem privilegiadas.*

Os quantificadores (ambos, bastante, demasiado, demasiados, mais, menos, muito, pouco/s, raramente, suficientes, tal, tais, tão, todo/s, todo, tudo).

(5) ***Ambos se ajudaram a encontrar** um propósito de vida.*

Os sintagmas QU- (que, o que, quem, onde, quanto, como, quando, por que); os advérbios (até, só, lá enfático, também, sempre, já, talvez).

(6) ***Quem se colocar** contra mim ainda não compreendeu a minha filosofia de vida.*

Os marcadores de foco (inclusivos: também, até, mesmo; exclusivos: apenas, só, somente, logo, antes; aspectuais: ainda, já, quase, mal, talvez).

(7) *É preciso um pouco mais de tempo para **também se pensar** em como resolver essa questão.*

(8) *Eu farto desse lugar, **apenas me quero ver** a beber água no copo.*

(9) *O Pedro acabou de comprar Iphone 14 enquanto **ainda nos deve** um monte de dinheiro.*

Os marcadores de ênfase (até, sempre, já); os dêiticos locativos (aí, ali, aqui, cá, lá).

(10) *Desta vez não irei na festa deles, **sempre nos convidam** acima da hora como se não tivéssemos outros compromissos.*

No entanto, a gramática descritiva da variedade do PE (Mateus et al., 2003), na colocação de clíticos pronominal, reconhece que a ênclise pode ocorrer (**Pouco depois, beijavam-se de novo**) caso haja uma pausa entre um elemento e o verbo.

Portanto, no geral, a distribuição entre a ênclise e a próclise em simples verbais é explicada nesses termos, que explicitam, de igual modo, a ordem de hospedagem do clítico nos verbos auxiliares, componentes das perífrases verbais ou grupos verbais.

Relativamente, aos grupos verbais ou às estruturas construídas por duas ou mais formas verbais com algum grau de integração sintático-semântica, que constituem os chamados complexos verbais (CV), entendemos que a variação entre ênclise e próclise não só depende dos contextos acima que têm os elementos proclisadores os mais determinantes para essa variação, mas também os CV variam em função do estado em que o VP se encontra.

De acordo com Vieira (2011), a variação da colocação dos clíticos pronominais em complexos verbais decorre também em função da forma em que o VP aparece, pois em algumas formas nem todas as posições são possíveis, isto é, Para Cunha e Cintra (1985 [2008]), quando o VP estiver no infinitivo ou no gerúndio, pode ocorrer a posição enclítica (*Veio falar-me tudo / Ia falando-me tudo*). Porém, a ênclise não é possível quando o VP estiver no particípio.

Porém, Vieira (2011), ao interpretar a gramática descritiva de Mateus et al. (2003) da variedade que funciona como “norma-padrão do português europeu” (p. 17), faz entender que em orações com particípio e gerúndio, a posição pós-complexo verbal pode não ser admitida; normalmente, admite-se, na ausência de um atrator, a ênclise a V1 e, na presença deste, admite-se a próclise. Assim, Mateus et al., (2003) escrevem que:

Quando o verbo principal está no particípio ou no gerúndio, o clítico aparece obrigatoriamente proclítico (caso haja elemento “atrator” do pronome) ou enclítico ao verbo auxiliar (Ele tinha-a *chamado para a festa*). Nas construções com verbos semiauxiliares do tipo aspectual que selecionam infinitivos preposicionados, na presença de um elemento proclisador, há o favorecimento da subida do clítico com as preposições *a* e *de* (Ele não *lhe* começou a dizer a verdade), mas com a preposição *por*, isso não ocorre (*ele* acabou por se esquecer do casamento) (Mateus et al., 2003, p. 25)

Nessa linha, é possível afirmar que os complexos verbais com VP no particípio ou gerúndio só admitem duas possibilidades (CL V1 V2 ou V1-CL V2); somente os complexos verbais com VP no infinitivo é que admitem as quatro variantes possíveis (CL V1 V2, V1-CL V2, V1 CL V2, V1 V2-CL).

Assim, de acordo com Mateus *et al.* (2003), no Português Europeu, quando o VP está no particípio ou no gerúndio, o clítico aparece obrigatoriamente proclítico (caso haja elemento “atrator” do pronome) ou enclítico ao verbo auxiliar (*Ele tinha-a chamado para a festa*). No entanto, quando o verbo pleno está no infinitivo, a ênclise é possível no v1 ou no v2; e a próclise é possível ao verbo auxiliar (VAux.) quando houver antecedência de um atrator ao CV, e ao VP infinitivo quando também no interior do CV houver antecedência de um elemento proclisador, como é o caso das construções com as preposições *de* e *por*, nas quais ocorre obrigatoriamente a posição proclítica ao VP (*Ele deixou de lhe dizer a verdade*).

Em sentenças em que temos nos grupos verbais infinitivos preposicionados, na presença de um elemento proclisador, há o favorecimento da subida do clítico com as preposições *a* e *de* (*Ele não lhe começou a dizer a verdade*), mas, com a preposição *por*, isso não ocorre (*ele acabou por se esquecer do casamento*). (Vieira 2011)

Na ausência de um elemento proclisador, se a preposição for *a*, dá-se a posição enclítica ao verbo auxiliar ou ao VP (*Ele começou-lhe a dizer a verdade* / *Ele começou a dizer-lhe a verdade*); e com essa proposição ainda é possível a variação entre próclise e ênclise pois a natureza dessa proposição não é categórica a nenhuma das ordens (*Ele **começou a** lhe dizer a verdade*; *Ele **começou a** dizer-lhe a verdade*). Com as preposições *de* e *por*, ocorre obrigatoriamente a posição proclítica ao VP (*Ele deixou de lhe dizer a verdade*).

Com os semiauxiliares que selecionam complementos não preposicionados, admite-se a subida de clítico ou a posição enclítica ao VP (*O João não a pode certamente convidar* ou *O João não pode certamente convidá-la*).

Vale ressaltar que com as formas de particípio e gerúndio, de acordo com Mateus et al. (2003, p. 860), há sempre a subida do clítica; o que significa que a variante enclítica na forma gerundiva e participial não ocorre. Portanto, a subida de clítico pode ser um fenômeno obrigatório ou ser contextualmente motivado (Vieira 2011).

#### 2.2.1.1 Pesquisas sobre a colocação pronominal em complexos verbais na variedade do PE

Em uma ordem cronológica apresentamos resultados de algumas pesquisas que tratam sobre a colocação de clíticos pronominais em complexos na variedade europeia, principalmente, com base em dados da modalidade oral do PE.

Vieira (2002), em *Colocação pronominal nas variedades europeia, brasileira e moçambicana: para a definição da natureza do clítico em português*, tese de doutorado, analisa a colocação dos clíticos pronominais nas três variedades ilustradas no título, a partir dos dados das modalidades oral e escrita do Português no século XX. A autora apropriou-se do arcabouço teórico da Teoria da Variação e Mudança (Weinreich; Labov; Herzog, 1968 [2006]) para estudar os fatores condicionantes de colocação dos clíticos pronominais em simples e complexos verbais (CV). Em relação aos CV, a autora fez também uma análise prosódica, com vista a verificar a relevância dos parâmetros prosódicos na ordem dos pronomes átonos, utilizando o programa CLS (Computerized Speech Lab).

No *corpus* analisado, Vieira (2002) encontrou um total de 5.196 ocorrências de clíticos pronominais, sendo 4.167 em lexias verbais simples e 1.029 em complexos verbais. Uma vez nessa dissertação trabalhando apenas com complexos verbais, consideramos algumas informações acerca de colocação pronominal nesse tipo de construções (grupos verbais).

Ademais, trabalhando com três variedades duma só vez, vale ainda aqui ressaltar que o *corpus* utilizado na variedade do PM é do Projeto “Panorama do Português Oral de Maputo” (PPOM), que para a autora foram os únicos dados disponíveis para o estudo do português oral da capital de Moçambique. Para a variedade do PB, foram utilizadas as entrevistas coletadas de três Projetos de Pesquisa: o Projeto NURC/Rio (Norma Linguística Urbana Culta do Rio de Janeiro), o Projeto PEUL (Programa de Estudos do Uso da Linguagem) e o Projeto APERJ (Atlas Etnolinguístico dos Pescadores do Estado do Rio de Janeiro). E na variedade europeia os dados orais são do “*Corpus de Referência do Português Contemporâneo*” (CRPC).

Relativamente aos complexos verbais que constituem o nosso foco, Vieira (2002) observou que na modalidade oral:

a) A variedade moçambicana apresenta preferência pela colocação do clítico pronominal na posição intra-complexo verbal sem a exata definição da forma verbal na qual o clítico se hospeda (Aux. Ou VP). Por sua vez, a variedade brasileira também apresenta a realização, em geral, da colocação na posição intra-complexo verbal, porém, com próclise a V2.

b) Já a variedade do PE oral mostra que nela a variante mais utilizada é a intra-complexo verbal com ênclise ao verbo auxiliar/v1. Assim, a colocação pré-complexo verbal depende da antecedência de um elemento proclisador ao CV.

Relativamente à análise prosódica, Vieira (2002) observou que o clítico no PE possui as mesmas características das sílabas postônica/pretônica vocábular em relação à duração e à intensidade; e que a ligação fonológica do pronome oblíquo átono no PE adota o parâmetro de ligação fonológica para a esquerda do complexo verbal.

Ainda na senda dos estudos sobre a colocação dos clíticos pronominais em grupos verbais, Vieira (2011) - na sua dissertação intitulada *A cliticização pronominal em lexias verbais simples e em complexos verbais no Português europeu oral contemporâneo: uma investigação sociolinguística* - trabalha com dados orais extraídos do *corpus* CORDIAL-SIN, produzidos por meio de entrevistas feitas no século XX por participantes entre 40 e 80 anos e não escolarizados. Nessa dissertação, Vieira (2011), ao buscar “sistematizar os parâmetros da ordem dos clíticos pronominais (Klavans, 1985), determina as variáveis linguísticas e extralinguísticas que se mostram relevantes em contextos com um e mais de um verbo” (Vieira 2011, p. 11).

Metodologicamente, voltando olhares aos complexos verbais, Vieira (2011) descreveu os resultados baseando-se nos índices absolutos e percentuais obtidos (Vieira 2011, p. 83), uma vez não sendo possível realizar a rodada que seleciona as variáveis relevantes consoante pesos relativos, no programa Goldvarb-X, com a variável ternária/eneária, pois segundo a autora as variantes desta não podem ser tratadas conjuntamente.

Como medida complementar, a autora realizou uma rodada em que juntou as ocorrências das variantes intra-CV e pós-CV versus variante pré-CV, de modo a estabelecer os condicionamentos da anteposição do pronome ao complexo (subida de clítico) no *corpus* como um todo. E essa rodada, segundo a autora, serviu apenas para uma simples verificação, uma vez que os resultados foram mostrados pelo seu percentual e valor absoluto.

Para a análise dos dados, baseando-se nos índices absolutos e percentuais, a autora realizou as seguintes rodadas: (1) rodada geral, para a obtenção de percentuais sem a separação das formas verbais e sem junções de elementos; (2) rodada com os dados de particípio, gerúndio e infinitivo separados e sem junção de elementos; (3) rodada com as ocorrências de particípio, gerúndio e infinitivo separados e com junção de elementos. (Vieira 2011, p. 85)

É sabido que variação da colocação dos clíticos pronominais acontece em função da forma do VP. Desse modo, “a análise dos complexos com particípio, gerúndio e infinitivo foi feita separadamente, levando em consideração que a regra variável não é a mesma para as três formas verbais” (Vieira 2011, p. 85).

Devido ao pequeno número de ocorrências de sentenças com VP no particípio e no gerúndio, Vieira (2011) fez a análise através da “distribuição geral das ocorrências e na própria observação dos exemplos” (Vieira 2011, p. 85). A análise dos exemplos encontrados no *corpus* permitiu observar os possíveis condicionamentos linguísticos atuantes no fenômeno. Em relação aos complexos com infinitivo, além da observação de diversos exemplos, a abordagem

foi feita com base nos índices quantitativos referentes aos diversos grupos de fatores controlados. (idem)

Em termos de ocorrências, Vieira (2011) observou um total de 450 dados com clíticos em complexos verbais. Dentre eles, 11 com o VP no particípio, 51 no gerúndio e 388 no infinitivo. E desse total de ocorrências (450), a maior parte é de grupos verbais compostos por uma forma do verbo auxiliar, sendo apenas 6 dados compostos por duas formas verbais auxiliares.

Em todo *corpus* dos complexos verbais, a autora observou que a variante mais produtiva é intra-CV. E em função da forma verbal principal, observou que com o particípio, não se dá a variante pós-CV e a variante pré-CV foi a mais produtiva; com o gerúndio, raramente apresenta-se a pós-CV; e com o infinitivo, houve a predominância da variante intra-CV, com o total de 258 ocorrências (56%). (Vieira 2011, p. 146)

Em todas as três formas verbais principais a posição Pré-CV depende de elementos proclisadores, e na sua ausência predomina a ordem V1-CL V2. Com o particípio não houve a variante pós-CV, e assim, os clíticos “estão adjacentes ao verbo auxiliar” (Vieira 2011, p. 146). Em CV com gerúndio dos 51 dados, apenas 2 estão na posição Pós-CV, uma variante que na gramática descritiva de Mateus et al. (2003) não é prevista.

Com o infinitivo, embora a produtividade da variante intra-CV (56%), houve uma distribuição com as demais duas variantes controladas na pesquisa, neste caso, pré-CV (29%) e pós-CV (15%).

A autora observou que a variante intra-CV também foi favorecida pela presença de elementos intervenientes, sendo os do tipo *que* e *de* os mais condicionantes. E independentemente de vários fatores linguísticos, como o tipo de clítico, o tempo e modo verbal mostra-se favorável a ordem intra-CV.

Das ocorrências de construções do tipo *ter de/que + infinitivo* no PE, o clítico parece preferir ficar após *que* e *de*, apresentando-se como os únicos casos em que o clítico ocorreu, no PE popular, na posição intra-CV, mas sem apoiar-se na forma auxiliar. A variante pós-CV verificou-se mesmo na presença de elementos proclisadores no CV, conforme se prevê em alguns compêndios gramaticais.

Por fim, a autora ressalta que a forma verbal principal é bastante determinante na colocação dos clíticos pronominais em CV. Além disso, a posição prototípica da variante intra-CV no PE é adjacente a v1, configurando um caso de ênclise ao verbo auxiliar, exceto nas construções com *que/de* intervenientes, em que o clítico aparece posposto a tais elementos. (Vieira 2011, p. 161)

Vieira (2016), na sua tese de doutorado intitulada “A ordem dos clíticos pronominais nas variedades urbanas europeia, brasileira e são-tomense: uma análise sociolinguística do português no início do século XXI”, tomando o arcabouço teórico da sociolinguística laboviana, procurou verificar se a regra de colocação pronominal em simples e complexos verbais na modalidade oral das variedades europeia, brasileira e são tomense é categórica, semicategórica ou variável (Labov, 2003), bem como mostrar as semelhanças e diferenças entre os padrões verificados no PE e no PB e Português de São Tomé (PST). Tendo como *corpus* os dados do projeto “Estudo comparado dos padrões de concordância em variedades africanas, brasileiras e europeias” (Vieira 2016, p. 12)

Essa tese é desenvolvida numa perspectiva sincrônica. Assim como na sua dissertação de mestrado (2011), Vieira (2016), em CV, optou, uma vez tendo controlado três variantes, por apresentar as frequências absolutas e percentuais obtidas para cada variedade do Português, considerando separadamente as subamostras por tipo de VP, ou seja, os resultados dos complexos com infinitivo, gerúndio e particípio foram mostrados isoladamente.

Assim, na variedade europeia observou um total de 642 ocorrências, sendo que a variante mais produtiva foi a pré-CV com 37%, justificada pela presença de elementos atratores do clítico. A segunda mais produtiva foi a intra-CV com 27%, e a pós-CV teve 13%.

Os dados analisados pela autora mostram que na variante intra-CV, a próclise a V2 aparece na presença de elementos proclisadores embora não se efetive de forma categórica, e na sua ausência, o clítico hospeda-se na posição enclítica a V1.

No geral, Vieira (2016) observou que no PB, a regra é semicategórica– variante pré-verbal/próclise a v2. E no PE e PST, a colocação pronominal é sensível à forma do VP: com gerúndio e particípio, ocorre a próclise ou a ênclise a v1; com infinitivo, há variação sensível ao tipo de complexo, ao tipo de clítico e ao elemento antecedente ao complexo.

Portanto, compreende-se, no tocante ao padrão de colocação pronominal em CV na variedade europeia, que esses resultados se alinham aos resultados que Maria de Fatima Vieira teve na sua dissertação de mestrado concluída em 2011.

### 2.2.1 ESTUDOS SOBRE A COLOCAÇÃO PRONOMINAL EM COMPLEXOS VERBAIS NA VARIEDADE DO PB E PM

Nesta subseção, buscamos apresentar algumas considerações acerca da variedade brasileira e moçambicana a partir de estudos sobre a ordem pronominal em complexos verbais que usam dados orais, a fim de construir um embasamento científico que permita fazer uma correlação com a variedade do PE que serve de matriz para as nossas análises.

### 2.2.2.1 Variedade brasileira

Relativamente à ordem pronominal na sua relação com o verbo, importa referir que existem duas gramáticas descritivas oficiais, a da variedade europeia e a da variedade brasileira, razão pela qual, há sempre pontualidade de confrontar discussões acerca das duas variedades com vista a compreender as tendências das variedades do Português nos países africanos, visando buscar os fatores que as levam a tais tendências.

Segundo Carneiro (2016, p. 141), a colocação dos pronomes clíticos é um fenómeno que diferencia o PE do PB. “Naquele, a distribuição entre próclise (cl-V) e ênclise (V-cl) é sensível ao tipo de oração e, nesse, há um uso com tendência à generalização da próclise (cl-V), sem restrição de contexto”.

Autores como Martins (2016); Carneiro (2016); Vieira (2016); Vieira e Vieira (2018); Araújo e Silva (2019), observaram a variedade do PB como uma variedade com próclise generalizada a V2, quer com as formas finitas quer com as formas não finitas do verbo, incluindo o infinitivo, o gerúndio e o particípio passado. Exceto em alguns casos cristalizados nas três variedades como: *isto hoje fez-me pensar... fez/ fez-me pensar... muito; aí resta-nos saber onde é que está?, trata-se* de olhar para frente e seguir.

Vieira (2002), conforme já referenciada nas considerações da variedade do PE, uma vez pesquisando sobre a *Colocação pronominal nas variedades europeia, brasileira e moçambicana: para a definição da natureza do clítico em português*, na tese de doutorado, apropriou-se do *corpus* resultante das entrevistas coletadas por três Projetos de Pesquisa: o Projeto NURC/Rio (Norma Linguística Urbana Culta do Rio de Janeiro), o Projeto PEUL (Programa de Estudos do Uso da Linguagem) e o Projeto APERJ (Atlas Etnolinguístico dos Pescadores do Estado do Rio de Janeiro), que oferecem três tipos de participantes, olhando para escolaridade, isto é, de pouca escolaridade, de escolaridade média e de escolaridade superior.

Na sua análise, no contexto de grupos verbais da modalidade oral, Vieira (2002) atesta que há predomínio da “variante intra-complexo verbal em 90% dos casos, independentemente da atuação de qualquer tipo de elemento condicionador” (Vieira 2002, p. 407), em outros termos, a variedade oral do PB admite com quase efetividade a próclise ao verbo pleno do CV.

Assim, na compreensão da autora a próclise ao verbo auxiliar (pré-CV) é condicionada pela variável social de escolaridade, sendo os mais escolarizados aparentemente sensíveis à presença de elementos com função proclisadora. A ênclise (pós-CV) ao VP mostrou em construções com antecendência do clítico acusativo de 3ª pessoa (o) ao infinitivo e o <se>, este especialmente em estrutura de indeterminação/apassivação, como também se verificou na fala

de indivíduos com mais de 55 anos de idade (o que nos pode remeter a uma clara mudança do comportamento linguístico na colocação pronominal na variedade brasileira, pois na faixa etária dos mais jovens a realidade é totalmente distinta).

Acusticamente, segundo Vieira (2002, p. 409), o pronome átono do PB apresenta, “quanto à duração e à intensidade, as mesmas configurações de uma sílaba pretônica vocábular”. E a ligação fonológica do pronome átono no PB dá-se para a direita, diferentemente do que acontece na variedade do PE em que se dá para esquerda. Portanto, a variedade do PB é compreendida como de próclise a V2.

Por seu turno, Carneiro (2016), no 5º capítulo do livro intitulado *Variação Linguística Em Feira de Santana-Bahia* organizado por Almeida et al. (2016), estuda a colocação de clíticos em orações finitas em formas verbais simples e complexas do Português oral feirense, através do *corpus* composto por gravações de fala, extraídas do banco de dados do projeto *A língua portuguesa no semiárido baiano, fase III*, subdividido em amostras de fala culta e popular, com intuito primordial de compreender se a variação se dá dos mesmos moldes nas duas normas da variedade feirense (brasileira).

Em grupos verbais de orações finitas, nas palavras da própria autora, em relação ao *corpus* analisado, “ainda que haja um atrator para o clítico à esquerda do verbo finito, esse aparece à esquerda do verbo infinitivo” em todas as amostras.

Nesse cenário, entende-se que não há diferença nas duas amostras orais, isto é, tanto na fala culta, quanto na fala popular, o clítico aparece associado procliticamente ao VP nos grupos verbais, sem interferência do contexto da sentença ou dos elementos/constituintes presentes na construção.

Muitos pesquisadores brasileiros vão reconhecendo como característica geral da variedade brasileira, tendo já sido realizadas pesquisas fonológicas, como de Vieira (2002), que atestam a próclise a V2, enquanto uma dúvida levantada relativamente a posição certa do clítico na sua ocorrência no interior do CV, podendo este estar enclítico a V1 ou proclítico a V2.

#### 2.2.2.2 Variedade moçambicana

Em relação a variedade moçambicana observamos uma escassa existência de estudos sobre a problemática de colocação pronominal, principalmente, em CV, o que ainda se justifica pelo fato de os CV serem menos produtivos em relação às estruturas verbais simples (EVS) que são mais produtivas na fala cotidiana, acabando por levar os pesquisadores a trabalhar mais com estes últimos na necessidade de conseguir boas quantidades de dados em pesquisas de mestrado e doutorado, que assim exigem.

Veze se tem encontrado alguns estudos que tecem considerações sobre a colocação pronominal na variedade moçambicana sem maior aprofundamento, ou com base em perspectiva generalizada das variedades africanas do Português, como o de Martins (2016) no qual se argumenta que as variedades orais africanas do Português, incluindo a moçambicana, seguem em alguns casos a norma europeia, mas com “uma pequena margem de variação próclise/ênclise em contextos que no padrão europeu apenas permitem uma das ordens” (Martins, 2016, p. 410). Por isso, nessas variedades é sonante ainda o problema levantado por Vieira (2016) referente a dificuldade de determinar com firmeza, pela simples audição dos enunciados, que, em um enunciado como < pode me dar >, o < me > esteja ligado ao < pode > ou ao < dar >.

Assim, uma certa profundidade é vista em EVS. Estudos concentrados em colocação pronominal em CV na variedade do PM são demasiadamente poucos ou quase inexistentes. Dos poucos existentes, alguns deles não lidam com dados orais e outros, mesmo lidando com dados orais, são apenas de caráter contrastivo em relação à norma-padrão da variedade europeia face à variação existente no Português falado em Moçambique e, conseqüentemente, não se apropriam de uma perspectiva sociolinguística para estudar a variação do PM.

Vieira (2002), para compreender os padrões de colocação pronominal na modalidade oral do Português falado em Moçambique, na sua tese intitulada *Colocação pronominal nas variedades europeia, brasileira e moçambicana: para a definição da natureza do clítico em Português*, recorreu a um *corpus* pertencente ao projeto “Panorama do Português oral de Maputo” constituído de gravações feitas nos anos 90.

Assim, através desse *corpus* referente à modalidade oral da variedade moçambicana, Vieira (2002) aferiu que a colocação intra-CV é a que mais ocorre, olhando para as três variantes controladas pela autora.

Nesse sentido, autora vai observando que a colocação do clítico, para as outras variantes, depende de alguns fatores linguísticos como a presença de elementos proclisadores que levam o pronome na posição pré-CV, e de fatores extralinguísticos, como a variável social referente à faixa etária que sugere que, com o passar do tempo, se adquire o mecanismo da “operação de próclise”. Diante disso, a variante pós-CV é determinada, ainda, pela “forma do verbo não-flexionado”, pelo “tipo de clítico” e pela “presença da preposição *a* no interior do complexo verbal” (Vieira 2002, p. 407)

Em relação a variante intra-CV que se mostrou mais produtiva nos dados do PM, Vieira (2002, p. 407) compreendeu que “os resultados de base variacionista, na variedade do PM, levam a crer que o pronome que figura entre as duas formas verbais se ligue a V1; assim sendo,

pode-se supor que o PM oral também admita, por tendência, à ênclise ao primeiro verbo”. Desta feita, em função desta conclusão, o PM aproxima-se aos padrões de colocação pronominal da variedade do PE.

Na sua tese intitulada *Clíticos pronominais em Português de Moçambique*, Mapasse (2005) - através de quatro tipos de materiais, neste caso, redações escolares, editoriais, cartas de leitores e um teste de comportamento linguístico provocado - procurou compreender o uso dos clíticos pronominais no Português falado em Moçambique, tanto em formas simples quanto em formas verbais complexas.

Em complexos verbais que a autora vai chamar de sequência verbal, atesta três padrões de colocação pronominal, neste caso, pré-CV, intra-CV e pós-CV, e os dados analisados pela autora apontam produtividade da segunda ordem, porém, apresentando especificidade em relação a norma-padrão do PE, isto é, segundo Mapasse (2005):

Parece que as construções sintáticas de *Subida do Clítico* se revelam difíceis para os inquiridos / informantes pois, com ou sem a presença de um elemento tipo proclisador, o padrão de colocação é a próclise ao verbo principal, “violando” assim a norma-padrão – PE. (Mapasse, 2005, p. 68)

E isso, segundo a autora, parece indiciar que, no PM, há uma mudança em curso no que respeita à colocação dos clíticos pronominais em sequências verbais com auxiliares aspectuais e de tempos compostos.

A autora na sua pesquisa registou também casos de ênclise em vez de próclise nos CV, casos que Gonçalves (2005) referia como tendência a adotar a ênclise como padrão de ordem dos pronomes pessoais em orações subordinadas, principalmente, em contextos de EVS. No entanto, a maior produtividade se deu com a ocorrência do clítico na posição interna do CV.

Mapasse (2005), ao se dar conta da ocorrência do clítico proclítico a V2 independentemente do contexto sintático-semântico, formula a hipótese de que esta variação à norma-padrão resulta “da dificuldade em identificar os indutores da próclise, por pertencerem a categorias muito variadas e de natureza sintático-semântica diversificada” (Mapasse, 2005, p. 70). A autora acrescenta que:

Outro aspecto que parece relevante é a ocorrência de material lexical entre o elemento introdutor da subordinação e o hospedeiro verbal do clítico. Pode ser que esta distância leve os inquiridos a pensar que o elemento proclisador não

pertence ao mesmo sintagma entoacional a que pertence o clítico pronominal.  
(Mapasse, 2005, p. 70)

Diante desta variação, a autora não deixou também de anotar a concorrência entre as variantes desviantes e as variantes que obedecem a norma-padrão que vigora em Moçambique.

Igualmente, a autora registou na sua pesquisa “casos duvidosos”, aqueles em que não foi possível determinar a posição ocupada pelo clítico pronominal, ou seja, em que não foi possível determinar se o clítico na posição interna se dá pela ênclise ao 1º verbo ou próclise ao 2º verbo.

No entanto, nos dados escritos ou nas produções dos participantes com os quais a autora trabalhou não se registou a colocação do *hífen* pelos participantes, o que ainda deixa essa margem de dúvida se o clítico estaria hospedado ao VAux conforme se espera numa variedade que tem como padrão a variedade europeia do Português ou se é um claro indicador de que o clítico está na posição proclítica ao VP; segundo a própria autora pode ser também que “nestes contextos, se está a generalizar no Português de Moçambique, a próclise à forma não finita” (p. 74).

No geral, Mapasse (2005, P.103-104) conclui que em CV **a próclise** ocorre: (1) Com atrator em posição pré-verbal e com auxiliar de tempos compostos, o clítico ocorre proclítico ao particípio passado; (2) Sem atrator em posição pré-verbal e com auxiliares modais, aspectuais, temporais e auxiliares de tempos compostos, o clítico ocorre tanto proclítico ao infinitivo, o gerúndio e ao particípio como ao verbo auxiliar.

E, por sua vez, **a ênclise** ocorre: (1) Com atrator em posição pré-verbal seguido de auxiliar modal, o clítico ocorre enclítico tanto ao verbo auxiliar como ao infinitivo temático; (2) Sem atrator em posição pré-verbal seguido de verbo superior ou auxiliar modal, aspectual, temporal ou dos tempos compostos, o clítico ocorre enclítico tanto ao verbo superior/auxiliar como ao gerúndio e ao infinitivo.

E com essas considerações, ainda mais observando a produtividade da ordem V1 CL V2, a autora entende que seja um o indício do processo de mudança que pode vir a caracterizar o PM, porque o clítico aparece proclítico ao verbo pleno/principal.

### 3 REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

Nesta seção, apresentamos os procedimentos teórico-metodológicos definidos para a prossecução desta pesquisa. Assim, em sequência: (i) explicamos os pressupostos teóricos da Sociolinguística variacionista, enquanto teoria de base; (ii) Apresentamos a descrição do *corpus* e os participantes que compõem a amostra; (iii) apresentamos as etapas da pesquisa; (iv) explicamos os procedimentos seguidos para a transcrição do *corpus*; (v) apresentamos as variáveis linguísticas e sociais consideradas na pesquisa; (vi) e por fim, explicamos os desafios e decisões metodológicas tomadas para o desenvolvimento da pesquisa.

#### 3.1 SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA: PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Algumas posições sobre as formas de se compreender fenômenos linguísticos demonstram que apesar dos fenômenos estudados serem os mesmos, as conclusões são diferentes por causa dos objetos teóricos serem diferentes. Borges Neto (2010) apud Trindade (2021), nos orienta que o estudo da linguagem humana nos encaminha para duas questões: (i) o fato de os fenômenos que são pesquisados requererem aspectos diversos, tais como aspectos físicos, biológicos, gramaticais, psicológicos, ideológicos, sociais etc); (ii) a inexistência de modelos teóricos que focalizem simultaneamente porções diferentes da realidade linguística.

A ser assim, em função da abordagem de cada pesquisador e da forma como manipula o fenômeno, os resultados podem não ser condizentes às linhas conclusivas dos demais estudos que estudam o mesmo fenômeno que ocorre num determinado contexto ou na mesma comunidade linguística.

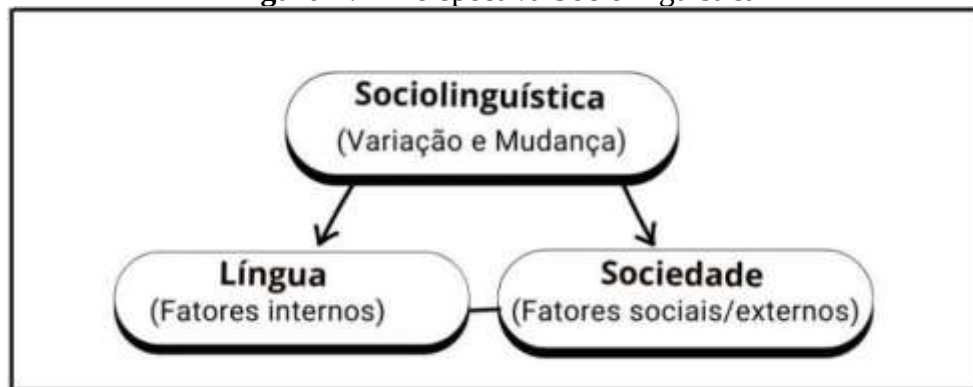
Os estudos linguísticos nem sempre tiveram procedimentos metodológicos que permitissem estudar a língua nas suas diferentes dimensões hoje preconizadas, sobretudo, a dimensão social, devido às concepções tradicionais que permitiam o estudo da língua como uma abstração sistemática. Existem tradicionalmente linguistas como Augusto Schleicher – que considerava a língua como um sistema partilhado pelo coletivo social; Saussure, a quem se dá o mérito da origem da tradição estruturalista e da linguística moderna, que olhava para a língua como um sistema abstrato e homogêneo que pode ser abstraído das múltiplas variações observáveis da fala e colocando-a como objeto central da Linguística por oposição à fala.

Eram estes alguns modelos de análise homogeneizantes que vinham dominando de maneira quase exclusiva até o início do século XX e que davam pouca atenção às possíveis heterogeneidades a sistematizar. Todavia, com a ciência de que a verdadeira substância da língua é o fenômeno social da interação verbal realizada por meio das enunciações, onde, de

acordo com Hymes (1974), a linguagem, cultura e sociedade são considerados fenômenos inseparáveis, sem descartar os modelos já existentes, houve uma mudança de enfoque nos estudos linguísticos a partir da segunda metade do século XX.

Nesse âmbito, em consideração e convergência com uma das perspectivas dessa mudança, para o tratamento da ordem dos clíticos pronominais em complexos verbais no Português falado em Moçambique, tomamos como base a Teoria da Variação e Mudança Linguística, formulada inicialmente por Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) e expandida, principalmente, por Labov (2008 [1972]) na consciência da estreita correlação entre língua e sociedade e com base no princípio da heterogeneidade ordenada (Caetano e Vieira, 2021), e que vem sendo resumida na designação de Sociolinguística/ Sociolinguística variacionista.

**Figura 2:** A Perspectiva Sociolinguística



**Fonte:** Elaboração própria.

Essa visão teórica empenha-se ao estudo da língua como um sistema heterogêneo que comporta regras categóricas e variáveis, ou seja, parte do pressuposto de que a língua, enquanto um fato social, nos modelos sociolinguísticos, que permite a comunicação entre humanos que convivem, irá sempre apresentar diversidade ou variação, pois a variação é inerente ao sistema e é resultado de vários fatores, quer seja linguísticos (internos) quer seja extralinguísticos (externos/sociais). Nesse sentido, é importante reconhecer o fato de que o sistema dispõe da possibilidade de apresentar formas alternativas para representar, em um mesmo contexto, o mesmo valor de verdade.

Nessa perspectiva, Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), ao se oporem aos modelos de análise homogeneizantes que vigoravam até o início do século XX, entendem que a ausência de heterogeneidade estruturada numa língua que serve a uma comunidade de fala é o que seria disfuncional. Ou seja, a homogeneidade colocaria em causa a dinâmica da língua. Devendo-se aqui entender que a dinamicidade da língua não faz perder o seu caráter sistemático (axioma da heterogeneidade ordenada).

Assim, a sociolinguística enquanto campo da linguística, procura analisar e sistematizar as variações linguísticas usadas por uma mesma comunidade de fala, tendo sempre em mobilização os fatores internos e externos que condicionam o funcionamento de qualquer língua natural, caracterizada pela dinâmica, tanto a nível sincrônico, assim como diacrônico.

É importante destacar que, por um tempo, a questão da mudança foi vista através de uma perspectiva diacrônica, no entanto, a sociolinguística aparece colocando a possibilidade de estudar a mudança em movimento através do tempo aparente, método por meio do qual se faz o estudo do uso da língua em um único ponto no tempo (sincronia), mas comparando diferentes faixas etárias ou grupos sociais.

Com os pressupostos deste modelo linguístico, tomando a perspectiva sincrônica, é possível pensar que a variante intra-CV com próclise ao verbo pleno seja uma variante inovadora do PM, devido à sua constância que pode estar associado a fatores como grupo social, grau de escolaridade, região, idade e sexo (Coseriu, 1979 [1952]: 37) que fazem o seu uso.

A compreensão dos fenômenos em variação, como também das possíveis tendências a mudança, se dá por meio de análise de vários fatores, como o seu grau de “encaixamento na matriz linguística e social” (Weinreich, Labov e Herzog, 1968), e a variação da ordem pronominal em CV parece encaixada na matriz linguística e social.

Falando sobre a questão do encaixamento, vale ressaltar que constitui um dos 5 problemas apresentados por Weinreich, Labov e Herzog (1968) para a investigação da mudança linguística. Para além deste, juntam-se à teoria da mudança linguística: o problema dos fatores condicionantes ou das restrições, o problema da transição, o problema da avaliação e o problema da implementação. E a seguir apresentamos uma breve síntese de como se processam para o estudo da mudança linguística.

#### a) O problema de encaixamento

No **problema de encaixamento**, Weinreich, Labov e Herzog (1968) explicam que “as mudanças linguísticas devem ser vistas como encaixadas no sistema linguístico como um todo” (p. 122), elucidando a natureza e extensão desse encaixamento na estrutura linguística, como também na estrutura social, ou seja, como essa variação ou mudança se encaixa na matriz linguística. E o atendimento dessa preocupação da pesquisa sociolinguística se dá com a mobilização de vários fatores internos e externos nos estudos de linguagem, para analisar e sistematizar as variações linguísticas usadas por uma comunidade de fala. Nasce, nestes moldes,

o problema de encaixamento, pois uma mudança pode propiciar outra. Reiteramos que o encaixamento pode se dar na estrutura linguística e social, conforme explicamos:

- (i) O **encaixamento na estrutura linguística** processa-se através de elementos estritamente estruturais, e coloca em voga o conceito de heterogeneidade ordenada, à medida que a dinâmica de um elemento gramatical pode proporcionar outras mudanças em outras esferas gramaticais, sem, no entanto, modificar a lógica do funcionamento da língua enquanto sistema.
- (ii) E o **encaixamento na estrutura social** processa-se através de variáveis sociais, com o intuito de compreender se “a estrutura linguística mutante está ela mesma encaixada no contexto mais amplo da comunidade de fala, de tal modo que as variações sociais e geográficas são elementos intrínsecos da estrutura” (Weinreich, Labov e Herzog, 1968, p. 123). Assim, o encaixamento de certa estrutura variante, em basicamente diversas variáveis sociais (grupo social, classe, escolaridade, sexo, faixa etária, etc), pode ser indicador de uma mudança em curso.

b) O problema dos fatores condicionantes ou das restrições

Para o estudo da variação ocorrente dentro de uma comunidade de fala é importante a observação de possíveis fatores condicionantes da variação ou mudança em progresso. Nesse âmbito, a observação das condições possíveis para a mudança se dá pela mobilização e combinação dos fatores linguísticos e extralinguísticos ou sociais (variáveis independentes) que podem dar explicação ao comportamento da variável dependente de um determinado fenômeno em estudo. Assim, com a observação desse problema no estudo da língua, fica possível compreender se uma dada variação é estável ou está caminhando para sua consolidação, resultando em mudança.

c) O problema da transição

A mudança é resultado de um percurso que ocorre na estrutura social, significa que ela obedece a certos estágios antes de acontecer, e são explicadas pelas variáveis sociais, como, por exemplo, o processo transicional em faixas etárias diferentes. Com esta perspectiva de estudo da língua é possível observar a mudança enquanto ocorre (Weinreich, Labov e Herzog, 1968, p. 122). De salientar que, segundo esta teoria sociolinguística, a mudança não acontece

bruscamente, muito pelo contrário, acontece após um período de transição no qual concorrem as formas inovadoras e conservadoras.

#### d) Problema da avaliação

No problema de avaliação, traz-se à tona o entendimento de que a “teoria da mudança linguística deve estabelecer empiricamente os correlatos subjetivos dos diversos estratos e variáveis numa estrutura heterogênea” (Weinreich, Labov e Herzog, 1968, p. 124). Segundo Vieira (2011, p. 50), “investiga o papel do falante frente à própria língua e frente à mudança”, desta feita, deixa de ser passivo conforme o modelo saussuriano e passa a ser ativo.

É nesse contexto, por exemplo, que tem espaço o estudo de crenças e atitudes linguísticas, em que dependendo da valoração ou avaliação subjetiva do falante em relação as estruturas variantes, a mudança pode se efetivar dificilmente ou facilmente, isto é, se for favorável/positiva pode fazer com que uma mudança linguística se cumpra mais rapidamente, que em certos contextos predomine o uso de uma língua em detrimento de outra; e “uma atitude desfavorável/negativa pode levar ao abandono e ao esquecimento de uma língua ou impedir a difusão de uma variante ou uma mudança linguística” (Moreno Fernández, 1998, p. 179).

#### e) O Problema da implementação

Busca a explicação da mudança no momento e lugar em que ocorreu em detrimento de qualquer outro momento e lugar. Existe uma sugestão de que “uma mudança linguística começa quando um dos muitos traços característicos da variação na fala se difunde através de um subgrupo específico de comunidade de fala” (Weinreich, Labov e Herzog, 1968, p. 124). A variação passa a ter regularidade ou estabilidade social.

Até então, compreende-se que os cinco problemas sociolinguísticos estão intimamente interligados, isto é, o processamento de um se dá concomitantemente com o processamento dos demais nos estudos da língua. Embora a nossa pesquisa foque muito mais no grau de regularidade e estabilidade da variação da colocação pronominal em CV, à medida que lida com a frequência e consistência do fenômeno através do tempo aparente.

No geral, as considerações das análises sociolinguísticas permitem-nos compreender se um dado fenômeno está em a variação ou mudança. A variação se dá pela coexistência de mais de uma forma alternante, e a mudança, quando entre variantes coexistentes, uma acaba substituindo a outra. A variação constituiria a atualização dos potenciais processos de mudança em curso, em cada estado sincrônico de língua que se considerasse. (Lucchesi, 2015, p. 74). É,

portanto, sabido que a mudança linguística se dá de forma lenta e gradual, principalmente para a variedade do Português de Moçambique, considerada ainda em formação.

Em Trindade (2021, p. 52), lemos, ao interpretar a teoria laboviana sobre a variação e mudança, que permite o estudo científico de alguns fatos linguísticos antes excluídos, dando exemplo de alguns estudos que buscam entender a língua em seu contexto social, suas inserções e variações como elementos práticos com base, por exemplo, na metodologia funcionalista, que:

Os sociolinguistas estudam a relação entre língua e sociedade, mostrando a variação e mudança linguística a partir dos pontos de vista diacrônico e sincrônico, entendendo que a língua possui um funcionamento dinâmico e não mecânico, articulando o comportamento linguístico e o social. Do ponto de vista diacrônico, o pesquisador estabelece dois momentos sucessivos de uma determinada língua, descrevendo-os e distinguindo as variantes que estão em desuso. Do ponto de vista sincrônico, aborda tomando por base três pontos de vista: diatópico, diastrático e estilístico.

Diante disso, fica oportuno ressaltar que esta pesquisa toma uma perspectiva sincrônica focalizando na variação diatópica (variação regional) e diastrática (variação entre grupos sociais), à medida que vai descrevendo os fenômenos linguísticos decorrentes no mesmo contexto temporal (Coseriu, 1979) e em grupos ou comunidades linguísticas distintas.

Entendemos até aqui que a sociolinguística, para além das variáveis internas, mobiliza variáveis antes excluídas, neste caso, as variáveis sociais para a análise dos fenômenos linguísticos. É importante destacar que a definição das variáveis a serem investigadas não é feita de forma aleatória ou de forma exclusivamente pensada com base na única experiência do pesquisador, leva-se também em consideração a observação das situacionalidades e natureza do *corpus*, assim como o conhecimento disponibilizado na literatura sobre o tema.

Nesta pesquisa, de acordo com a sua natureza e necessidade, mobilizamos, então, as variáveis linguísticas e sociais, respectivamente, descritas no Quadro 6 e Quadro 7 desta pesquisa, visando, portanto, avaliar a frequência e consistência<sup>17</sup>, entre os falantes de diferentes grupos, da ordem dos clíticos pronominais que marca o PM.

---

<sup>17</sup> Recordar que com a noção de frequência e consistência, que aqui colocamos, procuramos entender a situação ou tendências da variedade moçambicana do Português, analisando as quantificações e a regularidade das variantes em variação, através da mobilização das variáveis sociais (origem do falante, faixa etária, sexo, escolaridade e profissão) e variáveis linguísticas (tipo de clítico, presença ou ausência de elementos proclisadores, elementos intervenientes no interior do CV, etc). Nesse sentido, a frequência se dá pela ocorrência de uma variante em cada uma dessas variáveis sociais e linguísticas; e a consistência pelo percentual do uso da variante em variação em detrimento da variante padrão. De salientar que, embora esses conceitos possam ser olhados como bastantes similares, no fundo traduzem algumas peculiaridades, isto é, a frequência de uma variante ajuda a identificar tendências; e a consistência indica estabilidade no uso linguístico. Sendo, exemplo, possível uma variante: ser frequente e também consistente - se for amplamente usada em contextos semelhantes por grande parte dos falantes

Faz-se, assim, nesta pesquisa necessário, para analisar a frequência e consistência da ordem dos clíticos pronominais em complexos verbais que marca o PM nas manifestações linguísticas dos falantes em Moçambique, não só as considerações estruturais à luz da variedade europeia do Português que são importantes até mesmo para teorias linguísticas contemporâneas dado o dilema de sempre se recorrer a propriedades ou descrições gramaticais para a discussão dos fenômenos linguísticos, mas também aos fatores sociais como o grupo ou a origem regional, a faixa etária, assim como o mapeamento do nível de escolaridade. Uma abrangência que se deve, como já explicado, a apropriação da nossa proposta de se pensar a normatização a partir de proposta linguística inclusiva, onde o entendimento da estabilidade e abrangência das variantes em variação é crucial.

Com vista a aprofundar o entendimento do fenômeno da ordem dos clíticos pronominais no Português falado em Moçambique e a considerar a necessidade da ampliação dos dados, justificando o que foi proposto por Caetano (2018), para análise de dados, elegemos uma abordagem mista, neste caso, uma abordagem de natureza quantitativa e qualitativa (Denzin & Lincoln, 2006; Savin-Baden & Major, 2010).

Tomamos a abordagem quantitativa, uma vez que o estudo irá lidar com dados quantificáveis para maior objetividade dos resultados; e qualitativa pois pretendemos trabalhar com o universo de significados, motivos, interpretação, o que corresponde a um espaço mais profundo de interpretar os dados.

Assim, os dados serão processados quantitativamente para avaliar a frequência, a consistência da ocorrência do fenômeno referente à ordem dos clíticos pronominais em CV desde a cidade de Nampula (zona norte), cidade da Beira (zona centro) até o sul do país, e qualitativamente para avaliar todas as variáveis possíveis na profundidade dos dados obtidos, associando várias ideias.

Nos trabalhos de teor sociolinguístico, sobretudo, que usam os dados quantitativos há uma necessidade de uso de alguns programas computacionais, como o GoldVarb X (Sankoff, Tagliamonte e Smith, 2005), que fornecem suporte estatístico, gerando percentagem, valores absolutos e pesos relativos para cada grupo de fatores considerados na pesquisa.

Assim, nessa etapa da pesquisa, selecionamos para o processamento de dados o Goldvarb X, que, segundo Santos (2022, p. 56), é, “indubitavelmente, o programa que apresenta

---

de um grupo social ou comunidade; ser frequente, mas inconsistente - se o seu uso variar significativamente entre falantes ou em diferentes contextos; ser consistente, mas pouco frequente - se for usada de maneira estável por um subgrupo específico, mas raramente aparecer nos dados gerais.

maior eficácia para o reconhecimento dos fatores que interferem na variação linguística estudada, pois ele traz recursos seguros e já utilizados em outras renomadas pesquisas.”

### 3.2 DESCRIÇÃO DO *CORPUS* E PARTICIPANTES DA PESQUISA

Para o desenvolvimento desta pesquisa, um dos grandes passos que se colocou como desafio foi a dificuldade de acesso ou escassez de *corpora* com dados da variedade moçambicana do português. Assim, na falta de um *corpus* previamente elaborado sobre essa variedade, assumimos a árdua tarefa de construir nosso próprio *corpus*. Uma tarefa que nos foi bastante laboriosa, sobretudo, considerando a complexidade e a heterogeneidade sociocultural dos países africanos (Araújo, 2025); tal é o caso de Moçambique, onde buscamos traçar um perfil sociolinguístico diversificado dos falantes. O país apresenta, por exemplo, distintos perfis de aquisição do Português em suas comunidades de fala (Vieira, Brandão e Araújo, 2022), podendo ser aprendido como L1, L2 ou até como LE (Pissurno, 2018).

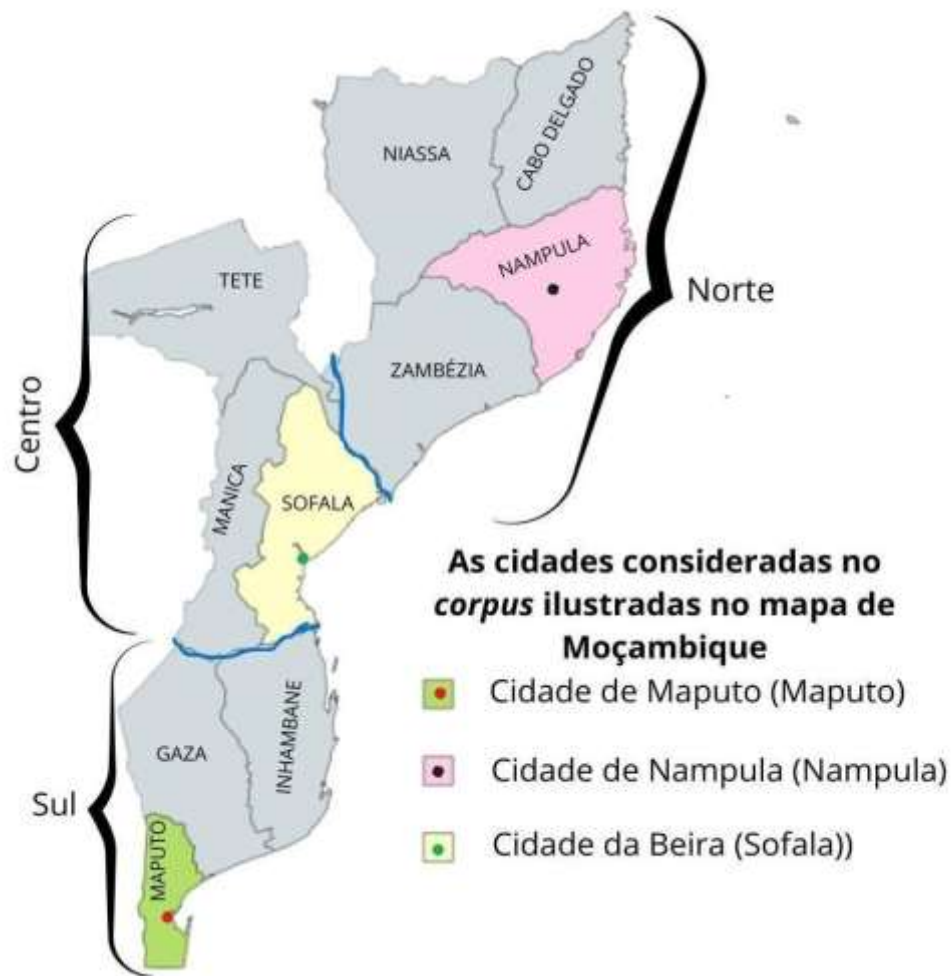
Ademais, tivemos que lidar, igualmente, com a limitação de tempo para coletar, transcrever, processar e analisar os dados. Esse processo envolve a definição e o acesso aos participantes, a organização e o balanceamento do *corpus*, a transcrição e revisão do texto, bem como a análise quantitativa e qualitativa dos dados, conforme a amostra considerada na pesquisa.

Nesta pesquisa, embora tivéssemos a intenção de abranger diferentes cidades do país, enfrentamos dificuldades para equilibrar o número de participantes, com perfil comum, em cada cidade, devido ao maciço deslocamento de grande parte da população para as grandes cidades (Araújo, 2025, p. 33); Como consequência, muitos falantes, ainda que apresentem características linguísticas da cidade onde residem, possuem origens diversas.

Outro aspecto relevante é a necessidade de delimitação criteriosa das variáveis a serem consideradas na pesquisa. No entanto, a composição do nosso *corpus* foi amplamente determinada pelas possibilidades de acesso aos participantes e aos seus respectivos perfis sociolinguísticos.

Assim, para a constituição do *corpus* da pesquisa, tomamos a decisão de trabalharmos com falas extraídas de 6 vídeos de 6 programas televisivos distribuídos pelas cidades de Nampula, Beira e Maputo, respectivamente, das regiões norte, centro e sul do país, conforme a visualizar os pontos geográficos na figura logo a seguir:

**Figura 3:** Mapa de Moçambique com destaque das cidades consideradas para construção do *corpus*.



**Fonte:** Elaboração própria.

Assim, o *corpus* para esta pesquisa, construímos com base nos programas “O Café no Sofá Amarelo” da “AFRO TV MOZ” e “Novas Manhãs” da “TV MUNINGA” da cidade de Nampula (norte); nos programas “Política e Liderança no Feminino” e “Fun and Knowledge” da “Rádio & Televisão Académica de Moçambique” da cidade da Beira (Centro); e nos programas “Show do Fred” da “Tua TV” e “Turma da Tarde” da “TV Glória” da cidade de Maputo (Sul).

Importa referir que se trata de transmissões televisivas que nos permitem observar um monitoramento linguístico balanceado senão diferentes realidades linguísticas e/ou transmissões nas quais passam convidados de diferentes realidades, desde a variável da faixa etária, nível de escolaridade e comunidade de origem.

Embora reconheçamos que por se tratar de televisão, na qual o falante pode monitorar a fala por ter a ciência de que esteja sendo passado numa emissão televisiva e está sendo visto

por um número significativo de espectadores e telespectadores, pensamos que dada a natureza do fenômeno e dos programas televisivos selecionados possamos conseguir o uso que tende ao natural do falante moçambicano da LP. Trata-se, na verdade, de programas de conversas livres entre jovens em que a linguagem é muito espontânea e tende a ser um pouco mais natural e a revelar o real falar dos seus interlocutores.

Este *corpus* é constituído por 6 vídeos de 6 programas televisivos, com duração de 1 a 2 horas de tempo e distribuídos pelas cidades de Nampula, Beira e Maputo, respectivamente, das regiões norte, centro e sul do país, sendo neste sentido, 2 vídeos extraídos dos programas “O Café no Sofá Amarelo” da “Afro TV MOZ” e “Novas Manhãs” da “TV MUNINGA” da cidade de Nampula (norte), mais 2 do “Política e Liderança no Feminino” e “Fun and Knowledge” da “Rádio & Televisão Académica de Moçambique” da cidade da Beira (Centro), e outros 2 das transmissões de “Show do Fred” e “Turma da Tarde”, respectivamente da “Tua TV” e “TV Glória” da cidade de Maputo (Sul).

Conforme se vê, trabalhamos com programas de três cidades das diferentes regiões de Moçambique, tal abrangência deve-se ao fato da necessidade de analisar a frequência e consistência da ordem dos clíticos pronominais em complexos verbais que marca o PM nas manifestações linguísticas dos falantes de diferentes grupos em Moçambique, em prol de dar jus a proposta de reconhecimento de uma norma oficial do PM com base numa perspectiva inclusiva e, de igual modo, tentar colmatar a problemática da concentração dos estudos que fazem referência dos fenômenos existentes na variedade do PM, a partir da zona sul de Moçambique, com maior enfoque na capital do país.

No concernente a temporalidade do material que consideramos para a constituição do *corpus* através de transmissões televisivas importa referir que são todos programas decorridos no ano de 2023. Diante da duração dos vídeos que varia entre 1 a 2 horas de tempo, colocamos como critério de seleção, participantes que tivessem no mínimo 20 minutos de fala durante o programa.

Deve-se salientar que nos vídeos que selecionamos para a pesquisa, consideramos apenas falas de participantes com perfil conhecido ou acessível, sendo por essa razão, que o número de participantes que consideramos por cada vídeo varia, isto é, em algumas edições foram considerados cerca de quatro e em outras, dois a um participante.

Ainda sobre o enquadramento numérico dos vídeos, importa referir que para cada um dos programas consideramos duas edições e, a seleção dos participantes nas mesmas edições para a constituição da amostra fizemos com base na possibilidade do controle do perfil dos mesmos, isto é, selecionamos os participantes com perfil conhecido ou que foi possível ter

informações sobre o mesmo através do Facebook na opção de dados pessoais (Sobre) ou outros detalhes na mesma plataforma, como as informações disseminadas nos dia de comemoração de aniversário do participante e também informações biográficas encontradas no Google para o caso de figuras públicas. Em função disso, no quadro a seguir temos a estratificação dos dados dos participantes considerados.

**Quadro 4:** Estratificação dos participantes considerados para a amostra da pesquisa

| <b>Cidade (Zona)</b> | <b>Programa (televisão)</b> | <b>C. participante</b> | <b>S e x o</b> | <b>Idade</b> | <b>Escolaridade</b>           | <b>Origem</b>                                   |
|----------------------|-----------------------------|------------------------|----------------|--------------|-------------------------------|-------------------------------------------------|
| Sul                  | Show de Fred (TTV)          | P-AS <sup>18</sup>     | M              | 38 anos      | Nível Médio (apresentador)    | Maputo                                          |
|                      |                             | P-BS                   | M              | 42 anos      | Nível Superior                | Maputo                                          |
|                      |                             | P-CS                   | M              | 41 anos      | Nível Superior                | Maputo                                          |
|                      |                             | P-DS                   | M              | 25 anos      | Nível Superior                | Quelimane (com 10 anos de residência em Maputo) |
|                      | Turma da Tarde (TV Glória)  | P-ES                   | F              | 33 anos      | Nível Superior                | Maputo                                          |
| Centro               | Fun and Knowledge (RTAM)    | P-AC                   | M              | 25 anos      | Nível Superior (apresentador) | Beira                                           |
|                      |                             | P-BC                   | M              | 24 anos      | Estudante do ensino superior  | Beira                                           |
|                      |                             | P-CC                   | F              | 23 anos      | Estudante do ensino superior  | Beira                                           |
|                      | Política e Liderança        | P-EC                   | F              | 28 anos      | Assistente social             | Beira                                           |
|                      |                             | P-FC                   | F              | 30 anos      | Advogada                      | Beira                                           |

<sup>18</sup> Assim pensamos em codificar os nossos participantes, significando, para o caso desse, Informante A do Sul.

|       |                                          |      |   |         |                                          |         |
|-------|------------------------------------------|------|---|---------|------------------------------------------|---------|
|       | no<br>Feminino                           |      |   |         |                                          |         |
| Norte | Café no0<br>Sofa<br>amarelo<br>(Afro TV) | P-NA | M | 31 anos | Nível Médio<br>(apresentador<br>)        | Nampula |
|       |                                          | P-BN | F | 28 anos | Nível<br>Superior<br>(apresentador<br>a) | Nampula |
|       |                                          | P-CN | F | 27 anos | Estudante<br>universitária               | Nampula |
|       | Novas<br>Manhas<br>(Afro TV)             | P-EM | F | 31 anos | Nível<br>Superior<br>(apresentador<br>a) | Nampula |
|       |                                          | P-FN | F | 25 anos | Nível<br>Superior                        | Nampula |

**Fonte:** Elaboração própria.

Conforme evidente no Quadro 4 há total de 15 participantes considerados para amostra da pesquisa, dentre os quais 8 mulheres e 7 homens, com idades variando entre 24 a 42 anos o que nos leva a ter duas faixas para a nossa pesquisa (Faixa I: 24-30 e Faixa II: 31-42), tendo maior parte concluído o nível superior (8), 2 em formação como estudante universitário/ensino superior, sendo assim, agrupados aos 5 do nível médio e, nesse sentido, totalizando 7.

Importante compreender que não trabalhamos com a Faixa III - correspondente aos idosos - que nos daria maior tempo aparente, pois a seleção dos participantes foi feita em função da possibilidade do controle do perfil. E muitos dos participantes dessa faixa etária, mesmo participando em algumas edições dos programas televisivos com os quais trabalhamos, não tem um perfil do conhecimento público, e poucos usam plataformas que ofereçam informações afins.

Para além das variáveis sociais ou extralinguísticas, julgamos que se faz também importante a consideração de algumas variáveis linguísticas, neste caso, forma do verbo auxiliar, número de formas (semi)auxiliares do verbo, forma do VP, tipo de clítico, elemento antecedente ao cv, presença/ausência de elementos no interior do cv, distância entre cv-cl ou cl-cv e um elemento antecedente ao verbo.

Portanto, por meio destas variáveis, nesta pesquisa seguimos os procedimentos metodológicos da Sociolinguística Variacionista, desenvolvida por Weinreich, Labov e Herzog

(1968) e Labov (1972), permitindo-nos compreender e interpretar os fenômenos de variação e mudanças da língua através da quantificação e qualificação dos dados obtidos.

### 3.2.1 Descrição dos programas

#### a) Show do Fred

Show do Fred<sup>19</sup> é um programa da televisão TUA TV, com instalações na cidade de Maputo, região Sul de Moçambique, que se dá de segunda à sexta a partir das 4h da tarde, com duração máxima de duas horas. É um programa de entretenimento, onde para além de promover a música moçambicana, passando videoclipes que marcam a atualidade, se dá por meio de debate sobre vários temas a nível do entretenimento moçambicano e dos países de expressão portuguesa, principalmente, Angola.

O programa conta com apenas um apresentador que durante o debate serve de moderador de, no mínimo, três comentadores; igualmente, também modera conversa de certos convidados da arena artística como músicos/cantores, modelos, poetas entre outros. E para além de canais televisivos, o programa tem uma transmissão online a partir do Facebook e Youtube.

#### a) Turma da Tarde

Turma da Tarde<sup>20</sup> é um programa da TV Glória da cidade de Maputo, transmitido de segunda a sexta a partir das 4h da tarde, com duração de 1h:50min. É um programa de entretenimento, dividido em dois blocos, caracterizados pela discussão de assuntos específicos e pontuais que fazem as notícias da semana ou do dia, e conta com duas comentadoras. O programa é dado apenas por um apresentador e para além de canais televisivos, a sua transmissão é também feita de forma online a partir do Facebook.

#### c) Fun and Knowlegde (RTAM)

*Fun and Knowlegde*<sup>21</sup> é um programa de entretenimento e educativo da “Rádio & Televisivo Académica de Moçambique”, com instalações na cidade da Beira (Centro de Moçambique), transmitido aos domingos a partir das 2h da tarde, com duração de 1h:30min.

O programa é normalmente apresentado por uma dupla de apresentadores (uma mulher e um homem). Para além de dar espaços a músicos apresentarem os seus trabalhos, o programa

<sup>19</sup> Disponível em: <https://fb.watch/lrrI1uaF30/>, <https://fb.watch/lrvggmN82V/>

<sup>20</sup> Disponível em: <https://fb.watch/rONDBUtzMP/>

<sup>21</sup> Disponível em: <https://fb.watch/smnL8bnISm/>

conta com a rubrica de perguntas e respostas sobre cultura geral, em que os apresentadores apresentam as perguntas e alternativas para os convidados de maneira competitiva darem as suas respostas, e tudo decorre de forma descontraída, razão pela qual de se chamar *Fun and Knowledge* (brincadeira e conhecimento).

#### e) Novas Manhãs

Novas Manhãs<sup>22</sup> é um programa da TV MUNINGA com sede na cidade de Nampula, região norte de Moçambique, que se dá de segunda à sexta a partir das 9h da manhã, com duração de 1h:50min. É um programa de cunho educativo ou de transmissão de informações sobre temas específicos através de um convidado de uma determinada área temática.

O programa conta com uma apresentadora, inicialmente em cada momento de conversa o programa conta com um convidado que responde algumas curiosidades sobre um determinado tema ligado a sua formação ou área de trabalho. Por fim, a conversa se faz de forma intercalada entre os dois convidados. E a transmissão é feita também de forma direta e online a partir do Facebook.

#### f) Café no sofá amarelo

Café no sofá amarelo<sup>23</sup> é um programa da AFRO TV MOZ sediado na cidade de Nampula, transmitido na televisão e de forma online no Facebook, que se dá aos sábados de manhã a partir das 9h da manhã, com duração de 1h no mínimo, podendo variar até 1h:20min.

É um programa de conversa descontraída, porém, de conscientização sobre determinado assunto pontual na sociedade, isto é, a conversa é feita em torno de um tema específico, e é moderada por dois apresentadores, contando com um convidado com experiência ou conhecimento sobre o tema em debate. O programa oferece também espaço para artistas apresentarem os seus trabalhos.

#### e) Política e Liderança no Feminino

O programa Política e Liderança<sup>24</sup> no Feminino passa pelas quinta-feira às 16h, dedicando-se a trazer debates e discussões em torno de vários assuntos ligados às Mulheres e meninas, problematizando seu protagonismo em vários sectores sociais e/ou instituições

---

<sup>22</sup> Disponível em: <https://fb.watch/m2x7V4PhE4/>

<sup>23</sup> Disponível em: [https://fb.watch/lrw4kLp\\_Dp/](https://fb.watch/lrw4kLp_Dp/)

<sup>24</sup> Disponível em: <https://fb.watch/rShVG9CJc5/>

públicas. O mesmo conta apenas com uma apresentadora que serve de moderadora da conversa, desenvolvida contando com a presença de convidadas que se debruçam em torno de uma determinada temática pontual na sociedade em prol da emancipação e reconhecimento das potencialidades da mulher.

### 3.3 ETAPAS DA PESQUISA

Tratando-se duma pesquisa da sociolinguística variacionista, metodologicamente procedemos de seguinte modo: (1) transcrição do *corpus* em texto; (2) coleta de ocorrências dos clíticos pronominais em CV; (3) sistematização ou codificação dos contextos das ocorrências de acordo com a variável dependente e as variáveis linguísticas e sociais aludidas nos quadros 04, 05 e 06 desta pesquisa, desaguando no tratamento quantitativo dos dados etapa crucial para a utilização de métodos providos por programas computacionais – como, à guisa de exemplo, o Goldvarb X apropriado para o processamento de dados (Caetano;Vieira, 2021).

Relativamente ao uso do programa Goldvarb-X, como não há dificuldade de realizar a rodada que seleciona as variáveis relevantes consoante pesos relativos, no mesmo programa, com a variável quaternária, iremos nos apropriar da metodologia de Vieira (2011) – uma vez que as variantes desta não podem ser tratadas em conjunto –, isto é, faremos a interpretação dos dados, em complexos verbais, fundamentalmente a partir dos valores absolutos e percentuais.

De salientar que para procedermos com a distribuição e análise dos nossos dados, inspiramos novamente na estratégica metodológica de Vieira (2011), isto é: (1) realizamos uma rodada geral, para a observação da distribuição dos valores absolutos e respectivo percentual sem a separação das formas verbais; (2) foi feita apresentação sintética da situação dos verbos auxiliares enquanto formas funcionais dos CV; (3) rodada com os dados de gerúndio, particípio e infinitivo separados e com junção dos elementos para cada.

#### 3.3.1 PROCEDIMENTOS DA TRANSCRIÇÃO DO *CORPUS*

Para a transcrição dos dados apoiamo-nos na ferramenta de digitação por voz do *Google docs* que permite a transformação da fala em texto escrito no momento em que ela ocorre. Para tal, com intuito de garantir uma digitação com mais precisão, baixamos e instalamos o programa *VB-CABLE*<sup>25</sup> de acesso livre na internet, referente a um dispositivo de áudio virtual que permite a conexão de diferentes aplicações de áudio dentro do computador, e que funciona como um

---

<sup>25</sup>Dispositivo de áudio virtual VB-CABLE. Disponível em: <https://vb-audio.com/Cable/>

cabo de áudio virtual, permitindo que o som de uma aplicação seja redirecionado diretamente para outra sem a necessidade de hardware físico adicional.

**Figura 4:** Ilustração da imagem da página oficial do VB-CABLE.

The image shows the VB-Audio Software website. At the top, there's a navigation bar with links: Home, Audio Apps, Audio Pro, Support, Licensing, and WebShop. Below this is a sub-navigation bar with buttons for Virtual Audio Cable, Voicemeeter, Banana, Potato, VBan, Matrix, and Coconut. The main content area features a screenshot of the VB-CABLE control panel. On the left, under 'Playback', there's a 'CABLE Input' device. On the right, under 'Recording', there's a 'CABLE Output' device. A blue arrow points from the 'CABLE Input' to the 'CABLE Output'. To the right of the screenshot, there's a section titled 'VB-CABLE Virtual Audio Device.' with a description: 'VB-CABLE is a virtual audio device working as virtual audio cable. All audio coming in the CABLE input is simply forwarded to the CABLE output.' Below this, there's a 'Download and Install VB-CABLE Driver Now!' section. It lists two download options: 'VBCABLE\_Driver\_Pack43.zip' (1.09 MB - OCT 2015 / XP to WIN11 32/64 bits) and 'VBCable\_MACDriver\_Pack106.zip' (4.4 MB - MAY 2021 - Intel/M1). Each option has a 'Download' button. At the bottom, there's a note: 'If you find VB-CABLE useful! Donate and get two other Virtual Audio Devices: VB-CABLE A+B or VB-CABLE C+D.' The source is cited as 'Fonte: <https://vb-audio.com/Cable/>'.

Para baixar o programa, escolhemos a opção do *Windows* (1.09 MB - OCT 2015/XP to WIN11 32/64 bits), conforme vem na Figura 4, correspondente ao modelo do nosso dispositivo. Após a instalação, fizemos a configuração do som do computador, isto é, alteramos as opções Altofalantes e Microfone, respectivamente, para *CABLE Input* e *CABLE output*. E criadas as condições internas do notebook, acessamos ao Drive, e abrimos uma nova seção do *google docs*, ativamos a ferramenta “digitação por voz” enquanto colocávamos as falas dos participantes para serem transcritas, fazendo sempre um acompanhamento durante o processo de transcrição para garantir que a tela do notebook não apagasse após um tempo sem manuseio.

Sabendo-se que a transcrição por dispositivos eletrônicos não é tão fidedigna, não faz a pontuação devidamente e nem toda fala é captada, foi preciso posteriormente fazermos arranjos, escutando todas as falas enquanto acompanhávamos os textos transcritos, para fazermos as devidas organizações em função da fala de cada participante e transcrevendo outras falas não captadas na digitação automática ou por voz.

### 3.4. VARIÁVEIS DA PESQUISA

#### 3.4.1 A variável dependente

A gramática descritiva de Mateus *et ali* (2003) prevê três possíveis ordens de colocação pronominal, dentre elas, a próclise (Ele não **te disse** isso que estás a falar), a ênclise (Ele **falou-te** isso mesmo?) e a mesóclise (O diretor **informar-te-á** quando fores ao escritório dele). Porém, à nível da fala a mesóclise não é efetiva em muitas comunidades das variedades do Português, como também não foi observado nenhum caso de mesóclise no nosso *corpus*, embora, o nosso maior foco não fosse formas verbais simples, nas quais a mesóclise é produtiva na variedade europeia.

E a variável de colocação pronominal em complexos verbais permite a ocorrência de clítico em quatro posições possíveis, isto é, a posição proclítica a V1, posição enclítica a V1, posição interna com próclise a V2 e posição enclítica a V2 (Exemplos 9 a 12, adiante). Nesse sentido, a variável dependente estudada é quaternária, conforme fazemos a melhor ilustração no quadro abaixo.

**Quadro 5:** Quadro de codificação da variável dependente.

| Variável dependente | Descrição                   |
|---------------------|-----------------------------|
| CL V1 V2            | Próclise ao CV ou a V1      |
| V1-CL V2            | Ênclise ao Vaux do CV ou V1 |
| V1 CL V2            | Próclise ao VP ou V2.       |
| V1 V2-CL            | Ênclise ao VP ou V2.        |

**Fonte:** Elaboração própria.

Próclise a V1 ou variante pré-CV

(11) [...] e alguns levam aquela foto coloca e coloca uma legenda que **te faz ver** no caso concreto. (Fii, P-AN)

Ênclise a V1 ou variante intra-CV com ênclise a V1

(12) **Deixe-me falar**, eu já convivi com alguém com diabetes, estava numa fase complicada, principalmente quando está na fase crônica. (Fii, P-EN)

Variante intra-CV com próclise a V2

(13) [...] *o que estamos a **tentar te dizer** é que em Moçambique nós temos políticas, e qualquer jovem que fale dentro dos padrões da política, não pode ir preso, na verdade os jovens têm medo da política, pensam que política é tudo aquilo que **vai te colocar** preso.* (Fii, P-DM)

Ênclise a V2 ou variante pós-CV

(14) [...] *ele **está a organizar-se** para algo que tem a ver com ele. Porquê? Porque eu disse na edição passada que ele é astuto, ele apareceu primeiro saiu de MDM foi para Renamo, veio com estatística dele e o povo está do lado dele.* (Fii, P-EM)

### 3.4.2 AS VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS

As variáveis linguísticas que consideramos nesta pesquisa, foram inspiradas em trabalhos de cunho variacionista, como de Nunes (2009, 2014), Vieira (2002), Vieira (2011, 2016) Da Silva (2022), entre outros. Todas as variáveis que consideramos, observamos no *corpus* da pesquisa, e no Quadro 6 fazemos a sua apresentação para uma posterior exemplificação com base nos dados da pesquisa.

**Quadro 6:** Variáveis linguísticas consideradas na pesquisa.

| Variáveis linguísticas                            |                           |                              |
|---------------------------------------------------|---------------------------|------------------------------|
| Grupo de variáveis                                | Especificação da variável | Descrição                    |
| <b>Forma do verbo auxiliar</b>                    | Indicativo                | Vaux no indicativo           |
|                                                   | Subjuntivo                | Vaux no subjuntivo           |
|                                                   | Infinitivo                | Vaux no infinitivo           |
|                                                   | Gerúndio                  | Vaux no gerúndio             |
| <b>Número de formas (semi)auxiliares do verbo</b> | Um verbo auxiliar         | Um verbo auxiliar no CV      |
|                                                   | Dois verbos auxiliares    | Dois verbos auxiliares no CV |
|                                                   | Gerúndio                  | CV com VP no Gerúndio        |

|                                   |                          |                                                                                                                      |
|-----------------------------------|--------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Forma do verbo Principal</b>   | Particípio               | CV com VP no particípio.                                                                                             |
|                                   | Infinitivo               | CV com VP no infinitivo                                                                                              |
| <b>Tipo de clítico</b>            | Me                       | Pronome oblíquo da 1ª pessoa do singular                                                                             |
|                                   | Te                       | Pronome oblíquo da 2ª pessoa do singular                                                                             |
|                                   | O(s)                     | Pronome pessoal oblíquo com função de OD.                                                                            |
|                                   | Lo                       | Caso de contração do pronome pessoal oblíquo com função de OD.                                                       |
|                                   | Se                       | Pronome oblíquo da 3ª pessoa do singular, reflexivo.                                                                 |
|                                   | Se                       | Pronome oblíquo da 3ª pessoa do singular, indeterminador.                                                            |
|                                   | Se                       | Pronome oblíquo da 3ª pessoa do singular, apassivador.                                                               |
|                                   | Nos                      | Pronome oblíquo da 1ª pessoa do plural                                                                               |
|                                   | Vos                      | Pronome oblíquo da 1ª pessoa do plural                                                                               |
|                                   | Lhe (s)                  | Pronome pessoal oblíquo com função de OI.                                                                            |
|                                   | Ma                       | Caso peculiar do PM de contração entre o pronome pessoal oblíquo da 1ª pessoa do singular (me) a preposição <i>a</i> |
|                                   | Ta                       | Caso peculiar do PM de contração entre o pronome pessoal oblíquo da 2ª pessoa do singular (te) a preposição <i>a</i> |
|                                   | Sa                       | Caso peculiar do PM de contração entre o pronome pessoal oblíquo da 3ª pessoa do singular (se) a preposição <i>a</i> |
| <b>Elemento antecedente ao CV</b> | Sem elemento antecedente | CV em posição inicial absoluta de oração e/ou período                                                                |
|                                   | SN                       | CV antecedido por um SN sujeito nominal                                                                              |
|                                   | SN pronome pessoal       | CV antecedido por um SN sujeito pronome pessoal                                                                      |
|                                   | Advérbio                 | CV antecedido por advérbio                                                                                           |
|                                   | Partícula de negação     | CV antecedido por partícula de negação                                                                               |
|                                   | Os sintagmas QU          | CV antecedido por morfemas parciais.                                                                                 |

|                                                         |                                    |                                                                          |
|---------------------------------------------------------|------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------|
|                                                         | Os marcadores de foco              | CV antecedido por marcadores de foco                                     |
|                                                         | Os marcadores de ênfase            | CV antecedido por marcadores de ênfase                                   |
|                                                         | Preposições                        | CV antecedido por preposições                                            |
|                                                         | Conjunção aditiva                  | CV antecedido por conjunção coordenativa aditiva                         |
|                                                         | Conjunção disjuntiva               | CV antecedido por conjunção coordenativa alternativa                     |
|                                                         | Conjunção subordinada              | CV antecedido por conjunção subordinativa                                |
|                                                         | Conjunção adversativa              | CV antecedido por conjunção coordenativa adversativa                     |
|                                                         | Pronome relativo <i>que</i>        | CV antecedido por pronome relativo <i>que</i>                            |
|                                                         | Interjeições/truncamentos          | CV antecedido por hesitações (eh: ah:), interjeições, truncamentos       |
| <b>Presença/ausência de elementos no interior do CV</b> | Ausência de elemento               | Ausência de qualquer elemento no interior do CV                          |
|                                                         | Presença de <i>a</i>               | Ocorrência da preposição <i>a</i> no interior do CV                      |
|                                                         | Presença de <i>que</i>             | Ocorrência do <i>que</i> no interior do CV                               |
|                                                         | Presença de <i>de</i>              | Ocorrência da preposição <i>de</i> no interior do CV                     |
|                                                         | Presença de advérbio               | Ocorrência de advérbio no interior do CV                                 |
|                                                         | Presença de marcadores discursivos | Ocorrência de marcador discursivo no interior do CV                      |
|                                                         | Locução adverbial                  | Ocorrência de locução adverbial no interior do CV                        |
|                                                         | Locução prepositiva                | Ocorrência de locução prepositiva no interior do CV                      |
|                                                         | Presença de <i>para</i>            | Ocorrência da conjunção de finalidade no interior do CV                  |
|                                                         | Presença de <i>eu</i>              | Ocorrência do pronome pessoal da 1ª pessoa do singular no interior do CV |

|                                                                          |                        |                                                       |
|--------------------------------------------------------------------------|------------------------|-------------------------------------------------------|
|                                                                          | presença de <i>por</i> | Ocorrência da preposição <i>por</i> no interior do CV |
| <b>Distância entre CV-Cl ou CL-CV e um elemento antecedente ao verbo</b> | Zero sílaba            | Sem nenhum elemento entre o CL e CV/CV e CL           |
|                                                                          | Uma sílaba             | Elemento antecedente de uma sílaba.                   |
|                                                                          | Duas sílabas           | Elemento antecedente de duas sílabas.                 |
|                                                                          | Três sílabas           | Elemento antecedente de três sílabas.                 |
|                                                                          | Quatro sílabas         | Elemento antecedente de quatro sílabas.               |
|                                                                          | <i>Cinco sílabas</i>   | Elemento antecedente de cinco sílabas.                |
|                                                                          | Seis sílabas           | Elemento antecedente de cinco sílabas.                |

**Fonte:** Construção própria, com base na consolidação das leituras feitas.

#### VARIÁVEL 1: Forma do verbo auxiliar

##### a) Indicativo

(15) *Eu se encontrar o Nelo **vou cumprimentá-lo**, vou apertar a mão, o que **estou a tentar te explicar** é que para mim o Nelo.* (Fi, P-DM)

##### b) Subjuntivo

(16) [...] *eu esperava que o Nelo simplesmente permanecesse calado, e depois de algum tempo quem sabe, **aparecesse a explicar-se**, mas sem dar muitas justificações.* (F, P-DM)

##### c) Infinitivo

(17) *Ainda existe, não está a mana que saiu de Inhambane para **vir lhe auxiliar**, engravidou e ainda lhe deu golpe da casa lhe deixou [...]* (Fii, P-EM)

##### d) Gerúndio

(18) *Mas deixou de ser individual quando ela se tornou uma figura pública ou seja uma figura pública as pessoas quando vê que tu já tá **fazendo de tudo mesmo para te abalarem** de quinta-feira.* (Fii, P-EM)

#### VARIÁVEL 2: Número de formas (semi)auxiliares do verbo

##### a) Um verbo auxiliar

(19) *Senta com teus familiares ou senta com teu marido e conversa o porquê, porque o homem não vai mudar, **estou ta falar**, homem você **pode lhe bater** fazer o quê, ele se ainda quiser trair, vai trair, na totalidade, porque ele é algo natural.* (Fii, P-EM)

b) Dois verbos auxiliares

(20) *O que estamos a **tentar te dizer** é que em Moçambique nós temos políticas, e qualquer jovem que fale dentro dos padrões da política, não pode ir preso.* (Fi, P-DM)

### VARIÁVEL 3: Forma do Verbo Principal

Os clíticos pronominais podem ocorrer em complexos verbais com VP no particípio, gerúndio e infinitivo. A hipótese seguida para esta variável é a de que a colocação dos clíticos pronominais em CV é sensível à forma do verbo pleno/principal. Assim, os complexos verbais com VP no particípio, admitem duas variantes, pré-CV na presença de um atrator do clítico e ênclise a v1 na ausência deste (CL V1 V2, V1-CL V2):

(21) *[...] mas por cada cliente **ter-se estar sentado** em casa e sem com que fazer, ou sem como iniciar o que a Renan quer fazer, vai colocar um emoji de riso..* (Fii, P-AN)

(22) *Esta mensagem que está sendo profanada, para mim é uma mensagem **que não se pode sob ponto de vista nenhuma ser difundida**. O que está acontecer é que nós temos crianças que estão a usar redes sociais.* (Fi, P-DM)

Os complexos verbais com VP no gerúndio, a gramática descritiva de Mateus et al. (2003) prevê, na ausência de um atrator, a ênclise a V1 e, na presença deste, admite-se a próclise:

(23) *O Mário desde **está-se explicando** no escritório do diretor pedagógica, acho que haverá uma medida disciplinar sobre ele.*

(24) *Sabe, aqui **não se está falando** de quem sabe mais ou menos, é sobre quem foi justo diante daquela situação.*

E os complexos verbais com VP no infinitivo admitem quatro variantes, neste caso, a pré-CV (CL V1 V2), intra-CV, com ênclise a v1 e com próclise a v2 (V1-CL V2, V1 CL V2) e pós-CV (V1 V2-CL):

(25) [...] eu acho que a independência é isso, não é que o estado **vai te pôr** rico, o estado **vai te dar** dinheiro, não; o estado **vai te dar** a liberdade de fazer as tuas coisas. (M, Faixa II, N3, M, C, P-B)

(26) A dificuldade que temos estado a enfrentar em Moçambique é uma verdade incontornável **que não se pode tapar** pela peneira – (Fi, P-DM)

(27) **Deixe-me** só saudar a ideia do Ivandro (...). Nós temos uma independência porque expulsamos um regime anterior, mas não expulsamos o colonialismo, que é o sistema. (Fii, P-CM)

(28) [...] muito obrigadoo pela audiência, Kxanimambo do fundo do meu coração, eu vos amo, e **quero dizer-vos** algo, eu irei continuar a trabalhar, irei continuar a **proporcionar-vos** momentos de boa vibe. (Fii, P-AM)

#### VARIÁVEL 5: Tipo de clítico

##### a) Me

(29) [...] estamos juntos, para quem quer **me** seguir, é só digitar Maria Lina, e estamos juntos... (Fi, P-CN)

##### b) Te

(30) O estado vai **te** dar a liberdade de fazer as tuas coisas. (Fii, P-BM)

##### c) O(s) e a(s)

(31) [...] não podemos **o** condenar por isso, cada um escolhe como quer viver, desde que não fira a sociedade. (Fii, P-AM)

##### d) Se

(32) [...] tarde ou cedo iria **se** arrepender, nós avisamos a Lizha James... (Fii, P-AM)

e) **Nos**

(33) *E hoje infelizmente, estamos a **nos** colonizar entre nós. Temos uma colonização moderna, onde o preto coloniza o próprio preto.* (Fii, P-CM)

f) **Vos**

(34) *Khanimbo do fundo do meu coração, eu **vos** amo, eu **vos** adoro. (...), eu irei continuar a trabalhar, irei continuar a proporcionar-**vos** momentos de boa vibe.* (Fii, P-AM)

g) **Lhe (s)**

(35) [...] eu **lhe** liguei para conversarmos sobre esse caso do vídeo que circula nas redes sociais. (Fii, P-AM)

h) **Lo(s)**

(36) *Eu se encontrar o Nelo **vou cumprimentá-lo**, vou apertar a mão, o que **estou a tentar te explicar** é que para mim o Nelo, enquanto figura pública que é [...]* (Fi, P-DM)

i) **Ma**<sup>26</sup>

(37) *Meu marido **está ma trair**, epah, senta e resolve, se não quer resolver termina a relação, mas também terminar a relação para ir ficar com outro que vai me trair também, não é bom, eu tenho que falar com a família, eu vejo muitos tios com duas mulheres, mas porque sentaram e resolver.* (Fii, P-EM)

j) **Ta**

(38) *Tu, não estás a perceber o que eu **estou ta dizer**. Zainadine, posso te fazer uma pergunta? posso te fazer uma pergunta?* (Fii, P-BM)

k) **Sa**

(39) *Ele ele **está sa expor** e está esquecer que ele já não é Nelo, ele embaixador de Moçambique e Angola, quando nós **lhe** vemos esses, estamos a ver o nosso*

<sup>26</sup> Com essas formas contraídas, para podermos proceder com as rodadas no Gordvarb X, juntamos ao grupo dos pronomes pessoais correspondentes, neste caso, a forma “ma” tem a mesma codificação do pronome pessoal “me”; como também as formas “ta” e “sa”, respectivamente, com os pronomes “te” e “se”.

*cunhado e acredita, muitos estão recebendo muita chamada querendo saber dessa moça. (Fii, P-BM)*

#### VARIÁVEL 6: Elemento antecedente ao CV

- a) CV em posição inicial absoluta de oração e/ou período

*(40) **Deixe-me te dar** um exemplo, Vou te dar um exemplo que tu vais perceber o que é estou a tentar te explicar. (Fii, P-BM)*

- b) CV antecedido por um SN sujeito nominal

*(41) A tua esposa **ia te receber** em casa depois daquele vídeo? Você conhece a sua esposa, qual é o respeito que tu estarias a falhar, estarias a perder com ela? (Fii, P-CM)*

- c) CV antecedido por um SN sujeito pronome pessoal

*(42) Eu **vou lhes dizer** uma coisa, eu me vejo muito em cada um dos seus comentários, porque aqui nós não estamos a discutir Partidos, não estamos a discutir nenhuma, estamos a discutir propostas. (Fi, P-DM)*

- d) CV antecedido por advérbio

*(43) O que eu estou a dizer, e volto a repetir: guarde a vida privada para você, porque depois vai acontecer isso e depois **vão nos chamar** de invejosos. (Fii, P-BM)*

- e) CV antecedido por partícula de negação (não, nunca, jamais);

*(44) O para o Fernando temos aqui uma belezinha olha é o Fernando é um homem, né; ele **nunca vai se zangar** comigo eu penso que ele tem um instinto animal. (Fi, P-DB)*

- f) CV antecedido por morfemas parciais ou Q- (que, o que, quem, onde, quanto, como, quando, por que); os advérbios (até, só, lá enfático, também, sempre, já, talvez)

*(45) Estamos sim no ar, para quem **acaba de se ligar** seja mais uma vez muito bem-vindo a esse que é o melhor programa de todas as manhãs moçambicanas. (Fii, P-EN)*

- g) CV antecedido por marcadores de foco (inclusivos: também, até, mesmo; exclusivos: apenas, só, somente, logo, antes; aspectuais: ainda, já, quase, mal, talvez).

(46) *Dj Junior e Ivandro fizeram a questão de por este tema como tema principal do dia, mas agora segurem, eu falei com o meu cunhado eu **só quero vos dizer** que eu falei com o um cunhado.* (Fii, P-AM)

- h) CV antecedido por marcadores de ênfase (até, sempre, já); os dêiticos locativos (aí, ali, aqui, cá, lá).

(47) *Os comentadores diretamente dizendo que eu não posso te mostrar, eu falei com meu cunhado hoje ao celular logo que estas imagens me caíram. Dizem que os cunhados sempre **vão querer se defender**.* (Fii, P-AM)

- i) CV antecedido por preposições

(48) *Eu ia falar, eu ia trazer. Mas se eu grito hoje, eu grito para **poderem nos ouvir**, e daqui a algumas horas convocaram um conselho de ministro, para pararem e dizerem que vimos jovem num canal, na Tua TV, revoltado.* (Fii, P-CM)

- j) CV antecedido por conjunção coordenativa aditiva

(49) *Os partidos políticos os partidos políticos moçambicanos têm a mesma história, a história deles começa no mesmo tempo mas nós hoje temos uma situação em que algum momento tentam nos confundirem e **nos fazer perceber** que não que fez foi.* (Fii, P-CM)

- k) CV antecedido por conjunção coordenativa disjuntiva

(50) *Concordo sim, que não só as mulheres como também as organizações da sociedade civil que trabalham com os direitos humanos coloquem-se de forma pública, ou **devem se posicionar** de forma pública em repúdio a todas as situações que nós temos assistido nos últimos dias dentro deste contexto da pandemia* (Fii, P-CB)

- l) CV antecedido por conjunção subordinativa

(51) *O que eu estava a defender, desde o Primeiro Momento em que eu entrei neste programa. Se puder sair, eu já posso sair hoje da classe dos*

comentadores, porque **eu consigo me encontrar** exatamente no que está a ser dito. (Fi, P-DM)

m) CV antecedido por conjunção coordenativa adversativa

(52) O Youtube vai te mostrar, mas não **vai te dar** as técnicas, é preciso te formares para ter as técnicas. (Fi, P-FN)

n) CV antecedido por pronome relativo *que*

(53) [...] qualquer jovem *que fale dentro dos padrões da política*, não pode ir preso, é isto *que eu costumo dizer*, na verdade os jovens têm medo da política, pensam *que política é tudo aquilo que vai te colocar* preso. (Fi, P-DM)

o) CV antecedido por hesitações (eh: ah:), interjeições, truncamentos

(54) Eu na altura dizia que haa **está a nos** enrolar, *que é empreendedorismo*, eu acho que esta foi uma das muito de nós ouvimos, e dissemos esse kota está maluco, não está bom. [...] (Fii, P-BM)

#### VARIÁVEL 7: Presença/ausência de elementos no interior do CV

a) Ausência de elemento

(55) Nós temos que resolver, eu **posso te pôr** numa sala cabem, 10 mil jovens e dizer jovens que apontam problemas, vai encher aquela sala até não haver espaço para ninguém. (Fii, P-BM)

b) Presença de *a*:

(56) O que eu quero que você entenda é que nós estamos a fazer inferências do que conseguimos ver, nós **estamos a nos explicar** com relação ao que se pode ver. (Fi, P-DM)

c) Presença de *que*:

(57) Eu não sou de Afeganistão, não sou de outro país, se **tiverem que me prenderem** vão me prender aqui, e eu estou preparado para me prenderem aqui [...] (Fii, P-CM)

d) Presença de *de*:

(58) Eu em particular, **arranco-me da responsabilidade de me chamarem** de irmão da Liza James, eu não tenho, não sou irmão de Liza de James. (Fi, P-DM)

e) Presença de *para*

(59) *como é que **seria para se encontrarem?** Será que as pessoas estão a se destacar sempre nesta área de influencer?*( Fii, P-BM)

f) Presença de *eu*

(60) *Espera aí, **deixa eu te perguntar**, eu já não preciso me mover, não é, fecha o som em mim... mas aqui mesmo no ar e depois aqui ninguém vai me dar comida no meu trabalho.* (Fii, P-EN)

g) presença de *por*

(61) *Já na diabetes tipo 2 geralmente **é assintomática por se verificar** na fase adulta, a pessoa só descobre lá nas complicações porque eu vou achar normal ter fome toda hora porque todo mundo sente fome.* (Fii, P-FN)

## h) Locução prepositiva

(62) *Essa mensagem que está sendo profanada, para mim é uma mensagem que não **se pode sob ponto de vista nenhuma ser difundido**, o que está acontecer é que nós temos crianças que estão a usar redes sociais.* (Fi, P-DM)

## i) Presença de advérbio

(63) *Tudo que começa como fruto de programa discute-se no programa, é só **vir para cá declarar-se [...]** tudo que ela disse para si que fale aqui para todos testemunhar e analisar se é uma mulher coesa, porque se LJ.* (Fi, P-DM) (Fii, P-AB)

## j) Locução adverbial

(64) *Você está a reclamar, você não está a fazer a nada. Está a espera do estado, é para estado fazer o quê? **Acordar de manhã dar-te** sopa, trazer comida para ti, não, mano, mano.* (Fii, P-BM)

## k) Presença de marcadores discursivos

(65) *Singaval, Singaval, desculpa, deixa, deixe-me só, **deixe-me só lhe cortar** um bocadinho.* (Fii, P-CM)

## VARIÁVEL 8: Distância entre CV-Cl ou CL-CV e um elemento antecedente ao verbo

## a) Zero sílaba:

(66) *Para a economia do nosso país, nós dependemos de financiamento, nós dependemos de várias questões. Então, **não se pode afirmar** categoricamente que Moçambique está independente.* (Fi, P-DM)

b) Uma sílaba:

(67) *O que eu **estava a tentar te fazer perceber** aqui, é que o estado faz que estás a dizer agora, não é menos que uma obrigação, primeiro, primeiro porque você como cidadão não está preso aqui.* (Fi, P-CM)

c) Duas sílabas

(68) *O que ele a mim **está a me mostrar** depois de beber, vamos lá prestar atenção só um bocadinho.* (Fii, P-BM)

d) Três sílabas:

(69) *Nós corremos os partidos políticos querem jovens e dizem que jovens é a força de mudança, então, eu não gosto quando aparece a situação de que não, os jovens **não podem se meter** na política, não, nós temos que nos meter porque nós é que fazemos isso.* (Fii, P-CM)

e) Quatro sílabas:

(70) *Então, eu acho que a independência é isso, não é que o estado **vai te pôr** rico, o estado **vai te dar** dinheiro, não; o estado **vai te dar** a liberdade de fazer as tuas coisas, e depente de ti as coisas funcionarem.* (Fii, P-BM)

f) Cinco sílabas

(71) *Nós temos uma independência porque expulsamos um regime anterior, por isso que se diz que Moçambique diz que está independente, mas nunca expulsamos o colonialismo mesmo e hoje infelizmente **estamos a nos colonizar** entre nós, numa colonização moderna, onde o preto coloniza o próprio preto.* (Fii, P-BM)

g) Seis sílabas:

(72) *Mas às vezes também se esquece essa brincadeira **pode se matar**, essa brincadeira pode sim tirar a vida de muita gente, não pensa.* (Fii, P-BN).

### 3.4.2.2 AS VARIÁVEIS SOCIAIS

As variáveis sociais permitem compreender a complexa interação entre linguagem e sociedade, e nesta pesquisa dão-nos a possibilidade de atestar se os grupos sociais em diferentes contextos possíveis explicam o comportamento da colocação dos clíticos pronominais em CV, ou nos permitem observar os padrões de variação da ordem pronominal em CV entre diferentes grupos sociais, o que pode levar a um certo entendimento sobre tendências de uma língua dentro de uma comunidade de fala. Desta feita, estratificamos a nossa amostra de acordo com Sexo, Faixa etária, Escolaridade, Origem, Profissão e Período de produção e transmissão do programa.

**Quadro 7:** Estratificação da amostra de fala do Português de acordo com as variáveis sociais

| VARIÁVEIS SOCIAIS                             | FATORES                                                                                               |
|-----------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Faixa etária                                  | Faixa I: 24-30<br>Faixa II: 31-42                                                                     |
| Sexo                                          | Masculino<br>Feminino                                                                                 |
| Escolaridade                                  | Nível 2 – Médio<br>Nível 3 - Superior                                                                 |
| Origem                                        | Maputo (Sul)<br>Beira (Centro)<br>Nampula (Norte)                                                     |
| Profissão                                     | Apresentador<br>Estudante do ensino superior<br>Comentador<br>Médico<br>Advogado<br>Assistente Social |
| Período de produção e transmissão do programa | Manhã<br>Tarde                                                                                        |

**Fonte:** Elaboração própria.

De acordo com Labov (1972), para haver mudanças na língua é necessário que haja variabilidade. É preciso que as variáveis sejam generalizadas ao ponto de provocar modificações. Logo, pode existir diversas variantes para uma variável, sem que resultem em mudança.

A partir dos fatores dessas variáveis sociais, é possível compreender os padrões da variação da colocação de clíticos pronominais de acordo com o perfil dos participantes considerados nesta pesquisa, levando, assim, a previsão de tendências futuras da variedade do PM, que está em processo de formação.

#### a) Faixa etária

Em relação a variável da Faixa etária, enquanto estágio que pode resultar em mudança, de acordo com Labov (2008) permite compreender as tendências para uma mudança linguística, onde se atesta que quando ela mais se mostra tanto na faixa menor que pode corresponder aos mais jovens, pode ser um forte indicador da tendência de mudança. Nesse sentido, essa variável irá permitir-nos refletir nesse âmbito, embora por hipótese tenhamos o entendimento de que no fenômeno de colocação pronominal em CV a variação ocorre de maneira equilibrada nas duas faixas. O que pode significar que já seja uma mudança em curso iniciada já há algum tempo.

#### b) Sexo

O sexo, normalmente, é colocado no bojo das possibilidades explicativas da variação, muito se lê em estudos sobre discussões sociolinguísticas que as mulheres têm uma linguagem mais polida do que a dos homens e “usam menos formas estigmatizadas do que os homens e são mais sensíveis do que eles ao padrão de prestígio” (Labov 1972c: 243) *apud* Tagliamonte (2012, p. 30). Embora se reconheça igualmente que há contextos linguísticos de variação nos quais também não escapam da variação.

Por seu turno, Santos (2022) entende que “muitos fatores históricos podem ser considerados e justificados nesse grupo de fatores”: a família, os *modus vivendi*/cultura, os padrões impostos pela sociedade, e mais.

Desta feita, diante do entendimento de que os papéis sociais da mulher e do homem são realidades que podem ser determinantes no comportamento ou nas escolhas linguísticas, entendemos que esse fator se faz importante na verificação dos padrões da ordem dos clíticos pronominais em CV, buscando entender por meio de quantificação se os homens e mulheres apresentam comportamentos singulares ou comum em relação variável de colocação pronominal em CV, conforme já antes referido.

### c) Escolaridade

De acordo com Beline (2022), em falantes da mesma língua, o contexto de fala ou registo, o nível socioeconômico do falante como a escolaridade e socialização podem levar a variação da língua em uso.

Em sociolinguística há entendimento de que quanto maior for o nível de escolaridade do falante, maior será a sua aproximação à norma do ensino (padrão), e quando menor for o nível de escolaridade maior será o distanciamento a ela. Em consonância com isso, Mapasse (2005, p. 9) argumenta que em Moçambique, a variável escolaridade é relevante para o acesso à norma-padrão do PE, fato que coloca essa variável pertinente para o entendimento das tendências da variedade moçambicana.

Assim, com este fator, temos a hipótese de que com os participantes do nível de escolaridade superior (N3) há uma certa distribuição percentual entre as quatro variantes da variável de colocação pronominal que muito se deve a observação dos contextos frásicos; e com os falantes com nível de escolaridade média (N2), maior se verifica ocorrências da variante intra-CV com próclise ao VP (V1 CL V2).

### d) Origem

De acordo com os estudos labovianos a variável social de origem permite uma compreensão detalhada de como fatores sociais influenciam a variação e a mudança linguística. Ela revela a relação intrínseca entre linguagem e estrutura social, destacando como a linguagem serve tanto como um reflexo quanto como um constituinte da identidade social dos falantes.

Para Labov (2008 [1972]), essa variável no contexto social da comunidade é uma forma de reconhecimento da língua como um fenômeno social, devendo ser estudada em função dos contextos geográficos de uso, correspondentes ao que Labov chama de comunidades de fala.

Assim, ao olharmos para as cidades de Maputo (Sul), Beira (Centro) e Nampula (Norte) entendemos que sejam comunidades de fala importantes para fazer certas generalizações em relação aos padrões de colocação pronominal em CV.

A nossa hipótese para com esta variável é de que existe uma ordem de colocação dos clíticos em CV que aproxima essas três cidades ou comunidades de fala moçambicanas.

### e) Profissão

Para Labov (2008 [1972]), a profissão pode influenciar a maneira como as pessoas usam a linguagem, refletindo e reforçando identidades sociais e papéis profissionais. E oferece uma

lente para observar como a linguagem varia em diferentes contextos ocupacionais e como estas variações estão ligadas a identidades sociais, normas de prestígio, e processos de mudança linguística.

A profissão do falante pode o levar a ter um padrão de comportamento ou hábitos linguísticos específicos. Nesse sentido, será importante observar se a profissão dos participantes traz alguma explicação dele decorrente no âmbito de uso dos clíticos em CV, com a colocar a vista como a linguagem é adaptada para atender às necessidades comunicativas de diferentes campos profissionais e como as práticas linguísticas profissionais influenciam e são influenciadas pela sociedade mais ampla.

#### f) Período de produção e transmissão do programa

Na mídia moçambicana, o tempo de produção ou transmissão de um programa televisivo tem uma correspondência com temática ou natureza do programa, isto é, normalmente os programas passados pela manhã são mais familiares, mais educativos e sempre faz parte dos itens da programação um debate sobre um determinado tema com especialista de área do assunto em debate; ao passo que os programas passados pela tarde são mais do cunho de entretenimento voltado para a arena artística e para a vida de celebridades nacionais e internacionais.

Desta feita, pensamos em controlar essa variável na hipótese de que o período de transmissão de cada programa, correspondente a natureza do mesmo, pode de alguma forma se refletir na linguagem, sendo os de manhã de conversa um pouco mais formal e os da tarde de conversa mais descontraída.

### 3.5 DESAFIOS E DECISÕES METODOLÓGICAS

Como já avançamos inicialmente na subseção 4.2 desta pesquisa, referente a descrição do *corpus* e participantes, metodologicamente reconhecemos a existência de certos desafios. Assim, constitui com um dos desafios o fato de o *corpus* ter sido constituído por material de televisão existente e de acesso público, porém, sem propósito de pesquisa científica e, por esta razão, não oferecendo devidas ou todas informações para o controle do perfil sociolinguístico do participante, o que levou a consideração dos participantes ser limitada exclusivamente a possibilidade do acesso/conhecimento do perfil.

Assim, ainda que a nossa pesquisa traga uma perspectiva que coloca a frequência como princípio a considerar na análise, reconhecemos que tal abrangência não é total, dado que

trabalhamos com o que está disponível nos vídeos que não chega completamente a representar todos os moçambicanos. E o número de amostra (15 participantes) é reduzida, pois simplesmente, considerou-se participantes em que foi possível ter o conhecimento do seu perfil, desde a idade, a escolaridade, como também a origem.

Relativamente à variável de idade, para além dos participantes que a sua idade é revelada durante a apresentação no programa e de outros em que a sua idade é conhecida por se tratarem de figuras públicas, buscamos conhecer a idade dos demais participantes através das suas redes sociais, principalmente, Facebook desde os que colocam data de nascimento nas suas “seções” senão através de informações passadas nos dias dos seus aniversários por meio de felicitações e comentários. E até os que foi possível através de suas biografias disponibilizadas na internet.

E no que concerne a observação do perfil da escolaridade dos participantes foram usadas as mesmas técnicas do controle da variável acima, onde a apresentação durante o programa foi a que mais permitiu o controle dessa variável. De salientar que, para alguns participantes foi possível ter bases de controle da variável de escolaridade pois se trata de indivíduos convidados para debater sobre uma determinada temática numa área, certamente, ligada à sua formação académica, e outros trata-se de apresentadores formados em jornalismo ou área de comunicação.

Outrossim, uma vez o material usado para a constituição do *corpus* estar em plataforma digital (Facebook), e havendo a possibilidade do seu desaparecimento, decidimos, como segurança, baixar os vídeos e arquivá-los no notebook, para uma posterior comprovação do que foi transcrito.

#### a) O problema da posição exata do clítico no interior do CV

Ao estudar o fenómeno da ordem pronominal em estruturas complexas, na modalidade oral, surgem grandes debates sobre a posição exata do clítico no interior do CV. Segundo Vieira (2016) não se pode determinar, pela simples audição dos enunciados, que, em um enunciado como “*pode me dar*”, a forma “*me*” esteja ligada ao <*pode*> ou ao <*dar*>.

Ainda Vieira (2016) explica que na variedade do PE se opta sistematicamente pela adjacência do pronome a V1, ou seja, “supõe-se que a ligação do pronome se efetive em relação a V1 e não a V2” (Vieira, 2016, p. 5). Nesse sentido, na variedade europeia, o clítico no interior do CV é produtivo com ênclise a v1, diferentemente da variedade brasileira na qual autores como Carneiro (2016); Vieira (2016); Vieira e Vieira (2018); Araújo e Silva (2019), observam

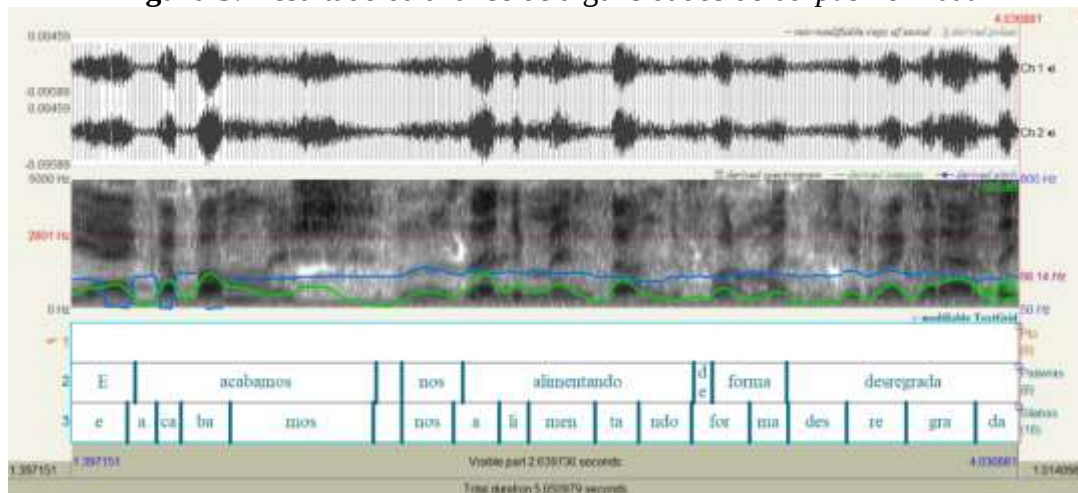
uma próclise generalizada a V2. Porém, nas variedades africanas do Português, a problemática ganha mais expressão por terem a variedade europeia do português como norma-padrão.

Desta feita, antes de avançarmos com a apresentação e discussão dos dados, é importante comentarmos alguns pontos observados e que nos ajudam a nos posicionarmos sobre a ordem do clítico no interior do CV.

De acordo com Vieira (2008, p. 6) alguns parâmetros acústicos (duração, intensidade) no PB sugerem uma certa posição do clítico no interior do CV, pelo que a sua observação pode ser importante.

Nessa perspectiva, embora o estudo não tenha exclusividade de fazer uma análise acústica, fizemos algumas experimentações no Praat com foco na duração e intensidade da propagação das ondas sonoras. Abaixo temos demonstrações de algumas experimentações feitas.

**Figura 5:** Resultado da análise de alguns dados do *corpus* no Praat



**Fonte:** elaboração própria.

Conforme a Figura 5, que traz a demonstração do comportamento sonoro e a visualização da fragmentação dos segmentos da fala “(73) *e acabamos nos alimentando de forma desregrada* - Fi, P-FN” no espectrograma, observamos que a propagação das ondas sonoras entre a articulação das palavras “acabamos” e “nos” - respectivamente, VAux e forma clítica - está separada por uma pausa breve. A pausa é marcada pela linha fina que traduz o silêncio ou a ausência da voz, e que permite a separação entre o VAux e o clítico, e a possível aproximação deste último à direita.

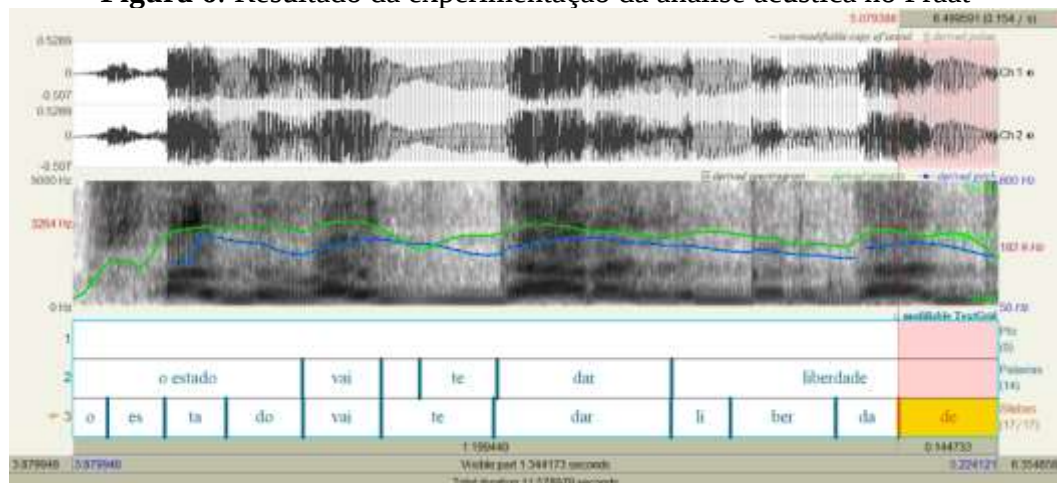
Nesse sentido, esse alongamento vazio após a articulação fonética da forma auxiliar, dá-nos um entendimento específico sobre o fraseamento fonológico. Isto é, a forma verbal “acabamos” e a forma clítica “nos” não constituem uma unidade fonológica; muito pelo contrário, à luz da perspectiva teórica da hierarquia prosódica de Nespor e Vogel (1986),

constitui o grupo clítico (*clitic group*) nessa sentença a sequência da forma clítica com VP/V2: “*nos alimentando*”.

Ademais, observamos que em estruturas complexas em que ocorre a forma pronominal *nos* - como em “(73) *e acabamos nos alimentando de forma desregrada e não prestamos atenção nos principais sintomas da diabetes que são esses que eu acabei de dizer, [...] - Fi, P-FN*” - não é feita a supressão da última consoante fricativa, alveolar, -Voz [ʃ] presente no sufixo flexional (-mos), que ocorre em forma verbal flexionada na 1ª pessoa do plural (acabamos), o que levou a não colocação do hífen, sempre necessário com a elisão da última consoante do sufixo flexional (-mos) à luz da variedade do PE, ao anteceder o clítico. Tal cenário leva-nos a fundamentar a favor da ocorrência do clítico proclítico a V2.

No geral, observamos que as pausas entre o VAux e o clítico, marcadas pela linha fina revelando a ausência da voz, ocorrem em vários exemplos do nosso *corpus*, como no exemplo “(74) *o estado vai te dar liberdade [...] – Fii, P-BM*”, conforme evidenciado na figura a seguir.

**Figura 6:** Resultado da experimentação da análise acústica no Praat



Fonte: Elaboração própria.

A Figura 6 mostra que há quase sempre na fala moçambicana uma pausa entre a articulação do VAux e o clítico no CV, marcada pela linha fina e menos preta, que traduz a inexistência da voz nessa parte, senão apenas ruído que não chega a atingir a intensidade de uma voz humana.

Outro dado não menos importante que observamos nos dados analisados, é que as estruturas complexas que apresentam a partícula “a” no interior (indicando uma ação contínua) e um verbo no infinitivo para formar o presente progressivo (equivalente ao gerúndio no PB), o clítico apresenta-se sempre hospedado a V2 ([75] *Então, o que eu estou a te dizer é: eu não estou a dizer que o meu país não tem problemas, meu país está cheio de problemas. Mas se tu*

*jovens aches que a solução é apontar dedo a Frelimo, apontar dedo a Renamo, tu já falhaste* – Fii, P-BM).

Ademais, Mapasse (2005) atestou - na sua tese de doutorado, na qual trabalhou com colocação pronominal na variedade moçambicana do Português mobilizando a modalidade oral e escrita – que na modalidade escrita os participantes não fizeram a colocação do *hífen* no verbo auxiliar ligando o clítico, o que pode ratificar a ideia de este estar realmente hospedado a v2 e não a v1, conforme sucederia na norma-padrão.

Dessa forma, com base nessas observações, que fundamentam nossa percepção sobre a posição exata do clítico no interior do CV, prosseguimos com a apresentação e análise dos dados da pesquisa. Nosso objetivo é compreender a frequência e a consistência da variação da colocação pronominal na variedade moçambicana do português.

#### 4. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Esta seção é reservada a apresentação, interpretação e análise quantitativa e qualitativa dos dados da pesquisa, obtidos através da metodologia delineada na seção anterior. De recordar que nessa pesquisa temos como objetivo geral analisar a colocação pronominal em complexos verbais na variedade do PM, considerando a frequência e consistência da variação em diferentes grupos geográficos e sociais em Moçambique.

##### 4.1 DISTRIBUIÇÃO GERAL DOS DADOS PELA VARIÁVEL DEPENDENTE

Nesta primeira subseção da descrição e análise dos dados, apresentamos a distribuição geral dos dados das variantes pré-CV (CL V1 V2), intra-CV com ênclise a V1 (V1-CL V2), intra-CV com próclise a V2 (V1 CL V2) e pós-CV (V1 V2-CL). Vale ressaltar que a mesóclise não foi registrada na nossa amostra.

Com as observações numéricas que conseguimos fazer sobre o *corpus*, coadunamos com a observação de Vieira (2013), segundo a qual os complexos verbais apresentam poucas ocorrências em relação às formas verbais simples que são mais produtivas na fala cotidiana.

Assim, nos dados dessa pesquisa foi observado um total de 285 (duzentas e oitenta e cinco) ocorrências de complexos verbais, formados por um ou dois verbos auxiliares.

Conforme explicado nas outras seções desta pesquisa, o fenômeno de colocação pronominal em complexos verbais apresenta quatro alternativas de ordenação do clítico, que a luz da norma-padrão moçambicana a sua variação depende de fatores linguísticos. E no nosso *corpus*, as quatro variantes apresentam a distribuição que evidenciamos na Tabela 1, considerando os valores absolutos e o percentual.

**Tabela 1 - Distribuição geral dos dados pela variável dependente**

| Modalidade oral do PM |             |            |          |
|-----------------------|-------------|------------|----------|
| Variantes             | Ocorrências | Percentual | Total    |
| CL V1 V2              | 18/285      | 6%         | 285-100% |
| V1-CL V2              | 19/285      | 7%         |          |
| V1 CL V2              | 210/285     | 74%        |          |
| V1 V2-CL              | 38/285      | 13%        |          |

**Fonte:** Elaboração própria.

Com a Tabela 1, é possível sublinhar que o clítico tende a se associar a V2, à medida que verificamos maior expressividade da terceira variante (V1 CL V2) referente a ocorrência

do clítico na posição interna com próclise ao VP (V2) e da quarta variante (V1 V2-CL) correspondente a ocorrência do clítico na posição pós-CV, respectivamente, com as seguintes quantificações: 210-74% e 38-13%.

Já a hospedagem do clítico no VAux (V1) é pouco expressiva e apresenta uma distribuição dos dados quase equilibrada, com 19-7% para a variante intra-CV com ênclise ao VAux (V1-CL V2) e 18-6% para a variante pré-CV (CL V1 V2). Com esta distribuição, compreende-se que na variedade moçambicana, o clítico tende a se hospedar no VP, todavia, com maior expressividade na posição proclítica, o que sugere uma inovação, considerando que na variedade do PE mais se efetiva a variante pós-CV, principalmente, em contextos sem elementos com função de atratores.

É importante reforçar que no PE, a próclise depende de fatores internos, isto é, não havendo elemento proclisador, a ênclise a V1 ou V2 constitui uma opção natural (eu *vou-te dar* ou eu *vou dar-te*). E havendo elemento proclisador, a próclise ao CV com infinitivo temático (*Não te vou largar*) é quase categórica, sendo a V2 restrita a complexos *ter que/de* (ex: *ter que me ensinar* ou *ter de me ensinar*) e admitida a opção de ênclise a V2, infinitivo temático, (*Não vou largar-te*) (Vieira & Vieira, 2018, p. 284). Portanto, a variação desse fenômeno constitui um traço linguístico que caracteriza a variedade do PM.

Considerando que os padrões de colocação pronominal, melhor são explicados de acordo com determinados fatores internos a língua, faremos, a seguir, a distribuição dos dados de acordo com os vários contextos linguísticos, e também extralinguísticos, para termos maior entendimento e explicação dos padrões de colocação pronominal no PM, dada a perspectiva sociolinguística com que esta pesquisa se orienta.

#### a) O verbo auxiliar

No âmbito da consideração dos contextos morfossintáticos, começamos por apresentar os valores absolutos e o percentual dos dados considerando os verbos auxiliares que se apresentam como formas funcionais em CV.

**Tabela 2 - Distribuição dos dados em função do número de verbos auxiliares**

| Nº de V.aux | Variantes |          |          |          | Total   |
|-------------|-----------|----------|----------|----------|---------|
|             | CL V1 V2  | V1-CL V2 | V1 CL V2 | V1 V2-CL |         |
| Um V.aux    | 16-6%     | 17-6%    | 205-75%  | 37-13%   | 275-96% |
| Dois V.aux  | 2-20%     | 2-20%    | 5-50%    | 1-10%    | 10-4%   |

|       |       |       |         |        |          |
|-------|-------|-------|---------|--------|----------|
| Total | 18-6% | 19-7% | 210-74% | 38-13% | 285-100% |
|-------|-------|-------|---------|--------|----------|

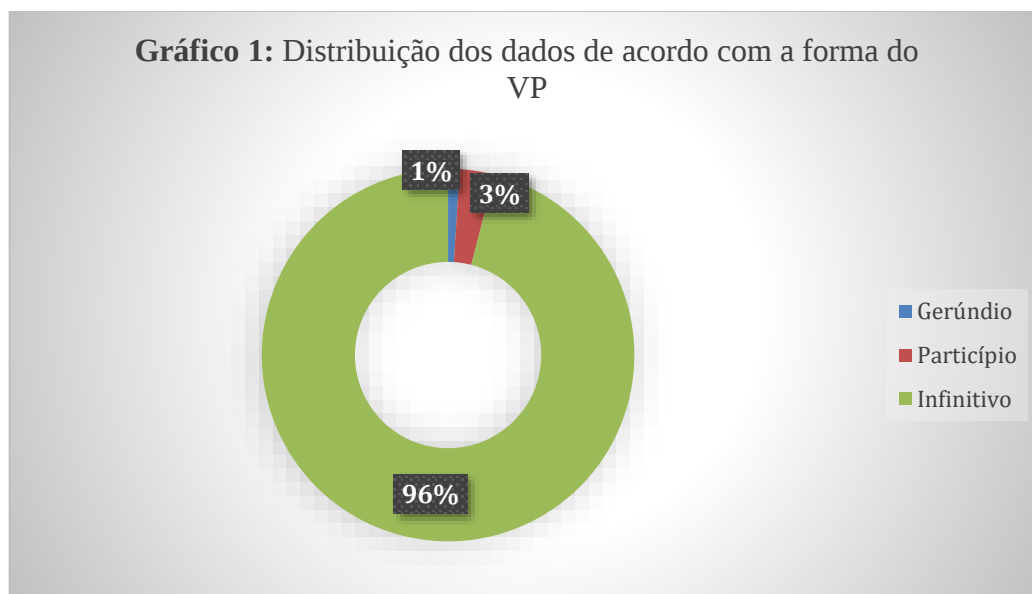
**Fonte:** Elaboração Própria.

Os CV podem ser compostas por um ou dois verbos auxiliares que se juntam ao verbo temático ou pleno para funcionar como um único núcleo verbal em uma oração. Geralmente são apresentados por um VAux e um VP, razão pela qual nos dados da pesquisa observamos maior predominância de CV com apenas um VAux e um VP.

Assim, conforme evidente na Tabela 2, 275 correspondentes a 96% são ocorrências de CV com apenas um VAux ([76] *Mas qual é a mensagem que o Nelo aparece a dar quando quer nos afirmar que a jovem com quem está a fazer estes gestos é a prima – Fi, P-DM*). Sendo apenas 10 (4%) dados com estruturas compostas por mais de um VAux ([77] *Não, não quero. Eu só queria tentar te perceber. Junior, eu concordo com tudo que tu disseste – Fii, P-CM*), todas em sentenças com VP no infinitivo.

Os verbos auxiliares, uma vez sendo as formas funcionais, a sua flexão está distribuída entre o modo indicativo e subjuntivo, nos tempos de presente (indicativo), pretérito perfeito (indicativo) e pretérito imperfeito (subjuntivo), porém, observa-se também alguns no infinitivo ([78] *Posso sentar na minha casa e estar a dedicar-me especialmente ao programa Pé da Letra – Fi, P-DM*). E nos contextos com estruturas compostas, a primeira forma verbal é que se encontra flexionada, e a segunda permanece no infinitivo ([79] *o que estamos a tentar te dizer é que Moçambique não está totalmente independente. Fi, P-DM*).

À luz da variedade europeia do Português que vigora como padrão em Moçambique, a colocação pronominal em CV leva muito em consideração a forma do VP/pleno. Desse modo, em consonância com a estratégia de análise usada por Vieira (2011), a análise dos CV com participípio, gerúndio e infinitivo “foi feita separadamente, tendo em consideração que a regra variável não é a mesma para as três formas verbais” (Vieira 2011, p. 85). Nesse sentido, “considerando separadamente as subamostras por tipo de VP” (Vieira 2011, p. 85), ou seja, os resultados dos complexos com infinitivo, gerúndio e participípio foram mostrados isoladamente e, a seguir, evidenciamos a sua distribuição.



**Fonte:** Elaboração própria.

O Gráfico 1 permite-nos observar dados com VP no gerúndio, particípio e infinitivo, distribuídos em 3 (1%) ocorrências com VP no Gerúndio, 9 (3%) ocorrências com VP no Particípio e 273 (96%) ocorrências com VP no Infinitivo.

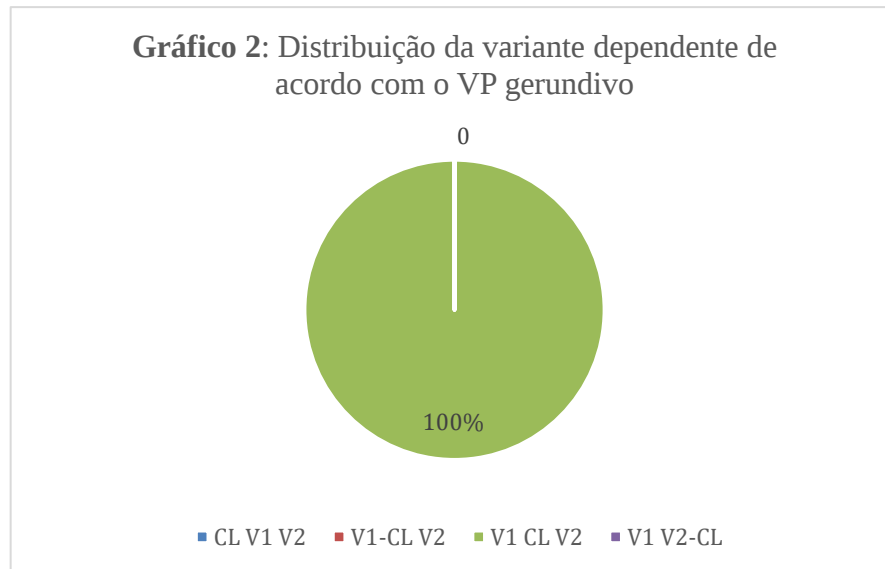
Em função da evidente disparidade na distribuição dos dados no Gráfico 1, vale salientar que a produtividade de CV com VP no infinitivo em detrimento, por exemplo, de gerúndio que predomina na variedade brasileira, deve-se ao fato de em Moçambique haver o seu predomínio ou preferência em quase todos os contextos de fala, tal como sucede na variedade europeia, como também, na angolana, conforme observado por Santos (2022). Nesse sentido, o infinitivo não é considerado como fator que explica a colocação dos clíticos em CV, todavia, é possível estudar a colocação pronominal fazendo a sua separação das demais formas verbais, conforme anunciamos anteriormente.

Posto isto, a seguir apresentamos a análise da distribuição separada dos dados da variável de colocação pronominal de acordo com a forma do VP – particípio, gerúndio e infinitivo.

Devido ao pequeno número de ocorrências de sentenças com VP no particípio e no gerúndio fizemos a análise através da “distribuição geral das ocorrências e na própria observação dos exemplos” (Vieira 2011, p. 85) conforme a autora citada procedeu com a análise na sua dissertação sobre o fenômeno. E em relação aos CV com infinitivo, além da observação dos diversos exemplos, a abordagem foi feita com base nos índices quantitativos referentes aos diversos grupos de fatores controlados na nossa pesquisa.

## 4.2 Ordenação dos clíticos pronominais de acordo com a forma verbal principal Gerundiva

Nesta subseção, consideramos apenas os 3 exemplos de CV com a forma verbal principal no gerúndio. O gráfico 2 permite-nos observar o comportamento dos três dados, ao considerar as quatro variantes que controlamos na pesquisa.



**Fonte:** Elaboração Própria

Conforme o Gráfico 2, todas as 3 (100%) ocorrências com VP no gerúndio apresentam a forma clítica na posição intra-CV com próclise ao VP, o que significa dizer que o clítico com a forma verbal principal se apresentou apenas na terceira variante (V1 CL V2) da nossa pesquisa, conforme observamos nos próprios exemplos abaixo:

(80) *Ela tem mania de bandida, por causa dessas coisas achava que algum momento estava se aproximando muito ao marido dela que é o Sérgio e agora acontece essa situação vimos aquela mensagem que você falou, temos que nós principalmente que somos beach gospel.* (Fii, P-EM)

(81) *Muitos estão a falar Tulipas, (gostam muito de se pintar, gostam muito de se pintar). Outros vão nos cumprimentando e desejando um ótimo trabalho. Muito obrigado a todos que nos acompanham. Muito obrigado a todos que nos acompanham.* (Fii, P-EN)

(82) *E acabamos nos alimentando de forma desregrada e não prestamos atenção nos principais sintomas da diabetes que são esses que eu acabei de dizer, você se sente fome toda hora, você quer beber água toda hora, você vai na casa do bawho toda hora.* (Fi, P-FN)

Os exemplos acima mostram claramente que as variantes Pré-CV, interna com ênclise ao VAux e Pós-CV não ocorreram com o VP no gerúndio. A não ocorrência da variante Pós-CV com este verbo pleno já é prevista com os compêndios gramaticais, devido ao caráter mais nominal dessa forma verbal. No entanto, as gramáticas tradicionais preveem a subida do clítico, hospedando-se ao VAux na posição enclítica e exclusivamente na posição proclítica diante elementos proclisadores no CV; E o que se observa nos exemplos 80, 81 e 82 é a ocorrência do clítico proclítico a V2, o que sugere uma certa inovação da variedade do PM.

No seu todo, as três ocorrências apresentam verbos auxiliares no modo indicativo, variando entre o tempo do pretérito imperfeito e o presente. Quanto ao tipo de clítico, ocorreram as formas pronominais *se* reflexivo e *nos*.

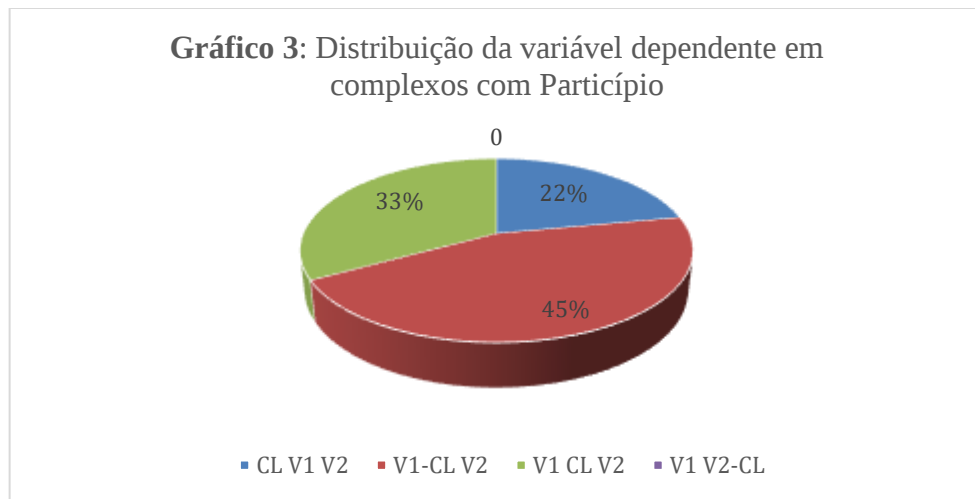
Relativamente ao padrão das formas pronominais *se* reflexivo e *nos*, presentes nos exemplos em análise, julgamos importante comentar que o *se* reflexivo segue os padrões observados por Vieira (2008) segundo os quais o *se* reflexivo associa-se quase sempre a V2. E acerca da forma pronominal *nos*, é justo problematizar-se a sua posição exata (entre ênclise a V1 ou próclise a V2), no entanto, a nossa escuta e teste no Praat levam-nos ao entendimento de um certo alongamento que nos remete o clítico mais à direita do CV.

Ademais, conforme observamos no exemplo (82) não houve a supressão da última consoante fricativa, alveolar, -Voz [ʃ] presente no sufixo flexional (-mos) do VAux *acabar* flexionado na 1ª pessoa do plural (acabamos), o que levou a não colocação do hífen, conforme sucede na norma da variedade do PE. E isso percebemos como fundamento a favor da presença do clítico proclítico a V2.

Podemos observar que nos três exemplos não houve nenhum elemento proclisador antecedente ao CV ou no interior do CV. Portanto, em função disso, fica compreensível considerar a variante intra-CV com próclise a V2, que observamos nos exemplos (80, 81 e 82), como inovadora na variedade do PM.

#### **4.3 Ordenação dos clíticos pronominais em Complexos com VP no Particípio**

Nesta subseção, consideramos apenas os 9 dados de CV com a forma verbal principal no particípio. Desta feita, o Gráfico 3 apresenta a distribuição destas 9 ocorrências encontradas com a forma verbal principal do complexo no particípio, de acordo com as quatro variantes que controlamos na pesquisa.



**Fonte:** Elaboração Própria

Como observamos no Gráfico 3, na amostra da pesquisa, encontramos dados de complexos com particípio distribuídos entre as variantes V1-CL V2, V1 CL V2 e CL V1 V2, com a variante intra-CV com ênclise ao VAux mostrando-se mais expressiva (45%), seguindo a variante intra-CV com próclise a V2 (33%) e por fim, a variante Pré-CV (22%). Portanto, a diferença na distribuição não é tão expressiva, porém, vale a compreensão de que, no geral, o clítico na variedade do PM tende a se apresentar na posição interna do CV.

Importante observar que a variante Pós-CV em complexos com particípios não ocorreu. Isso, juntamente com as considerações de complexos com gerúndio apresentadas na subseção anterior, confirma o que Viera (2011) explica sobre as prescrições da norma europeia apresentadas na gramática descritiva de Mateus et al. (2003), ao afirmar que os CV com VP no particípio ou gerúndio, sempre tem o clítico hospedado ao VAux ou antes do VP (proclização).

Relativamente ao tipo de clítico, destaca-se a forma pronominal *se* reflexivo e com índice de indeterminação do sujeito (SU) e apenas uma ocorrência com a forma pronominal *nos*. Abaixo, apresentamos os exemplos em análise:

(83) *mensagem que está sendo profanada, essa mensagem que está difundida, para mim é uma mensagem que não se pode sob ponto de vista nenhum ser difundido, o que está a acontecer é que nós temos crianças que estão a usar redes sociais.* (Fi, P-DM)

(84) *todo mundo **que se sinta, se sinta tocado** por essa questão é uma forma de nos juntarmos para lutar contra este mal e dar devido o seguimento para que mais casos não caiam nesse esquecimento.* (Fii, P-EB)

(85) *É possível nós entendermos aqui que esta jovem **sentiu-se** constrangida, quando vocês olharem com cuidado, esta jovem tá ali a cara que ela faz, a pressão facial que ela deixa*

*tá clara de que por favorece eu não estou confortável com o que ele está fazendo, tanto que aqui há aplicação da força Há momentos em que ela quer sair e ele não puxa. (Fi, P-DM)*

(86) *Mas meu caro, entenda, escuta, não escuta: **deveria ter-se contado** com isso, meu caro. Não tem jeito, meu caro, eu estou dizendo: **deveria ter-se contado** com isso. Veja só como é que se explica, não tem como, então, obviamente, meu irmão, deveria ter-se contado com isso, porrah man. (Fii, P-CM)*

(87) *porque é alguém que **já tinha se formado**, já tinha se casado (tinha feito este ano exato), então, é nessa parte onde a gente se pergunta onde é que começou, por onde é que começamos a falar sobre isso. (Fii, P-EM)*

(88) *porque é alguém que já tinha se formado, **já tinha se casado** (tinha feito este ano exato), então, é nessa parte onde a gente se pergunta onde é que começou, por onde é que começamos a falar sobre isso. (Fii, P-EM)*

(89) *ela tava procurando estes juízes (estes vidas) nós treinamos na área jurídica e eles **tem nos apoiado**, levando os casos até a mulher. (Fii, P-BB)*

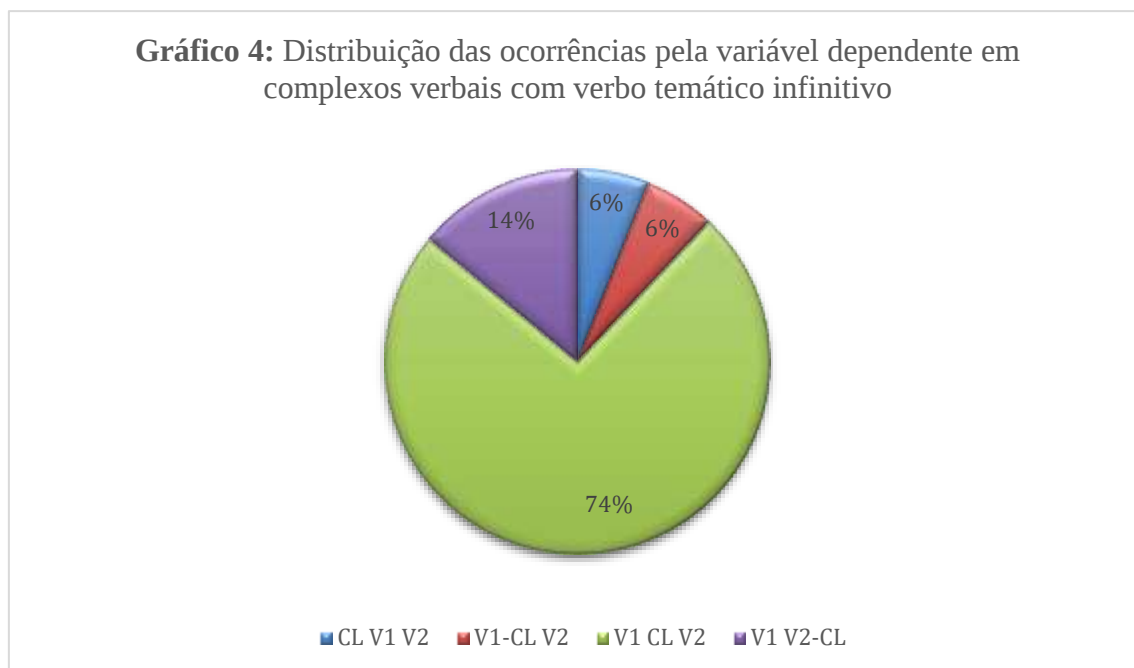
Observamos que a ocorrência da variante Pré-CV é explicada pela presença de elementos proclisadores, isto é, pela presença da categoria negativa no exemplo 83 precedendo a forma clítica *se*, e da conjunção relativa *que* no exemplo 84, mesmo depois da repetição ocasionada pela pausa dada pelo falante antes de concluir a enunciação de toda sentença, característica típica da oralidade.

Curiosamente, a variante intra-CV com ênclise ao VAux ocorreu em contextos sem nenhum elemento proclisador e com apenas predominância da forma clítica *se*, conforme evidente no exemplo 85, 86. Interessante destacar que a distribuição dos dados no VAux entre posição proclítica (em contextos morfossintáticos em que estão presentes os elementos com função proclisadora) e posição enclítica (em contextos sem elementos proclisadores) foi feita por participantes com nível de escolaridade superior, o que pode ser um indicador de que a escolarização contribui para maior sensibilidade a norma-padrão da variedade do PE.

Enquanto isso, as três ocorrências da variante intra-CV com próclise a V2 estão distribuídas em contextos morfossintáticos com presença (observando os exemplos 87 e 88, respectivamente, com CV precedido pelo pronome relativo *que* e o advérbio de tempo *já*) e ausência (observando o exemplo 89 em que o CV é precedido por um SN pronome pessoal) de elementos com função proclisadora.

#### 4.4 Ordenação Pronominal em Complexos Verbais com Verbo Temático Infinitivo

Já anunciamos anteriormente que a estrutura complexa com verbo temático Infinitivo foi a mais produtiva no *Corpus* da pesquisa, com 273 dados correspondentes a 96% no total de 285 ocorrências. Nesta estrutura, temos uma distribuição das ocorrências pela variável dependente apresentada no Gráfico 4.



**Fonte:** Elaboração própria.

O Gráfico 4 registra um quadro variável nas quatro posições com a forma do VP no infinitivo, sendo a variante intra-CV com próclise a V2 (V1 CL V2) a mais produtiva com 203 (74%) ocorrências, seguida pela variante pós-CV (V1 V2-CL) com 36 (14%) ocorrências e, em sequência, com índices equitativos as variantes pré-CV (CL V1 V2) e intra-CV com ênclise a V1 (V1-CL V2) com 16 (6%) ocorrências.

O Gráfico 4 dá indicação de que na variedade moçambicana do Português parece haver tendência da colocação da forma pronominal no VP do CV, considerando as variantes que se mostram produtivas. Desta feita, o clítico tem tendência a estar mais à direita do que à esquerda.

Com vista a termos explicações dos padrões de colocação pronominal em CV, fazemos a análise dessa distribuição das ocorrências, considerando a frequência dos fatores das diversas variáveis linguísticas e sociais controladas na pesquisa: forma do VAux, número das formas do VAux, forma clítica, elemento antecedente ao CV, presença/ausência de elementos no interior do CV, distância entre CV-Cl ou CL-CV e um elemento antecedente ao verbo, faixa etária, sexo, escolaridade e profissão.

#### 4.4.1 Forma do verbo auxiliar

Tabela 3 - Distribuição dos dados em função da forma do VAux/semiauxiliar

| Variantes    | Forma do Verbo auxiliar |            |            | Total    |
|--------------|-------------------------|------------|------------|----------|
|              | Indicativo              | Subjuntivo | Infinitivo |          |
| CL V1 V2     | 14-6%                   | 1-6%       | 1-10%      | 16-6%    |
| V1-CL V2     | 8-3%                    | 8-47%      | 0          | 16-6%    |
| V1 CL V2     | 192-78%                 | 6-35%      | 5-50%      | 203-74%  |
| V1 V2-CL     | 32-13%                  | 2-12%      | 4-40%      | 38-14%   |
| <b>Total</b> | 246-90%                 | 17-6%      | 10-4%      | 273-100% |

Fonte: Elaboração própria.

A Tabela 3 registra a distribuição das ocorrências de acordo com a forma/modo dos verbos auxiliares/semiauxiliares, sendo o indicativo o modo com 90% das ocorrências, correspondentes a 246 dados no total de 273.

Nessas ocorrências, a variante interna com próclise a V2 é a mais produtiva com 192 (78%) ocorrências; seguida, como em vários contextos desta pesquisa, pela quarta variante (V1 V2-CL) com 32 (13%) ocorrências; em sequência a variante pré-CV com 14 (6%) ocorrências; e, por fim, a variante interna com ênclise a V1 - quase sempre a menos expressiva em todos contextos morfossintáticos considerados na pesquisa – com 8 (3%) ocorrências.

Importante destacar que as formas verbais no indicativo estão distribuídas em alguns tempos gramaticais, com destaque do presente do indicativo, conforme nos exemplos a seguir.

(90) *Qual é a política que **não te permite viver**? Agora, se está corrompido o sistema, está corrompido. Roubar, rouba-se, podia ser melhor, podia.* (Fii, P-BM)

(91) *Nós não vamos aqui parar inventar coisas, esse jovem **vai tentar se esforçar**, sabes meu homem, deixe-me dizer-vos uma coisa. Não se tira alguém de uma de conforto para uma zona que não conhece, vai chegar um momento que não ficar mais à vontade, não vai mais conseguir, porque mascara faz calor.* ((Fii, P-CM)

(92) *Pena que o meu telefone está tão partido **que não posso vos mostrar**. Mas eu falei com cunhado hoje ao celular logo que estas imagens me caíram.* (Fii, P-AM)

(93) *E o Zainede, Dj Junior e Ivandro fizeram a questão de por este tema como tema principal do dia, mas agora segurem, eu falei com o meu cunhado, eu **só quero vos dizer** que eu falei com o um cunhado.* (Fii, P-AM)

(94) *Mas se fosse família a gente vem teria essas imagens, porque a família **não vai te queimar**, a família cuida das coisas lá na família. Aquele moço cor de rosa, mandar um abraço, conheço ele é um apresentador por acaso. (Fii, P-BM)*

(95) *Por que é que **estás a lhe defender**? quando são outros estamos a entregar, por que a ele estás a defender? (Fii, P-BM)*

(96) *A tua esposa **ia te receber** em casa depois daquele vídeo? Você conhece a sua esposa, qual é o respeito que tu estarias a falhar, estarias a perder com ela? (Fii, P-CM)*

Conforme observamos na subamostra do *corpus* da pesquisa através dos exemplos acima, compreendemos que o tempo gramatical mais recorrente do verbo funcional no indicativo é o presente, salvo os únicos casos em que a forma verbal está no pretérito imperfeito, como no exemplo 96.

O modo em sequência é o subjuntivo com total de 17 (6%) ocorrências, distribuídas em 1 (6%) da primeira variante (CL V1 V2), 8 (47%) da segunda variante (V1-CL V2), 6 (35%) da terceira variante (V1 CL V2) e 2 (12%) da quarta e última variante (V1 V2-CL).

É pontual sublinhar que a variante mais produtiva foi intra-CV com ênclise a V1 sempre em contextos em que a forma verbal está no presente do subjuntivo (97- *É o que eu estou a lhes explicar que eles gostam de ir no problema. **Deixe-me te dar** um exemplo, Vou te dar um exemplo que tu vais perceber o que é estou a tentar te explicar – Fii, P-BM)*, o que pode sugerir que esse contexto morfossintático favorece a ênclise a V1 no CV.

No geral, as formas verbais no subjuntivo encontram-se flexionadas em todos os três tempos gramaticais deste modo, neste caso, presente, pretérito imperfeito e futuro (98 - ***deixe-me falar** de Frozzy, foi lançado do ano passado e é a primeira bebida energética geralmente moçambicana com sabor distinto aliado a energia que tu precisas para começar um dia – Fii, P-AM; 99 - muitas das vezes porque não há condições **onde elas possam sentar-se** e aguardar pelos serviços pelos quais solicitam – Fii, P-EB; 100 - se **tiverem que me prenderem** que me prendam aqui, as cadeias não foram feitas para animais, nunca ouvi dizer que um leão está preso, os Homens fizeram para os próprios Homens – Fii, P-CM).*

Também, observamos nos dados da pesquisa ocorrências em que o VAux/semiauxiliar está no infinitivo, no total de 10 (4%), com distribuição de 1-10% da variante CL V1 V2, 5-50% da variante V1 CL V2 e 4-40% da variante V1 V2-CL, com essa distribuição, encontramos, assim, o primeiro knockout do *corpus*, na variante V1-CL V2.

Neste grupo, a variante mais produtiva foi obviamente a intra-CV com próclise a V2, tendo somado um total de 203 (74%) ocorrências, em relação a 38 (14%) da variante pós-CV e 16 (6%) da variante pré-CV e intra-CV com ênclise a V1, no total de 273 (100%) ocorrências de CV com VP no infinitivo.

#### 4.4.2 Número das formas do verbo auxiliar

As estruturas verbais complexas normalmente são compostas por duas formas verbais (um VAux e um VP), porém, a composição pode ser de três formas verbais, com dois funcionando como auxiliares e um como VP. A seguir a apresentação em tabela da sua distribuição.

**Tabela 4** - Distribuição das ocorrências de acordo com o número das formas do VAux com VP infinitivo

| Variantes    | Número de Formas do Verbo auxiliar |                        |          |
|--------------|------------------------------------|------------------------|----------|
|              | Um verbo auxiliar                  | Dois verbos auxiliares | Total    |
| CL V1 V2     | 16-6%                              | 0                      | 16-6%    |
| V1-CL V2     | 16-6%                              | 0                      | 16-6%    |
| V1 CL V2     | 198-74%                            | 5-83%                  | 203-74%  |
| V1 V2-CL     | 37-14%                             | 1-17%                  | 38-14%   |
| <b>Total</b> | 267-98%                            | 6-2%                   | 273-100% |

**Fonte:** Elaboração própria.

Através da Tabela 4, verificamos um total de 267 (98%) dados com apenas uma VAux e 6 (2%) com dois VAuxs, o que reforça a produtividade de locuções verbais com apenas um VAux e um VP.

Os poucos dados com dois VAuxs estão hospedados no VP infinitivo, 5 na posição proclítica e 1 na posição enclítica. O que tem se mostrado comum até aqui, isto é, tendência a hospedar-se o clítico no VP na variedade moçambicana do Português. Com isso, tivemos knockout na primeira variante (CL V1 V2) e segunda (V1-CL V2).

A produtividade de o VP ter o clítico como seu inquilino sucedeu também nas ocorrências com apenas um VAux, neste caso, verificamos 198-74% da variante intra-CV com próclise a V2 e 37-14% da variante pós-CV; havendo apenas 30 ocorrências com subida de clítico, 16 na posição proclítica e 16 na enclítica.

#### 4.4.3 Tipo de Clítico

No âmbito dos estudos de ordem pronominal, Vieira (2016) destaca a necessidade de se considerar as formas pronominais para a sistematização do comportamento das variáveis linguísticas. Assim, considerando essa variável, importa referir que no *corpus* analisado há predominância das formas clíticas **me**, **te**, **se**, **nos**, **lhe** e **o/a**. A seguir, a sua distribuição.

**Tabela 5** - Distribuição dos dados de acordo com a forma clítica

| Forma Clítica | Variantes |          |          |          | Total    |
|---------------|-----------|----------|----------|----------|----------|
|               | CL V1 V2  | V1-CL V2 | V1 CL V2 | V1 V2-CL |          |
| vos           | 0         | 0        | 8-53%    | 7-47%    | 15-6%    |
| te            | 4-6%      | 0        | 64-91%   | 2-3%     | 70-26%   |
| se            | 5-7%      | 0        | 44-65%   | 19-28%   | 68-25%   |
| me            | 3-6%      | 8-17%    | 32-68%   | 4-9%     | 47-17%   |
| nos           | 2-4%      | 3-6%     | 36-80%   | 4-9%     | 45-17%   |
| lhe(s)        | 2-8%      | 0        | 22-92%   | 0        | 24-9%    |
| o(s)          | 0         | 0        | 2-50%    | 2-50%    | 4-1%     |
| Total         | 16-6%     | 11-4%    | 208-76%  | 38-14%   | 273-100% |

Fonte: Elaboração própria.

Observamos que com a forma clítica *vos* há uma distribuição equilibrada com as variantes intra-CV com próclise a V2 (8 em 15 dados) e pós-CV (7 em 15 dados), havendo *knockouts* nas duas primeiras variantes. Essa distribuição concentrada apenas no VP, por parte, pode estar relacionada à quantidade de dados, por outra, pode estar traduzindo a tendência que se vem mostrando, referente a maiores índices de hospedagem do clítico no VP. E nas 15 ocorrências, o sujeito da oração é a forma pronominal da primeira pessoa gramatical (eu):

(101) *Pena que o meu telefone está tão partido **que não posso vos mostrar**. Mas eu falei com cunhado hoje ao celular logo que estas imagens me caíram.* (Fii, P-ASM)

(102) *No Facebook estamos a demorar 14 mil porquê, **não estou a vos entender**, vocês travaram nos 13 mil, custa alguma coisa? chegar 14 nada, vamos lá, mostrem lá que vocês têm força...* (Fii, P-EN)

(103) *Mas é preciso ter um pouco de vaidade, porque quando sofria não tinha nada disso, Lil Wayne sabe, até posso vos mostrar como é que nós vivíamos, mas enfim **não posso vos mostrar** hoje, fica para outro dia.* (Fii, P-EN)

(104) *vou fazer as unhas que estão tão horríveis, não **posso vos mostrar** porque é muita vergonha mesmo.* (Fii, P-EN)

(105) ***Terei prazer de vos receber** para trocarmos dicas...* (Fi, P-FN)

(106) *E o Zainadine, Dj Junior e Ivandro fizeram a questão de por este tema como tema principal do dia, mas agora segurem, eu falei com o meu cunhado, eu **só quero vos dizer** que eu falei com o um cunhado.* (Fii, P-ASM)

(107) *Pedir sinceras desculpas para quem nos vê do Facebook, tivemos pequenos problemas técnicos. Mas já estamos ligados, **vamos nos conectar**. Vamos com Sigaval.* (Fii, P-ASM)

(108) ***Posso vos pôr?** Vocês são jovens de muitos problemas.* (Fii, P-BM)

(109) *até porque daqui a mais um bocadinho eu vou, sim, **poder adiantar-vos** afinal de contas, o que é que nós vamos tratar no nosso programa de hoje.* (Fii, P-EN)

(110) *eu vos amo, eu vos adoro, e **quero dizer-vos** algo, eu irei continuar a trabalhar, irei continuar a proporcionar-vos momentos de boa vibe.* (Fii, P-ASM)

(111) *Eu vos amo, eu vos adoro, e quero dizer-vos algo, eu irei continuar a trabalhar, irei continuar a **proporcionar-vos** momentos de boa vibe.* (Fii, P-AM)

(112) *Obrigada nós, doutora, por ter-nos aceite o convite, quero acreditar que o nosso tema de hoje que é a diabete, vamos falar sobre as causas, sobre o tratamento e também sobre os sintomas, eu gostaria que a doutora. Não, antes da doutora, **quero mais uma vez convidar-vos** a juntar-se a nossa conversa.* (Fii, P-EN)

(113) *eu **estarei aqui a fazer-vos** companhia até quando for pontualmente 10 horas e 50 minutos, exatamente, quase aí uma hora, que eu tô lerda, 2 horas ele tá coisa aí 2 horas assim é que estaremos todos juntos, bem conectados, bem ligadinhos, espero trazer o melhor do bom programa para todos vocês.* (Fii, P-EN)

(114) *Assunto cunhado. estamos ai, já estamos, já estou a ver, ohh PCA assunto cunhado. eu liguei para o cunhado hoje, só **não posso mostrar-vos** a chamada que eu fiz, porque epah, esse meu telefone, men, já caiu muito.* (Fii. P-ASM)

(115) *Eu acho que vou aqui agradecer ao Dj Cebola, epha, eu não **queria aqui deixar-vos** para baixo, meninas, mas epah.* (Fi P-DB)

Interessante observar que das 8 ocorrências da variante intra-CV, 5 apresentam algum elemento proclisador na posição pré-CV, como a categoria negativa (não) nos exemplos 101 a 104 e o advérbio *só* no exemplo 106; 1 apresenta algum elemento interveniente na posição interna do CV, como a preposição *de* no exemplo 105. E as restantes duas correspondem apenas a CV compostos por simples locuções verbais sem antecedência de algum elemento morfossintático.

Essa observação pode levantar a interpretação de que a ocorrência dos atratores, tanto no pré-CV quanto no intra-CV, normalmente leva a próclise a V2, e não a V1, neste sentido, parece estarmos perante a um caso de tendência generalizada de próclise a V2.

As 7 ocorrências da variante pós-CV observadas no *corpus*, estão distribuídas em diferentes contextos morfossintáticos do CV, com maior predominância de contextos em que haja algum elemento interveniente no interior do CV, mas sem função atrativa (109, 111, 112 e 113) com 3 dados. Seguindo equilibradamente, contextos em que não haja presença de qualquer elemento morfossintático e da presença de algum elemento com função proclisadora na posição pré-CV, com 2 dados para ambos os contextos. Com isso, a ocorrência da variante pós-CV pouco depende de algum contexto frásico.

A forma clítica *te* registrou o maior índice da variante intra-CV com próclise a V2 no seu grupo e no *corpus* todo, com 64 (91%), respectivamente, em 70 e 273 dados. Segue a variante pré-CV com 4 dados, a pós-CV foi a menos produtiva com 2 dados em 70. E a variante intra-CV com ênclise a V1 deu knockout.

(116) *e alguns levam aquela foto, coloca e coloca uma legenda **que te faz ver** no caso concreto.* (Fii. P-NA)

(117) *Qual é a política que **não te permite viver**? Agora, se está corrompido o sistema, está corrompido. Roubar, rouba-se, podia ser melhor, podia.* (Fii, P-BM)

(118) *o que é **que te oferece dizer** neste momento quando o assunto é Direitos Humanos das mulheres e raparigas neste contexto da pandemia covid-19.* (Fii. P-AB)

A ocorrência da variante pré-CV se deu em contextos da presença de elementos proclisadores como observamos nos exemplos 116, 117 e 118. Isto pode indicar que com a forma clítica *te*, essa variante depende desses elementos na variedade moçambicana do Português, em conformidade com a norma-padrão.

Os dois dados da variante pós-CV com a forma clítica *te*, observamos em contextos sem antecedência de qualquer atrator ([119] *Não é do tipo vai dar-te sopa, trazer comida para ti, não, mano. Tu tens que jobar* – Fii, P-BM; [120] *pode chamar-te de pai mas dentro de si, tu vais ter aí, sempre vai ter aquele apoio para que tu sabes?* – Fii, P-BN). Isso pode se dever a quantidade de dados que é bastante reduzida. Contrariamente, a variante intra-CV com próclise a V2 com 64 (91%) de 70 dados ocorreu em todos contextos morfossintáticos possíveis do corpus.

Salientar que, com esta forma clítica observamos casos de redução fonética ([121] *eu não estou ta perguntar, estou ta dizer, na minha opinião não está organizado* – Fii, P-CM) devido a processos de simplificação fonética e integração ao verbo, isto é, da forma corrente “estou-te a dizer” fez-se redução, suprimindo-se a vogal “e”, o que resultou na forma como vem no exemplo 121. Esse processo na variedade moçambicana ocorre em contextos de oralidade onde há maior influência da fala coloquial. Curiosamente, a ocorrência desse processo leva a deslocamento do clítico mais à direita no interior do CV.

Vale sublinhar que produtividade da forma clítica *te* entre as demais formas deve-se ao fato da sua predominância na variedade moçambicana em contextos em que se refere diretamente à pessoa que é o objeto da ação verbal, diferente da variedade brasileira na qual vai variando com a forma *lhe*.

Relativamente a forma clítica *se*, observamos que é a segunda forma com maior número de ocorrências (atrás apenas da forma *te*) com total de 68 dados, dentre os quais, 63 apresentam a forma clítica hospedada no VP/V2, distribuídos em 19 para variante enclítica a V2 (pós-CV) e 44 para variante intra-CV com próclise a V2, sendo a mais produtiva como nas demais formas clíticas.

Sendo assim, o clítico subiu em 5 dados para a variante pré-CV, o que levou a knockout na variante intra-CV com ênclise a V1. Interessante observar que nas 5 ocorrências há elementos proclisadores que acreditamos estarem a atrair o clítico para esta posição:

(122) *Enquanto dependemos de várias questões, se você fosse recordar até para a economia do nosso país, nós dependemos de financiamento, Nós dependemos de várias*

questões. Então, **não se pode afirmar** categoricamente que Moçambique está independente. (Fi, P-DM)

(123) *Eu volto a dizer o que já disse antes, Moçambique é um país dos moçambicanos, a dificuldade que temos estado a enfrentar em Moçambique é uma verdade incontornável **que se não pode tapar** pela peneira.* (Fi, P-DM)

(124) *Eu gosto de mães que se identificam com os seus filhos, porque realmente existem mães **que não se fazem** sentir como mães.* (Fii, P-BN)

(125) *Mesmo tu não sabes o que se está a passar, agora. Então, mano não se pode confiar ninguém cegamente.* (Fii, P-CM)

(126) *Isto também é algo que acontece, tem homens **que se fazem passar** por mulheres nas redes sociais, colocam aí fotos e mandam mensagens, eu sou lésbica eu gostei ti.* (Fi, P-CN)

Desta feita, é verdade afirmar que a próclise ao CV com a forma clítica *se* nos dados da pesquisa, dependeu apenas dos elementos com função proclisadora, e que ela tende estar mais à direita do CV, hospedando-se no V2, com proeminência da variante proclítica a V2, enquanto segue a variante enclítica a V2.

Encontramos também com esta forma um caso de redução fonética ([127] *Então, o que é que **está sa fazendo?** Será que acrescentou-se transporte? fez-se alguma coisa de novo?*), tal como vimos com a forma *te*, que traduz a oralidade da variedade popular do PM.

No concernente, a forma clítica da primeira pessoa do singular, *me*, observamos a produtividade da intra-CV com próclise a V2 com 32 de 47 (17%) dados, seguida da variante intra-CV com ênclise a V1 com 8 (17%) ocorrências. Constitui a primeira forma clítica, na ordem decrescente da Tabela 5, que não apresentou knockout nesta segunda variante (V1-CL V2). Segue a variante pós-CV com 4 (9%) e, por fim, a pré-CV com 3 (6%) dados.

Os 3 dados da pré-CV apresentam elementos proclisadores ([128] *não, **não me deixaste terminar**, o que eu estou a dizer aqui é que, digo que eu quero lutar* – Fii, P-CM; [129] *o corpo de mulher quem deve ter domínio é ela mesma, **não me podem pegar** sem nenhum tipo de autorização minha, independentemente do grau de parentesco que nós tenhamos* – Fi, P-DM; [130] *agora que apareço em agenda, se **me encontram a fazer** xixi na estrada qual é a mensagem que vou tar a transmitir* – Fi, P-DM), o que reforça a influência desses elementos morfossintáticos na ordenação dos clíticos em CV na variedade do PM.

Por sua vez, os dados da variante pós-CV ([131] *posso deixar também de aceitar o desafio e sentar na minha casa e **estar a dedicar-me** especialmente ao programa Pé da Letra – Fi, P-DM*); [132] *Valente, um beijo aí no teu coração, **estás a dever-me** dinheiro tu, tens que me dar, eu não te pedi, me prometeste – Fii, P-EM*) apresentam um CV com partícula “a” no interior (indicando uma ação contínua) e um verbo no infinitivo para formar o presente progressivo. Este contexto morfossintático é reconhecido pela norma-padrão que vigora no PM.

A variante intra-CV com ênclise a V1 muito foi observada em contextos em que o CV inicia absolutamente a oração, ou seja, em que antes CV não ocorreu algum constituinte/sem elemento antecedente ([133] ***Deixe-me terminar** a minha fala, meu caro. – Fii, P-CM*), isso traduz o fato da quase não colocação do clítico proclítico na posição de início absoluto tanto em estruturas simples quanto em complexas por parte dos moçambicanos. Já a variante produtiva (V1 CL V2) observamos que ocorreu em diferentes contextos sintáticos.

Por sua vez, a forma clítica *nos* não foge da regra, isto é, com ela a variante intra-CV com próclise a V2 (V1 CL V2) também apresenta maior índice de ocorrências com 36 (80%) no total de 45 (17%) dados. Segue a variante pós-CV com 4 (9%), em sequência a variante intra-CV com ênclise a V1 com 3 (6%) e, por fim, a variante pré-CV com 2 (4%) dados.

Na variante pré-CV com a forma clítica *nos* observamos uma ocorrência do CV correspondente a oração coordenada aditiva ([134] *Nós hoje temos uma situação em que algum momento tentam nos confundirem e **nos fazer perceber** que não que fez - Fii, P-CM*) com apenas antecedência da conjunção aditiva; e uma ocorrência do CV numa interrogativa parcial ([135] *o que é **que nos pode dizer** em relação à esta questão estamos aqui a falar – Fii, P-AB*), implementada por uma locução interrogativa “o que é que” que funciona como atrator na ordenação dos clíticos.

Na segunda variante, observamos casos de hipercorreção ([136] *dá-me o Facebook aí, para saudar **quem está-nos a ver** do Facebook – Fii, P-AM*; [137] *Nós estamos a assistir o que você **está-nos a mostrar**, você é que se filmou e se postou – Fii, P-BM*; [138] *Obrigada, doutora, **por ter-nos aceite** o convite, quero acreditar que o nosso tema de hoje que é a diabete – Fii, P-EN*), ou seja, casos de uso da ênclise em contextos de presença de atratores. Este constitui um processo já atestado por Gonçalves (2004) na sua tese sobre a colocação pronominal em estruturas simples.

Igualmente, na variante pós-CV, para além de CV com interveniência da partícula “a” no interior ([139] *e muitas outras coisas **que tendem a separar-nos**, só por ser por ser seres humanos - Fii, P-CB*) indicando uma ação contínua, observamos um caso de hipercorreção

([140] *Mas **temos que juntar-nos** e fazer, quer dizer, exigir que os nossos direitos sejam ressarcidos* - Fii, P-CB).

E de igual modo, a variante intra-CV com próclise a V2 observamos em contextos sem presença e com presença de elementos proclisadores, com e sem elemento interveniente no interior do CV, tal como sucedeu nas outras formas clíticas até aqui discutidas.

No total de 24 ocorrências, a forma clítica *lhe* que normalmente desempenha a função de objeto indireto (OI), 22 (92%) ocorrências são da variante intra-CV com próclise a V2, 2 (8%) da variante pré-CV e deu knockout nas variantes intra-CV e pós-CV.

Assim, observamos que a variante pré-CV com o pronome oblíquo átono "lhe" se deve à presença de elementos proclisadores ([141] *é aquilo **que lhe estava a dizer** muitas mulheres têm medo de virem as televisões, e não só de virem as televisões* – Fi, P-CN). Enquanto a variante intra-CV com próclise a V2 parece não depender de nenhum contexto frásico.

Destacamos, por fim, sobre as formas clíticas, que nos poucos dados dos pronomes *o* e *a*, estes estão apenas hospedados no verbo principal. Assim, em contextos em que ocorre na sua forma natural, aparece proclítico, e em contextos em que ocorre contraído, aparece enclítico, conforme se observa nos exemplos abaixo.

(142) *Sabes de uma coisa, eu **não posso o condenar** por isso, é escolha dele e todos nós temos direito a escolha, certo?* (Fii, P-EM)

(143) *Eu se encontrar o Nelo, **vou cumprimentá-lo**, vou apertar a mão, o que **estou a tentar te explicar** é que para mim o Nelo, enquanto figura pública que é [...]* (Fi, P-DM)

Os exemplos 142 e 143 mostram-nos obviamente o que também sucede na norma europeia do Português, isto é, quando o pronome oblíquo átono *o* sofre contração (*lo*) em contextos em que está diretamente ligado a um verbo que termina em vogal realiza-se na posição enclítica, e sem contração quando aparece antes do verbo. Devido ao número bastante reduzido, não dá para fazer conclusões tão categóricas, senão uma mera apresentação.

Baseando-nos na Tabela 5, é fundamental afirmarmos que a colocação segundo a forma clítica ou tipo de clítico apresenta poucas variações, predominando em todos elas a frequência da variante intra-CV com total 208 (76%) dos 273 (100%) dados, seguida da variante pós-CV com 38 (14%) ocorrências, o que revela a tendência a colocar-se o clítico no VP no PM. Ao que parece, a variação de acordo com a forma clítica acontece quando se trata de ênclise a V1 ou ao CV.

Essa tendência aproxima-se ao comportamento da variedade oral do PB na modalidade oral, na qual, igualmente, a concretização da variante intra-CV com próclise a V2 é, em geral, significativa (Vieira 2002; Vieira 2011; Carneiro, 2016)

Entendemos também que a variante pré-CV depende de elementos proclisadores para a sua ocorrência, e a variante intra-CV com ênclise a V1 ocorre normalmente em contextos de início absoluto da oração e de hipercorreção. Isso mostra o respeito pela norma-padrão por alguns falantes do PM em certos contextos morfossintáticos.

#### 4.4.4 Elemento antecedente ao CV

**Tabela 6** - Distribuição das ocorrências de acordo com o elemento antecedente ao CV

| Elemento antecedente ao CV  | Variantes |          |          |          | Total    |
|-----------------------------|-----------|----------|----------|----------|----------|
|                             | CL V1 V2  | CL V1 V2 | CL V1 V2 | CL V1 V2 |          |
| Sem elemento antecedente    | 0         | 11-14%   | 57-70%   | 13-16%   | 81-30%   |
| Os marcadores de foco       | 0         | 0        | 7-78%    | 2-22%    | 9-3%     |
| Partícula de negação        | 6-17%     | 0        | 28-78%   | 2-6%     | 36-13%   |
| Os marcadores de ênfase     | 0         | 0        | 3-68%    | 1-33%    | 4-2%     |
| Advérbio                    | 0         | 0        | 5-100%   | 0        | 5-2%     |
| SN pronome pessoal          | 0         | 2-4%     | 37-82%   | 6-13%    | 45-17%   |
| Os sintagmas QU             | 3-25%     | 1-8%     | 8-67%    | 0        | 12-4%    |
| SN sujeito nominal          | 0         | 0        | 27-82%   | 6-18%    | 33-12%   |
| Conjunção aditiva           | 1-13%     | 0        | 5-63%    | 2-25%    | 8-3%     |
| Conjunção subordinada       | 1-10%     | 0        | 7-70%    | 2-20%    | 10-4%    |
| Pronome relativo <i>que</i> | 4-17%     | 1-4%     | 16-67%   | 3-13%    | 24-9%    |
| Preposição                  | 0         | 1-50%    | 1-50%    | 0        | 2-1%     |
| Conjunção adversativa       | 0         | 0        | 1-50%    | 1-50%    | 2-1%     |
| Conjunção disjuntiva        | 0         | 0        | 2-100%   | 0        | 2-1%     |
| <b>Total</b>                | 15-5%     | 16-6%    | 204-75%  | 38-17%   | 273-100% |

**Fonte:** Elaboração própria.

Observamos que a variante pré-CV depende exclusivamente da presença de elemento antecedente com função de atração, como a partícula de negação com 6 (17%) dados de 36, pronome relativo *que* com 4 (17%) de 24, os sintagmas QU com 3 (25%) de 12, conjunção aditiva com 1 (13%) de 8 e conjunção subordinada com 1 (10%) de 10. Para exemplificação, citamos alguns com esses elementos:

(144) *Enquanto dependemos de várias questões, se você fosse recordar até para a economia do nosso país, dependemos de financiamento, Nós dependemos de várias questões. Então, **não se pode afirmar** categoricamente que Moçambique está independente.* (Fi, P-DM)

(145) *Boa tarde, obrigada por ter aceite nosso convite. O que é que nos, o que é **que nos pode dizer** em relação a esta questão estamos aqui a falar?* (Fii, P-AB)

(146) *e alguns levam aquela foto, coloca e coloca uma legenda que **te faz ver** no caso concreto. Se sentir mal, as pessoas são mesmo cruéis.* (Fii, P-NA)

(147) *os partidos políticos os partidos políticos moçambicanos têm a mesma história, a história deles começa no mesmo tempo, mas nós hoje temos uma situação em que algum momento tenta nos confundir e **nos fazer perceber** que não foi ele que fez.* (Fii, P-CM)

(148) *agora que apareço em agenda, se **me encontram a fazer** xixi na estrada qual é a mensagem (vai transmitir) que vou tar a transmitir.* (Fi, P-DM)

Assim, com os marcadores de ênfase, advérbio, SN pronome pessoal, SN sujeito nominal, preposição, conjunção adversativa, conjunção disjuntiva e contextos sem elemento antecedente, a variante pré-CV deu knockout, favorecendo as outras, com destaque da terceira (V1 CL V2) e da quarta variante (V1 V2-CL) na pesquisa.

A variante intra-CV com ênclise a V1 é mais produtiva em contextos sem antecedência de algum elemento ao CV, chegando a atingir cerca de 11 (14%) de 81 dados. Ela também ocorreu em CV antecidos por SN pronome pessoal com 2 (4%) dados, sintagmas QU com distribuição de um dado, pronome relativo *que* e por preposição, o que traduz casos de hipercorreção, comuns na variedade moçambicana do PM.

Já com a variante intra-CV com próclise a V2 não dá para dizer que o tipo de elemento antecedente exerce alguma influência, uma vez ela tendo sido expressiva com quase todos os elementos controlados na pesquisa.

Com a variante V1 V2-CL há produtividade em casos sem nenhum elemento antecedente, SN pronominal pessoal e com o SN sujeito nominal, respectivamente, com índice de 13 (16%) de 81 dados, 6 (13%) de 45 dados e 6 ((18%) de 33 dados. Igualmente, essa variante se deu em casos previstos pela norma-padrão, isto é, em CV antecidos por um atrator, neste caso, CV antecidos por um pronome relativo *que*, com 3 (13%) de 24 dados.

#### 4.4.5 Presença/ausência de elementos no interior do CV

De acordo com algumas pesquisas que estudaram a colocação pronominal em CV (Vieira 2002; Vieira 2011, Costa, 2014), os padrões de colocação pronominal podem ser explicados de acordo com a presença ou ausência de elemento interveniente no interior do CV. Nesse sentido, a tabela a seguir apresenta os valores absolutos e percentuais das variantes da pesquisa considerando esta variável.

**Tabela 7** - Distribuição dos dados em função da presença/ausência de elementos no interior do CV

| Presença/ausência de elementos no interior do | Variantes |          |          |          | Total    |
|-----------------------------------------------|-----------|----------|----------|----------|----------|
|                                               | CL V1 V2  | CL V1 V2 | CL V1 V2 | CL V1 V2 |          |
| Ausência de elemento                          | 13-8%     | 10-6%    | 132-76%  | 18-10%   | 173-63%  |
| Presença de <i>a</i>                          | 3-5%      | 2-3%     | 43-69%   | 14-23%   | 62-23%   |
| Presença de marcadores discursivos            | 0         | 3-38%    | 2-25%    | 3-38%    | 8-3%     |
| Presença de <i>que</i>                        | 0         | 0        | 8-80%    | 2-20%    | 10-4%    |
| Presença de <i>para</i>                       | 0         | 0        | 4-100%   | 0        | 4-2%     |
| Presença de <i>de</i>                         | 0         | 1-11%    | 8-89%    | 0        | 9-3%     |
| Presença de <i>como</i>                       | 0         | 0        | 1-100%   | 0        | 1-0,4%   |
| Presença de advérbio                          | 0         | 0        | 3-75%    | 1-25%    | 4-2%     |
| <i>eu</i> no interior                         | 0         | 0        | 1-100%   | 0        | 1-0,4%   |
| Presença de <i>por</i>                        | 0         | 0        | 1-100%   | 0        | 1-0,4%   |
|                                               |           |          |          |          |          |
| <b>Total</b>                                  | 16-6%     | 16-6%    | 203-74%  | 38-14%   | 273-100% |

Fonte: Elaboração própria.

A Tabela 7 permite-nos observar que a variante pré-CV (8%) só é possível em contextos sem a presença de algum elemento proclisador no interior do CV e da presença da partícula “a” (5%) “[149] *se me encontram a fazer xixi na estrada qual é a mensagem que vou tar a transmitir* – Fi, P-DM”, tendo, por isso, dado knockout nos demais elementos.

De igual modo, as variantes intra-CV com ênclise a V1, intra-CV com próclise a V2 e pós-CV apresentaram índices elevados na presença de *a* no interior do CV ([150] *saudar quem está-nos a ver do Facebook* – Fii, P-AM; [151] *Eu tenho a certeza de que a tua esposa está a te assistir neste momento* – Fii, P-CM; [152] *sentar na minha casa e estar a dedicar-me especialmente ao programa Pé da letra* – Fi, P-DM). Com isso, é possível pensar que a ausência e presença de *a* no interior do CV garante maior variação entre as quatro variantes da variável de colocação pronominal.

Sobre a partícula *a*, a variedade do PE reconhece que é possível a variação entre a próclise e a ênclise a V2 pois a natureza desse elemento não é categórica a nenhuma das ordens (Vieira 2011).

Os marcadores discursivos no interior do CV parecem não determinar uma ordem exclusiva para a colocação do clítico em grupos verbais, podendo o clítico variar entre as variantes intra-CV com ênclise a V1 ([153] *Singaval, desculpa, deixa, deixe-me só, **deixe-me só lhe cortar** um bocadinho* – Fii, P-CM), intra-CV com próclise a V2 ([154] ***vamos lá nos organizar** pha, isso não pode acontecer de novo* – Fii, P-BM) e pós-CV ([155] *Não, antes da doutora, **quero mais uma vez convidar-vos a juntar-se a nossa conversa*** – Fii, P-EN). Com a pouca quantidade de dados, não dá para argumentar sobre a variante produtiva entre as três variantes, embora, as variantes intra-CV com ênclise a V1 e pós-CV sejam mais expressivas, igualmente com o índice de 3-38% no tal de 8 dados.

Já com os elementos como *que, para, de* e o adverbio *cá* presentes no interior do CV, o clítico é quase categórico a estar proclítico ao VP/V2, respectivamente, com 8, 4 e 8 de 10, 4 e 9 dados. As construções a seguir mostram exemplos dessas condições expressivas da ocorrência desses elementos.

(156) *Dizem que jovens é a força de mudança. Então, eu não gosto quando aparece a situação de que não, os jovens não podem se meter na política, não, **nós temos que nos meter** porque nós é que fazemos isso...* (Fii, P-CM)

(157) *não é agora depois de ele ganhar, **aparecem artistas para lhe boicotarem a felicidade dele, porque Humberto fez o trabalho dele, todo ser que quer ganhar através de votos, vai e faz o quê, faz uma campanha, ele fez a campanha dele.*** (Fii, P-EM)

(158) *para quem **acaba de se ligar** seja mais uma vez muito bem-vindo a esse que é o melhor programa de todas as manhãs moçambicanas.* (Fii, P-EM)

(159) *tudo que começa como fruto de programa discute-se no programa, é só **vir para cá declarar-se [...]** tudo que ela disse para si que fale aqui para todos testemunhar e analisar se é uma mulher coesa, porque se LJ, se dá para o Sigaval ou não dá.* (Fi, P-DM)

Esse padrão observado nos exemplos 156, 157, 158 e 159 é reconhecido pela norma-padrão que vigora no PM, à medida que esta prevê que no interior do CV se houver antecedência de um elemento proclisador, como é o caso das construções com as preposições *de, para, que*

e presença do advérbio *cá* ocorre obrigatoriamente a posição proclítica ao VP/V2 (Mateus *et al.*, 2003).

Dos únicos casos de variação com esses elementos, observamos 1 dado na variante V1-Cl V2 com a presença de “*de*”, 2 dados na variante V1 V2-CL com a presença de *que* e 1 dado na variante V1 V2-CL com a presença de um advérbio, resultando, em casos de hipercorreção típica da variedade do PM. Assim, as demais variantes com esses elementos no interior do CV deram knockout.

Os contextos de presença do advérbio *como*, o SN pronome pessoal *eu* e a preposição *por* no interior do CV apresentam apenas 1 dado por cada, na variante intra-CV com próclise a V2. Com essa quantidade obviamente que não é objetivo qualquer conclusão em relação aos padrões de ordenação do clítico em CV.

No geral, a variante intra-CV com próclise a V2 é a mais produtiva com ou sem presença de algum elemento intervindo no interior do CV, chegando a alcançar no total o índice de 203 (74%), no total de 273 dos dados da pesquisa com infinitivo temático. Segue a variante pós-CV, como em todas variáveis da pesquisa, com 38 (14%) dados; e as variantes pré-CV e intra-CV com ênclise a V1 ambas apresentam o índice de 16 (6%) dados, quando juntados todos os contextos de presença e ausência de elementos intervenientes no interior do CV.

#### 4.4.6 Distância entre CV-Cl ou CL-CV e um elemento antecedente ao verbo

**Tabela 8** - Distribuição dos dados de acordo com a distância entre CV-Cl ou CL-CV e um elemento antecedente ao verbo

| Distância entre CV-Cl ou CL-CV e um elemento antecedente ao verbo | Variantes |          |          |          | Total   |
|-------------------------------------------------------------------|-----------|----------|----------|----------|---------|
|                                                                   | CL V1 V2  | CL V1 V2 | CL V1 V2 | CL V1 V2 |         |
| Zero sílaba                                                       | 3-4%      | 11-13%   | 55-66%   | 15-18%   | 84-31%  |
| Uma sílaba                                                        | 12-10%    | 3-2%     | 92-75%   | 16-13%   | 123-45% |
| Duas sílabas                                                      | 1-3%      | 1-3%     | 26-81%   | 4-13%    | 32-12%  |
| Cinco sílabas                                                     | 0         | 1-13%    | 7-88%    | 0        | 8-3%    |
| Quatro sílabas                                                    | 0         | 0        | 15-88%   | 2-12%    | 17-6%   |
| Três sílabas                                                      | 0         | 0        | 2-67%    | 1-33%    | 3-1%    |
| Seis sílabas                                                      | 0         | 0        | 6-100%   | 0        | 6-2%    |

|       |       |       |         |        |      |
|-------|-------|-------|---------|--------|------|
| Total | 16-6% | 16-6% | 203-74% | 38-14% | 273% |
|-------|-------|-------|---------|--------|------|

**Fonte:** Elaboração própria.

Tendo como base a Tabela 8 apresentamos os resultados relativos à distância entre o CV-Cl ou CL-CV e um elemento antecedente ao verbo. Assim, observamos que a distância influencia em certa medida o efeito da atração, isto é, a variante proclítica ao CV e intra-CV em ênclise a V1 concretizam-se quando não há nenhum elemento antecedente com mais de três sílabas.

Desta feita, quando há um elemento de 3 a 4 sílabas ou, ainda, de 5 a 6 sílabas, essas duas variantes não se efetivam, embora, a variante intra-CV tenha apresentado uma ocorrência com um elemento de 5 sílabas, o que não chega a refutar o desfavorecimento da sua concretização com mais de duas sílabas nessas duas variantes.

Apenas CV com antecedência de elemento com até duas sílabas é que mostram distribuição dos dados em todas as quatro variantes, ainda que a expressividade seja bastante desequilibrada, com destaque da variante intra-CV com próclise a V2, seguida da variante pós-CV.

Assim, em CV com elementos com a partir de quatro sílabas observamos a concretização de apenas duas variantes, a variante intra-CV com próclise a V2 e pós-CV.

Com isto, entendemos que a hospedagem do clítico ao VP tanto procliticamente quanto encliticamente efetiva-se em todas as quatro variantes, com expressão da terceira variante (V1 CL V2), seguida da quarta (V1 V2-CL). Porém, a primeira variante (CL V1 V2) e a segunda (V1-CL V2) apenas concretizaram-se em contextos da ocorrência de elementos com apenas cerca de 3 sílabas; assim, com mais de 3 sílabas deram absolutamente knockouts. E isso pode ser um indicador de que há uma ligeira atração ou favorecimento da próclise a V1 e ênclise a V1 em grupos verbais nestas circunstâncias.

#### **4.3.7 Variáveis Sociais**

A pesquisa sociolinguística, para além mobilizar fatores linguísticos, mobiliza também os fatores sociais, que, de alguma forma, ajudam a atestar se os grupos sociais em diferentes contextos possíveis explicam o comportamento da colocação dos clíticos pronominais em CV, ou nos permitem observar os padrões de variação da ordem pronominal em CV. E nesta subseção, apresentamos os resultados das variáveis controladas na pesquisa, desde o sexo, faixa etária, escolaridade, origem e profissão.

#### 4.4.7.1 Faixa etária

**Tabela 9** - Distribuição dos dados de acordo com a faixa etária

| Faixa etária    | Variantes |          |          |          | Total    |
|-----------------|-----------|----------|----------|----------|----------|
|                 | CL V1 V2  | CL V1 V2 | CL V1 V2 | CL V1 V2 |          |
| Faixa I: 24-30  | 7-11%     | 4-6%     | 42-65%   | 12-19%   | 65-24%   |
| Faixa II: 31-42 | 9-4%      | 12-6%    | 161-77%  | 26-13%   | 208-76%  |
| <b>Total</b>    | 16-6%     | 16-6%    | 203-74%  | 38-14%   | 273-100% |

**Fonte:** Elaboração própria.

Curiosamente, o número dos participantes da Faixa I (9) é maior em relação ao número dos participantes da Faixa II (6), todavia, maior número de ocorrências foi observado na segunda faixa (208 de 273).

No geral, as faixas etárias não nos permitem observar diferentes padrões de colocação pronominal. Ambas faixas concretizam expressivamente a variante intra-CV com próclise a V2, tendo dado 42 (65%) de 65 dados da Faixa I e 161 (77%) de 208 dados da Faixa II. E apresentam a distribuição dos dados de maneira quase equilibrada nas quatro variantes da pesquisa.

Assim, para além da referida produtividade da variante intra-CV com próclise a V2, segue a variante pós-CV com 12 (19%) para Faixa I e 26 (13%) para a Faixa II. Em relação a variante pré-CV intra-CV com ênclise a V1, observamos que os da Faixa I usaram mais a primeira (11%) em relação a segunda (6%), contrariamente, os da Faixa II usaram mais a segunda (6%) em relação a primeira (4%).

#### 4.4.7.2 Sexo

Na Sociolinguística, principalmente nos primeiros estudos, quando as mulheres ainda lutavam para entrar no mercado de trabalho, acreditava-se na existência de uma linguagem feminina e masculina ou de manifestações típicas das mulheres ou dos homens<sup>27</sup>. Por isso, a perspectiva laboviana sempre achou importante o controlo do sexo ao estudar o comportamento da variação de um dado fenómeno. Desse modo, apresentamos na Tabela 10 a distribuição dos dados de acordo com o sexo.

<sup>27</sup> Principalmente, nas zonas urbanas há um comportamento diferente das zonas rurais, pois conforme se encontra nos estudos de Lucchesi (2015); Almeida (2005), no geral, nas zonas rurais, os homens tendem a usar mais formas de prestígio porque esses homens saem ou saíam mais para trabalhar em grandes centros urbanos, algo que até os dias de hoje sucede em Moçambique.

**Tabela 10** - Distribuição das ocorrências de acordo com o sexo

| Sexo         | Variantes |          |          |          | Total    |
|--------------|-----------|----------|----------|----------|----------|
|              | CL V1 V2  | CL V1 V2 | CL V1 V2 | CL V1 V2 |          |
| Masculino    | 9-7%      | 12-9%    | 95-71%   | 18-13%   | 134-49%  |
| Feminino     | 7-5%      | 4-3%     | 108-78%  | 20-14%   | 139-50%  |
| <b>Total</b> | 16-6%     | 16-6%    | 203-74%  | 38-14%   | 273-100% |

**Fonte:** Elaboração própria.

O sexo é uma das variáveis sociais com diferencial percentual não muito relevante na pesquisa, à medida que ambas estratificações apresentam um quadro de variação com padrões quase iguais, com a variante intra-CV sendo a mais produtiva (com 71% para M e 78 para F), seguida da variante pós-CV (com 13% para o M e 14% para F). Embora com a Tabela 10 seja também evidente um certo diferencial com a hospedagem do clítico ao VAux, tanto encliticamente quanto procliticamente, ao mostrar-se crescente com os participantes do sexo masculino do que com os do sexo feminino.

A interpretação acima exposta podemos entendê-la como um padrão socialmente marcado, isto é, a colocação pronominal em CV na posição pré-CV e intra-CV com a ênclise a V1 mais observamos com participantes com nível de escolaridade superior, e maior parte dos participantes com esse nível de escolaridade são do sexo masculino, o que também reflete a realidade social moçambicana.

#### 4.4.7.3 Escolaridade

Segundo Votre (2017, p.52) apud Silva (2022, p. 111), “[a] observação do dia a dia confirma que a escola gera mudanças na fala e na escrita das pessoas que as frequentam e das comunidades discursivas”. Por isso, a relevância de se estudar a variação controlando o nível de escolaridade dos participantes.

**Tabela 11** - Distribuição das ocorrências de acordo com o nível de escolaridade

| Escolaridade          | Variantes |          |          |          | Total    |
|-----------------------|-----------|----------|----------|----------|----------|
|                       | CL V1 V2  | CL V1 V2 | CL V1 V2 | CL V1 V2 |          |
| Nível 2 (Médio)       | 4-4%      | 7-7%     | 75-69%   | 22-20%   | 108-40%  |
| Nível 3<br>(Superior) | 12-7%     | 9-6%     | 128-78%  | 16-10%   | 165-60%  |
| <b>Total</b>          | 16-6%     | 16-6%    | 203-74%  | 38-14%   | 273-100% |

**Fonte:** Elaboração própria.

De acordo com Beline (2010), “em falantes da mesma língua, a situação de fala ou registro, e ainda o nível socioeconômico do falante (escolaridade, socialização) podem ser determinantes na variação”.

A Tabela 11 permite-nos observar que embora o fenômeno da colocação clítica não seja socialmente tão marcado no PM, existem diferenças em relação à ordenação dos clíticos quanto à escolaridade.

O exposto acima se sustenta quando observamos que embora, no geral, haja um quadro variável com quase mesmas tendências no nível 1 e 2 (médio e superior), a variante pré-CV foi mais expressiva (lembrando que esta variante foi realizada exclusivamente em contextos sintáticos de presenças de elementos proclisadores) em participantes com formação superior. Sem contar que o total das ocorrências desta variante (CL V1 V2) resultam da atração de elementos com esta função sintática.

Inclusive, com participantes com nível superior observamos mais casos de hipercorreção, referentes ao uso da ênclise tanto a V1 quanto a V2 em contextos em que a norma-padrão prevê a próclise. Nesse sentido, é possível pensar que o nível de instrução nos leva a observar casos de hipercorreção. O que é comum na variedade do PM.

Outrossim, isso pode sugerir que o nível de escolaridade contribui para o freamento da variação, à medida que quanto maior o nível de escolaridade o falante moçambicano tiver, maior é a sensibilidade ao uso da norma-padrão, embora também tenham mostrado a produtividade da variante intra-CV com próclise a V2 para ambos os níveis (correspondente a nosso ver ao vernáculo dos nos moçambicanos).

#### 4.4.7.4 Origem

A variação do Português muitas vezes se dá diatopicamente, pelo que a forma de fala dos moçambicanos das três regiões pode marcar diferenças. Nesse sentido, na Tabela 12 apresentamos dados estáticos da cidade de Maputo, Beira e Nampula, respectivamente, da região sul, centro e norte.

**Tabela 12** - Distribuição dos dados em função da origem dos participantes

| Origem  | Variantes |          |          |          | Total   |
|---------|-----------|----------|----------|----------|---------|
|         | CL V1 V2  | CL V1 V2 | CL V1 V2 | CL V1 V2 |         |
| Maputo  | 8-5%      | 12-8%    | 115-77%  | 14-9%    | 149-57% |
| Beira   | 4-10%     | 1-3%     | 23-59%   | 11-28%   | 39-14%  |
| Nampula | 4-5%      | 3-4%     | 65-77%   | 13-15%   | 85-31%  |

|              |       |       |         |        |          |
|--------------|-------|-------|---------|--------|----------|
| <b>Total</b> | 16-6% | 16-6% | 203-74% | 38-14% | 273-100% |
|--------------|-------|-------|---------|--------|----------|

**Fonte:** Elaboração própria.

Normalmente, tem se olhado a região sul como a que maior se aproxima aos padrões da norma europeia do Português, padrão do PM, em razão da maior concentração dos portugueses nessa região do país. Todavia, na Tabela 12 compreendemos que os padrões de colocação pronominal na cidade de Maputo, Beira e Nampula, respectivamente, da região sul, centro e norte de Moçambique não apresentam um grande diferencial. As três regiões apresentam um quadro de variação, com distribuição dos dados nas quatro variantes.

Assim, nas três regiões a variante interna com próclise a V2 foi a mais expressiva com 77% para Maputo, 59% para Beira e 77% para Nampula, seguida da variante pós-CV com 9% para Maputo, 28% para Beira e 15% para Nampula. Em relação a subida do clítico, a distribuição dos dados se deu equilibradamente, com 6% para ambas as variantes, isto é, a variante interna com ênclise a V1 apresenta 12-8% para Maputo, 1-3% para Beira e 3-4% para Nampula, e a variante pré-CV, 8-5% para Maputo, 4-10% para Beira e % para Nampula.

Portanto, a variável de origem permite visualizar um quadro de variação para as três cidades controlas, porém, as três cidades não apresentam um quadro de variação com grande diferencial, que torne esta variável estaticamente relevante para afirmarmos que os padrões de colocação pronominal em Moçambique variam de acordo com a região de cada falante.

#### 4.4.7.5 Profissão

A profissão pode ser um fator significativo na variação linguística, contribuindo tecnicamente e conscientemente para o uso da língua com um determinado estilo. Desse modo, apresentamos na Tabela 12 as ocorrências de acordo com a profissão. Na nossa pesquisa trabalhamos com apresentadores, comentadores, estudantes, médico, advogado e assistente social.

Vale antes salientar que os comentadores (4), médico e advogado tem todos o nível superior concluído. Porém, dos estudantes, 1 tem o nível médio e 2 ainda fazendo o ensino superior; dos apresentadores, 3 tem o nível médio, 2 com nível superior e a assistente social tem o nível médio.

**Tabela 13** - Distribuição das ocorrências de acordo com a profissão

| Profissão | Variantes |          |          |          | Total |
|-----------|-----------|----------|----------|----------|-------|
|           | CL V1 V2  | CL V1 V2 | CL V1 V2 | CL V1 V2 |       |

|                   |       |       |         |        |          |
|-------------------|-------|-------|---------|--------|----------|
| Apresentador      | 4-4%  | 6-6%  | 72-72%  | 18-18% | 100-37%  |
| Comentador        | 8-6%  | 9-7%  | 101-78% | 11-9%  | 129-47%  |
| Estudante         | 2-18% | 0     | 8-73%   | 1-9%   | 11-4%    |
| Médico            | 1-7%  | 0     | 11-85%  | 1-8%   | 13-5%    |
| Advogado          | 1-7%  | 1-7%  | 6-43%   | 6-43%  | 14-5%    |
| Assistente Social | 0     | 0     | 5-83%   | 1-17%  | 6-2%     |
| <b>Total</b>      | 16-6% | 16-6% | 203-74% | 38-14% | 273-100% |

**Fonte:** Elaboração própria.

Interessante observar que os comentadores e apresentadores (que curiosamente são agentes da linguagem ou comunicação) apresentaram uma produtividade mais significativa das variantes intra-CV com ênclise a V1 (respectivamente, com 7% no total de 47% e 6% no total de 37% pré-CV (respectivamente, com 4% no total de 47% e 6% no total de 37%).

A advogado hospedou o clítico com a mesma percentagem no V2 (43) na posição enclítica e proclítica, como também no V1 (7%) enclítica e procliticamente.

Das 6 ocorrências da assistente social, 5 (83%) estão posição proclítica a V2 e 1 (17%) no mesmo verbo. Tendo, nas demais variantes dado knockout, conforme também observamos nas outras profissões. Porém, com a produtividade da variante proclítica a V2.

Desta feita, é fundamentável pensar que a variante intra-CV constitui o vernáculo para todos os profissionais moçambicanos, e a distribuição das ocorrências nas demais variantes parece depender do corriqueiro de cada profissão.

#### 4.5 SISTEMATIZAÇÃO DOS RESULTADOS: FREQUÊNCIA E CONSISTÊNCIA DA ORDENAÇÃO CLÍTICA EM CV NO PM

Nesta subseção, apresentamos a sistematização dos resultados observados através desta pesquisa, com o intuito de mostrar a frequência e consistência, entre os falantes de diferentes grupos, da ordem dos clíticos pronominais que marca o PM em CV.

Nos dados analisados tivemos o total de 285 ocorrências de CV formados por um ou dois verbos auxiliares. Dentre elas, 275 com apenas um VAux e 10 (4%) com dois VAuxs. A análise desses casos foi feita separadamente, a começar pelas ocorrências com dois VAuxs - devido ao número reduzido - tendo sido compreendido que todas elas ocorreram em sentenças com VP no infinitivo. E tendo sido o infinitivo como VP produtivo em todos os casos, observamos os mesmos padrões de colocação pronominal em CV com um ou dois VAuxs, com

a variante proclítica a V2 mostrando-se a mais produtiva, diante de um quadro variável que depende normalmente de alguns contextos sintáticos.

No total de 275 dados de CV formados com um ou dois VAuxs, 3 (1%) são com VP no Gerúndio, 9 (3%) no Particípio e 273 (96%) no Infinitivo. Evidentemente, a forma infinitiva com maior número deve-se ao seu predomínio na variedade do PM.

Em termos de distribuição, observamos que com a forma gerundiva todas ocorrências apresentaram-se proclítica a ela (V1 CL VPG), tendo, por isso, dado knockouts nas demais três variantes controladas. Os CV com as formas participiais, os dados estão distribuídos entre as variantes V1-CL V2, V1 CL V2 e CL V1 V2, com a variante intra-CV com ênclise ao VAux mostrando-se mais expressiva (45%), seguindo a variante intra-CV com próclise a V2 (33%) e por fim, a variante Pré-CV (22%). Com o particípio, a variante Pré-CV é explicada pela presença de elementos proclisadores.

Pontual sublinhar que a variante Pós-CV não foi realizada com as formas gerundivas e participiais, o que já é previsto pelos compêndios gramaticais, ao explicarem que os CV com VP no particípio ou gerúndio, sempre tem o clítico hospedado ao VAux ou antes do VP. Considerando a totalidade dos dados com todas as formas do VP, a variante mais produzida é a intra-CV com próclise a V2. E os resultados sistematizados da forma infinitiva são a seguir apresentados, considerando o maior número das suas ocorrências e nível de análise prestado.

#### **4.5.1 Os Resultados dos Complexos Verbais com Infinitivo**

Com 273 dados com infinitivo, observamos um quadro variável, sendo a variante intra-CV com próclise a V2 a mais produtiva com 203 (74%) ocorrências, seguida pela variante pós-CV com 36 (14%) e, por fim, com índices equitativos, as variantes pré-CV e intra-CV com ênclise a V1 com 16 (6%) ocorrências.

Com os índices elevados da terceira (V1 CL V2) e da quarta (V1 V2-CL), entendemos que a forma clítica em CV na variedade moçambicana do Português tende a hospedar-se no V2, com maior expressividade na posição proclítica a V2, o que ratifica a hipótese de uma inovação no PM, considerando o fato de que na norma-padrão a posição prototípica do clítico é adjacente a ênclise a V1 ou a V2, em contextos sem elementos com função de atratores; sendo que na presença destes, antecedendo o CV, há o favorecimento da subida do clítico (Vieira 2011, p. 161), e no interior do CV, da próclise a V2. De referir que essas duas variantes (V1 CL V2 e V1 V2-CL) pouco dependem do contexto morfossintático, à medida que elas são realizadas em todos os contextos observados na pesquisa.

Relativamente às variáveis linguísticas controladas, importa frisar que as formas clíticas *nos*, *me*, *se* e *te* apresentam um quadro variável com tendência de próclise a V2. Assim, as formas *nos* e *me* estão distribuídas entre as quatro variantes, porém, as formas *te*, *se* e *lhe* deram knockouts apenas na segunda variante (V1-CL V2). Enquanto, as formas clíticas *vos* e *o(lo)* apresentam tendência a se hospedarem no VP, com maior índice da variante intra-CV com próclise a V2, tendo por isso, dado knockout nas duas primeiras variantes. Portanto, em todas as formas clíticas predomina a variante intra-CV com total de 208 (76%) dos 273 (100%) dados, seguida da variante pós-CV com 38 (14%) ocorrências, o que revela a tendência a colocar-se o clítico no VP no PM.

Durante a análise foram se mostrando alguns fatores percentualmente relevantes para explicar o comportamento dos clíticos pronominais em CV no PM, como, por exemplo, a presença do elemento proclisador, e que pode ser amalgamado com a variável de escolaridade, ao se observar que a variante pré-CV depende de elementos proclisadores para a sua ocorrência, e que todas elas foram apresentadas por participantes com nível de escolaridade superior.

De referir que assim como na norma-padrão, a posição proclítica é induzida por fatores de natureza sintático-semântica ou prosódica (Brito; Duarte e Mattos, 2003). Desta feita, o nível de escolaridade monitora a variação, significa que quanto maior for o nível de instrução do falante moçambicano, maior será a sua sensibilidade a norma-padrão; porque para o caso do nosso fenômeno, a variante pré-CV parece não ser adquirida de forma natural pelos moçambicanos, mas sim por meio do processo de escolarização.

Dos elementos proclisadores observados no *corpus* tivemos partícula de negação (17%), pronome relativo *que* (17%), os sintagmas QU (25%), conjunção aditiva (13%) e conjunção subordinada (10%).

Por sua vez, a variante intra-CV com ênclise a V1 ocorre normalmente em contextos de início absoluto da oração, em certo grau da presença da partícula “a” no interior do CV e de casos de hipercorreção (referentes ao uso da ênclise tanto a V1 quanto a V2 em contextos em que a norma-padrão prevê a próclise) observados em participantes do nível 2 (ensino superior). O que fundamenta a hipótese da necessidade pela adequação à norma-padrão.

Já com a variante intra-CV com próclise a V2 não dá para dizer que o tipo de elemento antecedente exerce alguma influência, uma vez ela tendo sido expressiva com quase todos os elementos controlados na pesquisa.

Nesse sentido, é possível pensar que a variante intra-CV constitui o vernáculo dos moçambicanos (independentemente do nível de instrução do participante, ela é a mais produtiva e, em alguns casos, categórica), e a distribuição nas demais variantes depende ligeiramente de

certos fatores, como o nível de escolaridade, algumas formas clíticas, algumas categorias proclisadoras, etc, principalmente a pré-CV, até talvez em menor escala a intra-CV com ênclise a V1.

No interior do CV, os elementos como *que*, *para*, *de*, e o advérbio *cá* tornam quase categórica a posição proclítica ao VP/V2, exceto, em casos da presença da partícula “a”, em que a variante pós-CV ocorreu significativamente, tendo esta, por sua vez, apresentado distribuição/variação nas demais variantes.

Enquanto, a distância influencia em certa medida o efeito da atração, isto é, a variante proclítica ao CV e intra-CV em ênclise a V1 concretizam-se quando não há nenhum elemento antecedente com mais de três sílabas.

Relativamente às variáveis sociais, compreendemos ser pertinente destacar que algumas são, em termos de percentual, menos relevantes, como o período de transmissão do programa que não depreendeu muito da nossa atenção por não apresentar evidentes indícios importantes que explicam os padrões de colocação pronominal em CV; a profissão que, embora os agentes da comunicação (apresentadores e comentadores) tenham realizado significativamente a variante com a estrutura V1-CL V2, dela não dá para se extrair objetivamente explicações conclusivas.

Igualmente, as faixas etárias apresentam a distribuição dos dados de maneira quase equilibrada nas quatro variantes da pesquisa. Da mesma forma que o sexo apresenta ambas estratificações com um quadro de variação com padrões quase iguais. Embora se costume dizer que as mulheres têm uma linguagem mais polida do que os homens e “usam menos formas estigmatizadas do que os homens e são mais sensíveis do que eles ao padrão de prestígio” (Labov, 1972c, p. 243 *apud* Tagliamonte 2012, p. 30).

E a origem de cada participante não nos permitiu visualizar um quadro de variação com grande diferencial, que torne esta variável estaticamente relevante para se considerar a variação da colocação pronominal em Moçambique em função da região de cada falante.

Todavia, a hospedagem do clítico ao VAux é crescente com os participantes do sexo masculino do que com os do sexo feminino. O que pode ser resultado do nível de instrução dos homens, um fator historicamente sustentado.

Portanto, a variante intra-CV com próclise a V2 constitui o vernáculo da variedade do PM, devido à sua alta frequência e consistência, evidenciadas por sua produtividade e certa estabilidade tanto em fatores linguísticos quanto sociais. Ou seja, a variante interna com próclise a V2 no PM é frequente e consistente – pois foi amplamente usada em contextos semelhantes por grande parte dos falantes de diferentes grupos em Moçambique.

Em função disso, pensamos que essa seja uma das inovações do PM que possa fazer parte da futura norma oficial do Português em Moçambique, ao entendermos que responde os três parâmetros que Lucchesi (2015, p. 75) considera que descrevem uma norma sociolinguística, neste caso, (i) a frequência relativa de uso das variantes linguísticas entre os membros de cada grupo social; (ii) a avaliação subjetiva das variantes linguísticas comum aos membros de cada grupo; e (iii) as tendências de mudança em curso em cada grupo social.

De salientar que esse comportamento linguístico generalizado na colocação pronominal em CV pode ser explicado pela ausência de avaliações negativas em relação a essa variação em Moçambique. Sendo assim, o uso da variante intra-CV com próclise a V2 não é rejeitado, inclusive entre falantes com formação superior, o que reforça a sua aceitabilidade por parte da maioria da população moçambicana. Além disso, a falta de familiaridade com os padrões formais de colocação em CV pensamos que pode contribuir para a ausência de autocensura, resultando nesses índices altos do clítico na posição proclítica a V2 (Mutoba e Almeida, 2024)

#### 4.6 SÍNTESE COMPARATIVA DOS PADRÕES DE ORDENAÇÃO PRONOMINAL EM COMPLEXOS VERBAIS NAS VARIEDADES DO PORTUGUÊS (PM, PE e PB)

A presente seção traz, sinteticamente, paralelo entre a variedade moçambicana com a variedade europeia enquanto norma-padrão e a variedade brasileira enquanto resultado, por parte, de também contato das línguas bantu.

Para tanto, foram usados valores absolutos e o percentual de algumas pesquisas desenvolvidas sobre a variedade europeia e brasileira com base em dados da modalidade oral, para mostrar a sua distribuição nas quatro variantes consideradas nesta pesquisa. E para a variedade moçambicana do Português, foram usados resultados estatísticos desta pesquisa.

De referir que são apresentados na Tabela 13 resultados estatísticos de complexos verbais com VP no infinitivo, devido a sua efetividade, principalmente, na variedade moçambicana do Português, que constitui o foco da nossa pesquisa.

**Tabela 14** - A ordem pronominal em complexos verbais nas variedades portuguesa, brasileira e moçambicana do Português

| Variedades        | Variantes |    |     |        |     |         |    |     |        |     |     |
|-------------------|-----------|----|-----|--------|-----|---------|----|-----|--------|-----|-----|
|                   | CL        | V1 | %   | V1-CL  | %   | V1      | CL | %   | V1     | V2- | %   |
|                   | V2        |    |     | V2     |     | V2      |    |     | CL     |     |     |
| PE (Vieira, 2016) | 208/545   |    | 38% | 68/545 | 12% | 188/545 |    | 35% | 81/545 |     | 15% |

|                    |        |    |        |    |         |     |        |     |
|--------------------|--------|----|--------|----|---------|-----|--------|-----|
| PB (Vieira, 2016)  | 8/260  | 3% | 0      | 0% | 246/260 | 95% | 6/260  | 2%  |
| PM (esta pesquisa) | 16/273 | 6% | 16/273 | 6% | 203/273 | 74% | 38/273 | 14% |

**Fonte:** Elaboração própria.

Para fazer a nossa comparação, tivemos acesso da pesquisa de Vieira (2016) que, para além da variedade São-tomense, estudou as variedades portuguesa e brasileira com dados da modalidade oral.

Conforme a Tabela 13, a variedade do PE apresenta uma distribuição expressiva nas quatro variantes e houve efetivamente elementos condicionadores para a sua distribuição, sendo a variante pré-CV a mais produtiva com 38%, e a sua efetividade, de acordo com Vieira (2016); Vieira e Vieira (2018), se dá na presença de elementos condicionadores. A variante interna com ênclise a V1, com a produtividade de 12%, foi realizada em contextos de início absoluto da oração, como também, de ausência de algum elemento precedendo o CV, enquanto no PM foi realizada em menor escala e na variedade brasileira sequer teve alguma ocorrência.

A quarta variante (V1 CL V2) teve a produtividade de 35%, com 21% de contextos sem algum elemento interveniente no interior do CV (*pode te dizer como foi*) e 14% com algum elemento integrante em seu interior (*ter que lhe aturar; pode amanhã te dizer como foi*). Porém, de acordo com Vieira e Vieira (2018, p. 284) os “clíticos imediatamente antes de v2 ficam restritos a complexos com *ter que/de* – o que não permite afirmar uma efetiva próclise a v2” no PE.

Além dessa variante, foi registrada na variedade do PE a produtividade de 15% da variante pós-CV, em contextos de presença e de ausência de elemento proclisador. Pois no primeiro caso, a ênclise a V1 e a V2 constitui opção natural (*posso-te levar ou posso levar-te*) e, para o segundo caso, a próclise é possível a V1 como a ênclise também é a V2 (*o que me pode dizer ou que pode dizer-me*).

Enquanto no PB ocorre uma distribuição menos expressiva entre as variantes, chegando a apresentar casos de knockout (V1-CL V2), e com a efetividade quase categórica do clítico na posição imediatamente a V2 (V1 CL V2) atingindo cerca de 246 (95%) no total de 260 dados com VP no infinitivo, como também é atestado em outras pesquisas como de Carneiro (2016).

Desta feita, registra-se poucas ocorrências nas demais variantes, 3% para a próclise a V1 (CL V1 V2) e 2% para a ênclise a V2 (pós-CV). Segundo Vieira e Vieira (2018, p. 284), “a

próclise a V1 fica condicionada à estrutura indeterminadora com o pronome *se*; e a ênclise a v2 ao pronome acusativo de 3ª pessoa, manifesto na forma *lo* e variantes”.

Assim, com essas considerações, quando confrontadas com os resultados desta pesquisa sobre o PM, é possível afirmar que:

- O PE apresenta maior sensibilidade aos contextos morfossintáticos, por isso, a distribuição efetiva dos clíticos nas quatro variantes. E essa sensibilidade, ainda que em menor escala, ainda é observada no PM, por isso, o quadro variável com certa distribuição nas quatro variantes;
- No quadro variável da variedade do PM, observamos uma tendência da efetivação da variante intra-CV com próclise a V2, o que a aproxima da variedade brasileira do Português, na qual a próclise a V2 é semicategórica;
- No PM, com base nos resultados desta pesquisa, a variante pré-CV depende exclusivamente dos elementos condicionadores, conforme também sucede no PE;
- Tanto no PM quanto no PB, a realização da próclise imediatamente a V2 não depende basicamente de algum contexto morfossintático;
- Nas três variedades, a ocorrência da forma contraída do pronome acusativo de 3ª pessoa, leva a ênclise a V2.
- Enquanto, no PB a variante ênclise a V1 não foi realizada, no PM é observada em contextos de início absoluto da oração, como também em casos de hipercorreção. E no PE é observada em contextos de início absoluto da oração, em contextos sem algum elemento proclisador antecedendo ou no interior do CV.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme exposto na introdução, esta dissertação partiu da proposta realística de discutir a variação do PM mediante a necessidade do reconhecimento de uma norma oficial, tomando como base a frequência e consistência das variantes em variação e, tomando o aporte teórico-metodológico da Teoria da Variação e Mudança (Weinreich; Labov; Herzog, 1968 [2006]), com objetivo principal de analisar a colocação pronominal em complexos verbais na variedade do PM.

O *corpus* utilizado é referente a falas de 15 participantes extraídas de 6 vídeos de 6 programas televisivos distribuídos pelas cidades de Maputo, Beira e Nampula, respectivamente, das regiões Sul, Centro e Norte do país.

Na amostra analisada, observou-se o total de 285 ocorrências de CV formados por um ou dois verbos auxiliares. Dentre elas, de acordo com o VAux, 275 com apenas um VAux e 10 (4%) com dois VAuxs; e quanto ao VP, 3 (1%) com VP no Gerúndio, 9 (3%) no Particípio e 273 (96%) no Infinitivo.

Com a forma gerundiva houve apenas a realização da próclise a V2; enquanto com a forma participial observou-se um quadro variável, distribuído entre três variantes (V1-CL V2, V1 CL V2 e CL V1 V2). Nesses moldes, com ambas as formas do VP, a variante intra-CV com próclise a V2 foi a mais produtiva e não houve a ênclise a V2, um comportamento de colocação pronominal reconhecido pelos compêndios gramaticais da variedade europeia, os quais preveem a subida do clítico ou a realização da próclise a V2.

A forma predominante (VP infinitivo) com 273 dados, teve a maior efetividade da variante intra-CV com próclise a V2 com total de 203 (74%) ocorrências, seguida pela variante pós-CV com 36 (14%) e, por fim, com índices equitativos, as variantes pré-CV e intra-CV com ênclise a V1 com 16 (6%) ocorrências. Logo, estes resultados confirmam a hipótese de a variedade moçambicana do Português apresentar um quadro variável.

As estatísticas revelam uma tendência de o clítico hospedar-se no V2 (V1 CL V2 e V1 V2-CL), com destaque para a posição proclítica a V2. Esse comportamento reforça a hipótese de uma inovação no PM, sobretudo, considerando que, na norma-padrão, a posição prototípica do clítico é a ênclise adjacente a V1 ou a V2, em contextos sem elementos com função de atratores, e na presença destes precedendo o CV, verifica-se o favorecimento da subida do clítico (Vieira 2011, p. 161), enquanto, no interior do CV, prevalece a próclise a V2. Vale destacar que essas duas variantes (V1 CL V2 e V1 V2-CL) mostram-se pouco sensíveis ao

contexto morfossintático, uma vez que ocorrem de forma consistente em todos os contextos analisados na pesquisa.

Relativamente às variáveis linguísticas controladas, importa considerar que as formas *nos* e *me* presentes na amostra estão distribuídas entre as quatro variantes, enquanto, as formas *te*, *se* e *lhe* realizaram-se em apenas três e deram knockout na segunda variante (V1-CL V2). E as formas clíticas *vos* e *o(lo)* apenas associaram-se a V2.

Em relação aos elementos antecedentes ao CV, a variante pré-CV realizou-se exclusivamente na presença de condicionadores. Interessante destacar que todas as ocorrências dessa variante foram apresentadas por participantes com nível de escolaridade superior, o que ratifica a hipótese da contribuição da escolaridade no respeito pela norma-padrão, ou seja, quanto maior for o nível de instrução do falante moçambicano, maior será a sua sensibilidade a norma-padrão.

A variante intra-CV com ênclise a V1 ocorre normalmente em contextos de início absoluto da oração e em casos de hipercorreção observados em participantes com nível de escolaridade superior. O que novamente fundamenta a hipótese da necessidade pela adequação à norma-padrão.

Em relação às variáveis sociais, somente a variável de escolaridade compreende-se que apresentou variações estatisticamente relevantes que se explicam através dela, sendo, por exemplo, essa responsável pela ocorrência da variante pré-CV nos dados analisados, como também em certa medida da variante intra-CV com ênclise a V1. Porém, as demais variáveis - neste caso, a faixa etária, a origem, a profissão e o sexo - não apresentam um quadro de variação com grande diferencial, e que impacta na ordenação dos clíticos em função dos seus fatores.

Com os resultados obtidos, é fundamental pensar que a variante intra-CV constitui o vernáculo dos moçambicanos devido a sua ampla produtividade, e que a distribuição nas demais variantes depende ligeiramente de fatores linguísticos e socioculturais. Nesse sentido, as hipóteses aventadas nesta pesquisa - referentes às ideias de que a próclise, com ou sem antecedência de alguma categoria proclisadora, ao verbo temático infinitivo em CV tende a mostrar uma frequência e consistência quase categórica no PM e que a variação da colocação clítica pronominal concorre com os padrões da norma-padrão, todavia, mostra maior frequência e consistência em relação às variantes admitidas pela norma-padrão europeia que vigora em Moçambique, em diferentes contextos sintáticos e sociais - são confirmadas.

Portanto, os padrões de colocação pronominal em CV no PM estão entre o PE e o PB, com maior aproximação ao PB. Pois, por um lado, registra em certa medida casos de sensibilidade a norma-padrão (PE), por outro, apresenta alta produtividade, quase categórica,

da variante intra-CV com próclise ao verbo temático infinitivo (V1 CL V2), independentemente do contexto morfossintático e social, conforme sucede no PB, no qual há uma generalização da variante proclítica a V2.

E isso pode fundamentar a tese defendida por Petter (2015) e Avelar e Galves (2014) de que “há um *continuum* entre as variedades constituídas em contexto histórico de colonização e expansão da língua portuguesa” (Silva, 2022, p. 124), pois a variedade do PM apresenta, em certa medida, equivalências com a variedade do PB que, por parte, resulta também do contato do Português com as línguas africanas, maioritariamente, do grupo bantu.

Ademais, diante dessa variação, consideramos que estamos perante a uma norma sociolinguística, referida por Lucchesi (2015) e fundamentada pela frequência da variante em variação entre diferentes grupos sociais, e pela evidente ocorrência do processo de mudança determinada pela ausência de avaliações negativas da variante intra-CV com próclise a V2 que marca o PM.

É importante também referir que o desenvolvimento desta pesquisa permitiu levantar questões novas que podem nortear estudos futuros, dentre elas: (i) aprofundamento da análise acústica sobre a posição exata do clítico no interior do complexo verbal em contextos morfossintáticos sem elemento interveniente; (ii) comparação dos padrões de colocação pronominal em estruturas simples e complexas no PM; (iii) investigação das percepções dos moçambicanos sobre a variação da colocação pronominal na variedade moçambicana do Português.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Norma Lucia Fernandes de. **Sujeito nulo e morfologia verbal no português falado por três comunidades do interior da Bahia**. Orientador: Profa. Dra. Charlotte Galves. 2005. 235 f. Tese (Doutorado em Linguística), Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.
- ANDERSON, Stephen. **A-morphus Morphology**. Cambrigde, Cambrigde University Press, 1992.
- ARAÚJO, Silvana Silva de Faria. Pesquisas com dados do Português falado em Luanda-Angola: algumas considerações metodológicas. In: ARAUJO, Silvana Silva de Farias; SILVA, Manoel Crispiniano Alves da; ARAUJO, Jean Marcel Oliveira. (Org.). **Lusofonia Afro-Brasileira: questões sócio-históricas e Linguísticas**. Tradução: Campinas, SP: Ponte editores, 2025. cap. 3. p. 15-45, ISBN: 978-85-217-0594-9.
- ARAÚJO, Silvana Silva de Farias; SILVA, Manoel Crispiano Alves. **A Sintaxe dos Pronomes clíticos no Português em Feira Santana-BA: Uma comparação com o Português luandese**, MACABÉA – REVISTA ELETRÔNICA DO NETLLI, CRATO, V. 8., N. 2., p. 563-584, Jul-Dez, 2019.
- AVELAR, Juanito; GALVES, Charlotte. **O papel das línguas africanas na emergência da gramática do português brasileiro**. Revista Linguística (Online), v. 30, p. 241-288, 2014.
- BELINE, Ronald. A variação linguística. In: FIORIN, José Luiz. (org.). **Introdução à linguística: Objetos teóricos**. 6 ed. São Paulo: contexto, 2022. cap. 6. p. 121-140.
- BENEDETTI, Mario. Não te rendas. In: **Entre los poetas míos**. [1900-1939] Disponível em [https://traduagindo.com/2023/02/27/mario-benedetti-nao-te-rendas/#google\\_vignette](https://traduagindo.com/2023/02/27/mario-benedetti-nao-te-rendas/#google_vignette). Acesso: 23 de Set. 2024.
- BRITO, Ana Maria. Relativas de genitivo «estranhas» no português de Moçambique: erros ou sinais de mudança?, in: **As ciências sociais nos espaços de língua portuguesa: Balanços e desafios: actas 2**, Porto, FLUP, p. 329–336, 2002.
- BRITO, Ana Maria; DUARTE, Inês; MATOS, Gabriela. Tipologia e distribuição das expressões nominais. In: MATEUS, Maria Helena Mira et al. **Gramática da Língua Portuguesa**. 5 ed. Lisboa: Caminho, 2003. cap. 20. p. 795-867.
- CAETANO, Ana Carolina Alves. **A ordem dos clíticos pronominais na variedade moçambicana do Português**. Trabalho apresentado na 9º SIAC. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ, 2018.
- CAETANO, Ana Carolina Alves; VIEIRA, Silvia Rodrigues. **Análise Variacionista da Ordem dos Clíticos Pronominais no Português de Moçambique**. Diadorim: revista de estudos linguísticos e literários, Rio de Janeiro: Diadorim, p. 171-202, 2021.
- CARDOSO, Ana Josefa. **A importância do erro e as interferências linguísticas no processo de aquisição de uma língua não Materna**, 2007. Disponível em [https://proformar.pt/revista/edicao\\_22/import\\_erro.pdf](https://proformar.pt/revista/edicao_22/import_erro.pdf). Acesso em 12 de Mar. 2023.

CARNEIRO, Zanaide de Oliveira Novais. Colocação de clíticos em orações finitas em duas vertentes do português oral feirense: um contexto não variável. Em ALMEIDA, Norma Lucia Fernandes de et al (Org.). **Variação Linguística em Feira de Santana – Bahia**. Feira de Santana: UEFS Editora, 2016, p. 141-174.

CHALUCUANE, Beatriz Damaciano Paulo. **As Influências das Línguas Bantu no Português Falado em Moçambique**: Um Estudo Descritivo do Cindau. Orientador: Renato Miguel Basso 2017, p. 121 Dissertação (Mestrado em linguística), Centro de Educação e Ciências Humanas, São Carlos - São Paulo – Brasil, 2017.

CHOMSKY, Noam. **Aspects of the theory of syntax**. Cambridge, Massachusetts Institute of Technology, 1965.

COELHO, Ilza. A variação sintática entre o português europeu e o português brasileiro. In: PERINI, Mário A. (Org.). **Linguística Aplicada ao Português**: Estudos Descritivos e Metodológicos. São Paulo: Parábola, 2008. p. 85-102.

COSERIU, Eugenio. **Sincronia, Diacronia e História**: o problema da mudança linguística, 1921; Tradução de Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira. Rio de Janeiro: Presença; São Paulo: Universidade de São Paulo, 1979.

COSTA, Jacqueline Calisto. **A ordem dos clíticos em complexos verbais**: uma análise sociolinguística de cartas mineiras. Orientadora: Marcia Cristina de Brito Rumeu, 2014. 48 f. Monografia (Trabalho de Conclusão do Curso de Letras) –Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 5a ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008 [1985].

DENZIN, Norman; LINCOLN, Yvonna. S. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: Denzin, Norman, k. & Lincoln, Yvonna. S. (Orgs.). **O planejamento da pesquisa qualitativa**: Teorias e abordagens. Porto Alegre: Artmed, 2006, p. 15-42.

DIAS, Hildizina Norberto. **As desigualdades sociolinguísticas e o fracasso escolar**. Promídia, Maputo, 2002.

DUARTE, Eugênia; MATOS, Graça. **A distinção entre o português europeu e o português brasileiro**: aspectos morfosintáticos. Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto, Porto, v. 7, n. 1, p. 55-72, 2005.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Tradução de José Laurênio de Melo. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2022.

FIRMINO, Gregório. **“A Questão Linguística” na África Pós-Colonial. O Caso do Português e das Línguas Autóctones em Moçambique**. Texto Editores - Moçambique, Maputo, 2002.

FIRMINO, Gregório. **A “questão de Linguística” na África Pós-colonial**: o caso do Português de Moçambique e das línguas autóctones em Moçambique, Maputo, Promédia. 2001.

FIRMINO, Gregório. **A situação do Português no contexto multilíngue de Moçambique**, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2010.

FIRMINO, Gregório. **Ascensão de uma norma endógena do português em Moçambique: desafios e perspectivas**, v.26, Niterói, Universidade Eduardo Mondlane, Faculdade de Letras e Ciências Sociais, Maputo, Moçambique, 2021.

FIRMINO, Gregório. **Aspectos da nacionalização do português de Moçambique. Veredas: revista da Associação Internacional de Lusitanistas**, Porto Alegre, v. 9, p. 115-135. 2008.

FIRMINO, Gregório. **Diversidade linguística e desenvolvimento nacional**: questões sobre política linguística em Moçambique. Revista Científica da UEM, v. 1 (1), Edição Especial: 121-132. 2015.

FIRMINO, Gregório. Diversidade linguística e nação-estado na África pós-colonial: Caso de Moçambique. In NASCIMENTO, Augusto; ROCHA, Aurélio (orgs.) **Em torno dos nacionalismos em África**. Maputo: Alcance Editores, 2013. p. 103-120.

FIRMINO, Gregório. **Situação linguística de Moçambique**: Dados do II Recenseamento Geral da População e Habitação de 1997. Maputo: Instituto Nacional de Estatística, 2001.

GONÇALVES, Perpétua. **A génese do português de Moçambique**. Imprensa Nacional-Casa da Moeda, S.A, Lisboa, 2010.

GONÇALVES, Perpétua. Afinal, o que são erros de português? In: GONÇALVES, Perpétua; SIOPA, Conceição (orgs.). **Caderno de pesquisa n.1** – Didáctica do português L2. Universidade Eduardo Mondlane: Maputo, 2015, p. 21-36.

GONÇALVES, Perpétua. **Português de Moçambique**: problemas e limites de padronização de uma variante não-nativa. Universidade Eduardo Mondlane, Maputo, 2005.

GONÇALVES, Perpétua. **Português de Moçambique**: uma variedade em formação. Livraria Universitária-UEM, Maputo. 1996.

GUNDANE, Lucério. **Política Linguística**: Educação Inclusiva em Contextos de Diversidade Linguística e Cultural, Revista científica da UEM: Sér. ciênc. soc., Vol. 1, No 2, Universidade Pedagógica de Moçambique. 2019.

GUNDANE, Lucério. Uma abordagem interdisciplinar da variação e mudança linguística do português na comum. In: SERRA, Paulo; MONTEIRO, Ana; SIOPA, Conceição; MARQUES, José António (org.). **Língua Portuguesa Literatura e Formação de Leitores**. Textiverso Editora, Camões: Instituto da Cooperação e da Língua, Portugal, Moçambique 229-246, 2022.

HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood. **An Introduction to Functional Grammar**. 2nd ed. London: Edward Arnold, 1994.

HYMES, Dell. **Foundations in Sociolinguistics**: An Ethnographic Approach. University of Pennsylvania Press, 1974.

KLAVANS, Judith L. (1985). “The independence of Syntax and Phonology in cliticization”. **Language**, 1985, 61(1): 95-120.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

LABOV, William. Some sociolinguistic principles. In: PAULSTON, Christina Bratt; TUCKER, G. Richard. (eds.). **Sociolinguistics: the essential readings**. Massachusetts, Blackwell Publishing, 2003. p. 234-250.

LOPES, Armando Jorge. **A Batalha das Línguas: Perspectivas Sobre a Linguística Aplicada em Moçambique**. Maputo: Imprensa Universitária, 2004.

LOPES, Armando Jorge. **Política linguística: princípios e problemas**. Maputo: Livraria Universitária, Universidade Eduardo Mondlane, 1997.

LUCCHESI, Dante. História do contato entre línguas no Brasil. In: LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza, (orgs). **O português afro-brasileiro**. Salvador: EDUFBA, 2009, pp. 41-73. ISBN 978-85- 232-0875-2. Available from SciELO Books.

LUCCHESI, Dante. **Língua e Sociedade Partidas: a polarização sociolinguística no Brasil**. São Paulo: Editora contexto, 2015, ISBN 978-85-7244-922-9.

MAPASSE, Ermelinda Lúcia Atanásio. **Clíticos pronominais em Português de Moçambique**. Orientadora: Doutora Inês Duarte; co-orientadora: Isabel Leiria, 2005. p. 166 Dissertação (Mestrado em linguística), Faculdade de Letras, Departamento de linguística Geral e Românica, Universidade de Lisboa, 2005. Disponível em: [https://www.catedraportugues.uem.mz/storage/app/media/docs/mapasse2005\\_tese.pdf](https://www.catedraportugues.uem.mz/storage/app/media/docs/mapasse2005_tese.pdf). Acesso em: 22 de Abri. de 2024.

MARTINS, Ana Maria. A colocação dos pronomes clíticos em sincronia e diacronia. In: MARTINS, Ana Maria e CARRILHO, Ernestina (org.). **Manual de linguística portuguesa**, Berlim/Boston: De Gruyter, 2016, p. 401-428.

MARTINS, Ana Maria. A posição dos pronomes pessoais clíticos. In: RAPOSO, Eduardo Paiva; BACELAR, Maria Fernanda; MOTA, Maria Antónia; SEGURA, Luísa & MENDES, Amália. (org.). **Gramática do Português**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013.

MARTINS, Ana Maria. **Clíticos na história do Português**. 1994, Tese (Doutorado) - Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 1994.

MATEUS, Maria Helena Mira. **Se a língua é um factor de identificação cultural, como se compreenda que uma língua viva em diferentes culturas?\***. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Revista de Letras, Rio de Janeiro, v. 23, p. 1-23, out. 2001.

MATOS, Graça. **Português Europeu e Português Brasileiro: Uma Língua, Duas Normas**. Lisboa: Lidel, 2003.

MBEMBE, Achille. **África insubmissa: Cristianismo, poder e Estado na sociedade pós-colonial**. Mangualde; Ramada: Edições Pedagogo; Luanda: Edições Mulemba, 2013.

MENDES, Irene. **Da neologia ao dicionário: o caso do Português de Moçambique**. Maputo: Texto Editores, 2010.

MIKOLAJCZAK, Sylwia, **Características da variante moçambicana da língua portuguesa com base na análise morfossintática dos diálogos presentes nos romances e contos de Mia Couto**, Studia Romanica Posnaniensia, Universidade Adam Mickiewicz 2019.

MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. **Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje**. Barcelona: Ariel, 1998.

MUTOBA, Bento Orlando; ALMEIDA, Norma Lúcia Fernandes. **A variação da ordem pronominal em complexos verbais na variedade moçambicana do Português**. Revista de Estudos da Linguagem, [S. l.], v. 32, n. 3, p. 876–895, 2024. DOI: 10.17851/2237-2083.32.3.%p. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/relin/article/view/56575>. Acesso em: 08 de Janeiro de 2025.

MUTOBA, Bento Orlando; ALMEIDA, Norma Lúcia Fernandes. **Análise variacionista do Português de Moçambique a partir da Música Kizomba**: o caso de pronominalização “desviada” e ordem pronominal. Macabéa –Revista Eletrônica do Netlli, Crato, v. 12, n. 4, 2023, p. 31-51. DOI: 10.47295/mren.v12i4.1254. Disponível em: <http://revistas.urca.br/index.php/MacREN/article/view/1254>. Acesso: 05 de Maio de 2024.

NESPOR, Marina; VOGEL, Irene. **Prosodic Phonology**. Dordrecht: Foris Publications, 1986

NGUNGA, Armindo. Empréstimos nominais de Português em Bantu: o caso da língua yao. In: GALVES, Charlotte.; GARMES, Hélder; RIBEIRO, Fernando Rosa. (Orgs.). **África-Brasil: caminhos da língua portuguesa**. São Paulo: Editora da Unicamp, 2009. P. 185-209.

NGUNGA, Armindo. **Interferências de Línguas Moçambicanas em Português falado em Moçambique**, 1ª ed. Centro Estudos Africanos, Universidade Eduardo Mondlane, Moçambique, 2012.

NGUNGA, Armindo. **Introdução à Linguística Bantu**, 2ª ed., Maputo: Editor Imprensa Universitária, Universidade Eduardo Mondlane, 2004.

NHAMPOCA, Ezra Alberto Chambal. **Ensino bilingue em Moçambique**: introdução e percursos. In: work. Pap. Linguíst., nº. 16, v.2. Florianópolis, 2015, p. 82-100.

NHATUVE, Diocleciano. **Reflexão sobre a normatização do português de Moçambique**, Universidade de Coimbra, Portugal, 2017.

NHATUVE, Diocleciano; FONSECA, Maria. **Aspectos da sintaxe do português falado no sul de Moçambique**. série II, n. 11, Vila Real: Revista de Letras, p. 145-156, 2013.

PAULA, Maria, Helena; QUIRAQUE, Zacarias, Alberto, Sozinho. **A necessidade de uma política linguística inclusiva para o multilinguismo em Moçambique**, Domínios de Linguagem, Uberlândia, vol. 10 n.4, ISSN 1980-5799, Universidade Federal de Catalão e Universidade Eduardo Mondlane, 2006.

PETTER, Margarida Maria Taddoni. **Ampliando a investigação no continuum afro-brasileiro de português**. PAPIA- Revista Brasileira de Estudos Crioulos e Similares São Paulo, 25(2), p. 305-317, Jul/Dez 2015.

PISSURNO, Karen Cristina da Silva. O Perfil Multilíngue de Moçambique. In: BRANDÃO, Silvia Figueiredo (Org.). **Dois Variedades Africanas do Português**: variáveis fonético-fonológicas e morfossintáticas. São Paulo: Edgard Blücher Ltda, 2018. p. 76-92.

SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Sali; SMITH, Eric. GoldVarb X – a multivariate analysis application. 2005. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of

Mathematics. Disponível em: <http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/Goldvarb/GVindex.htm#ref>. Acesso em: 20 out. 2023.

SANTOS, Abimael Ferreira Dos. **A Variação entre as Formas Nominais Gerúndio e Infinitivo Gerundivo no Português Falado em Luanda-Angola**: um estudo sociolinguístico. Orientador: Norma Lúcia Fernandes de Almeida. 2022. 100 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos), Departamento de Letras e Artes, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana – Ba, 2022.

SANTOS, Marcos Bispo. **Sociolinguística, teoria social e padronização linguística**, Revista de Estudos da Linguagem, v. 26, Universidade do Estado da Bahia, Alagoinhas, Bahia/Brasil, 2018.

SAVIN-BADEN, Maggi; MAJOR, Claire Howell. **New approaches to qualitative research**. New York: Routledge. University of Nottingham. 2010.

SILVA, Manoel Crispiniano Alves da. **A Colocação dos Pronomes Clíticos o Português Falado em Luanda-Angola**: um estudo sociolinguístico e sociohistórico. Orientadora: Silvana Silva de Farias Araújo, 2022. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos), Departamento de letras, Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), 2022.

SITOE, Marcolino Alexandre. **A negativização como garantia da atribuição e recepção do caso Dativo em xironga e gitonga**: conflitos entre as construções simples positivas e negativas, Revista M'fundo, Universidade Pedagógica – Moçambique, 2015.

STROUD, Christopher. Os **conceitos linguísticos de “erro” e “norma”**. In STROUD, Christopher & GONÇALVES, Perpétua. 1997.

STROUD, Cristopher & GONÇALVES, Perpétua. **Panorama do Português Oral de Maputo**: Vol. II. A construção de um banco de “erros”. Maputo. Instituto Nacional do Desenvolvimento da Educação. 1997.

TAGLIAMONTE, Sali, A. Social Patterns. In: TAGLIAMONTE, Sali, A. **Variationist sociolinguistics**: change, observation, interpretation. Oxford: Wiley-Blackwell, 2012. p. 25-70.

TIMBANE, Alexandre António. & VICENTE, José Gil. (2017), **Políticas Públicas e Linguísticas: Estratégias e Desafios no Combate às Desigualdades Sociais em Moçambique**, Programa de Mestrado em Estudos de Linguagens, Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO), Niterói, Porto Alegre, 2017.

TIMBANE, Alexandre António. **A variação linguística e o ensino do português em Moçambique**, Confluência: revista do instituto da língua portuguesa, Nº 43 – 2º semestre de 2012, Rio de Janeiro, p. 261-284, 2012. Disponível em <https://revistaconfluencia.org.br/rc/article/view/636>. Acesso em Ago. 2023.

TIMBANE, Alexandre António. **Os estrangeirismos e os empréstimos no português falado em Moçambique**, Universidade Estadual Paulista, São Paulo, Brasil, 2016.

TRINDADE, Marinez Aparecida Almeida da Silva. **Uma viagem sociolinguística pelas veredas do sistema de pronomes possessivos no português falado em luanda-angola**. Orientadora: Silvana Silva de Farias Araújo, 2021. 115 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico

em Estudos Linguísticos) - Departamento de Letras e Artes, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2021.

VIEIRA, Maria de Fátima. **A cliticização pronominal em lexias verbais simples e em complexos verbais no português europeu oral contemporâneo**: uma investigação sociolinguística. . Orientadora: Silvia Rodrigues Vieira, 2011. 168 f. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) — Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2011.

VIEIRA, Maria de Fátima. **A ordem dos clíticos pronominais nas variedades urbanas europeia, brasileira e são-tomense**: uma análise Sociolinguística do Português no início do século XXI. Orientadora: Silvia Rodrigues Vieira, 2016. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) do Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2016.

VIEIRA, Silvia Rodrigues & VIEIRA, Maria de Fátima. A ordem dos Clíticos Pronominais no Português de São Tomé e Português de Moçambique. Em BRANDÃO, Silvia Figueiredo. **Duas Variedades Africanas do Português**: variáveis fonético-fonológicas e morfossintáticas. São Paulo: Edgard Blücher Ltda, 2018, p.277-320.

VIEIRA, Silvia Rodrigues. **Análise de variedades do Português**: a ordem dos clíticos em complexos verbais. UFRJ, 2013. Disponível em <https://www.catedraportugues.uem.mz/storage/app/media/bibliografia/silviarvabralin2003b.pdf>. Acesso em 08 de Fev. 2024.

VIEIRA, Silvia Rodrigues. **Colocação pronominal nas variedades europeia, brasileira e moçambicana**: para a definição da natureza do clítico em Português. Orientadora: Silvia Figueiredo Brandão; Co-orientadores: Maria Antónia R. C. da Mota e João Antônio de Moraes, 2002. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras. 2002.

VIEIRA, Silvia Rodrigues. **O complexo comportamento da ordem dos clíticos em complexos verbais**. CELSUL, Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008. Disponível em [https://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/CELSUL\\_VIII/complexo\\_comportamento\\_da\\_ordem.pdf](https://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/CELSUL_VIII/complexo_comportamento_da_ordem.pdf). Acesso em 24 de Out. 2024

VIEIRA, Silvia Rodrigues; CORRÊA, Cristina Marcia Monteiro de Lima. **Colocação pronominal no Português do Brasil**: a contribuição de estudos de percepção auditiva. Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 52, p. 87-96, jan. 2017 DOI: <https://doi.org/https://doi.org/10.15448/1984-7726.2017.1.25277>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/lh/a/MRz3KQHsKSv6MTxNMFZ8XsS/?lang=pt>. Acesso em 08 de Ago. 2024.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. **Fundamentos Empíricos para uma Teoria de Mudança Linguística**. Tradução: Marcos Bagno. 1 ed. v. 4, São Paulo: Parábola Editorial, 2006.